Kurt Vonnegut

MATADOURO-CINCO



intrinseca

Matadouro 5

ou

A CRUZADA DAS CRIANÇAS

Uma dança de etiqueta com a morte

de

Kurt Vonnegut

Americano de origem alemã de quarta
geração que hoje vive tranquilamente
em Cape Cod [fumando muito]
e que, como soldado de infantaria americano
hors de combat, como prisioneiro de guerra,
testemunhou o bombardeio de Dresden, na
Alemanha, "a Florença do Elba", há muito
tempo, e sobreviveu para contar a história.
É uma novela que segue mais ou menos
o modo esquizofrênico e telegráfico
das histórias do planeta Tralfamador,
de onde vêm os discos voadores.
Paz.

Para Mary O'Hare

e Gerhard Müller

The cattle are lowing,

The Baby awakes.

But the little Lord Jesus

No crying He makes.[1]

1

TUDO ISTO ACONTECEU, mais ou menos. Pelo menos as partes que tratam da guerra são quase todas verdadeiras. Um sujeito que eu conhecia *foi* realmente morto em Dresden por ter levado uma chaleira que não era dele. Outro sujeito que eu conhecia *realmente* ameaçou mandar matar seus inimigos pessoais por pistoleiros profissionais depois da guerra. E assim por diante. Mudei todos os nomes.

Eu *realmente* cheguei a voltar a Dresden com o dinheiro da Fundação Guggenheim (que Deus a conserve) em 1967. Parecia-se muito com Dayton, Ohio, com mais espaços abertos do que Dayton tem. Deve haver toneladas de farinha de ossos no solo.

Voltei para lá com um velho camarada de armas, Bernard V. O'Hare, e fizemos amizade com um motorista de táxi, que nos levou ao matadouro onde éramos trancados de noite como prisioneiros de guerra. Seu nome era Gerhard Müller. Contou-nos que, durante algum tempo, foi prisioneiro dos americanos. Perguntamos-lhe que tal era viver sob o regime comunista e ele nos disse que, a princípio, foi horrível, porque todo mundo tinha de trabalhar tanto e porque havia pouca moradia, comida e roupa. Mas tudo estava muito melhor agora. Tinha um apartamento pequeno e simpático e sua filha estava recebendo uma educação excelente. A mãe dele foi incinerada na tempestade de fogo de Dresden. Coisas da vida.

Na época do Natal mandou um cartão postal a O'Hare dizendo:

> *"Desejo a você e à sua família e também ao seu amigo Feliz Natal e próspero Ano Novo e espero que voltemos a nos encontrar num mundo de paz e liberdade no táxi se o acaso quiser."*

• • •

Gosto muito de "*se o acaso quiser*".

Nem quero lhes contar o que essa droga de livro me custou em dinheiro, ansiedade e tempo. Quando voltei da Segunda Guerra Mundial, há 23 anos, achei que me seria fácil escrever sobre a destruição de Dresden, pois tudo que teria de fazer era relatar o que eu tinha visto. Pensei, também, que seria uma obra-prima ou que, pelo menos, me rendesse muito dinheiro, já que o assunto era tão importante.

Mas não eram muitas as palavras a respeito de Dresden, na época, que me brotaram da cabeça — de qualquer maneira, não eram suficientes para um livro. E também agora as palavras que me vêm não são muitas, quando sou um velho babão com suas memórias e seus *Pall Malls* e dois filhos adultos.

Fico pensando em como tem sido inútil a parte de minha memória sobre Dresden e como, não obstante, era tentador o assunto e me lembro dos famosos versos:

> *There was a young man from Stamboul,*

Who soliloquized thus to his tool:

"You took all my wealth

And you ruined my health,

And now you won't pee, you old fool."[2]

Lembro-me também da canção que diz:

Meu nome é Yon Yonson

Eu trabalho em Wisconsin,

Trabalho numa serraria de lá,

As pessoas que encontro caminhando na rua

Perguntam "Qual é o seu nome?"

E eu digo

Meu nome é Yon Yonson

Eu trabalho em Wisconsin...

E assim por diante, infinitamente.

No correr dos anos, muita gente me perguntou com frequência o que é que eu estava escrevendo e na maioria das vezes respondi que a coisa principal era um livro sobre Dresden.

Foi o que eu disse certa vez a Harrison Starr, o produtor de filmes; ele ergueu as sobrancelhas e perguntou:

— É um livro contra a guerra?

— É — respondi — acho que sim.

— Sabe o que é que eu digo às pessoas quando me dizem que estão escrevendo livros contra a guerra?

— Não sei. Que é que você diz, Harrison Starr?

— Eu digo, "por que é que, em vez disso, você não escreve um livro contra *geleiras*?

O que ele queria dizer, naturalmente, era que sempre haveria guerras e que era tão fácil detê-las como deter uma geleira. Acredito nisso também.

E mesmo que as guerras não ficassem aparecendo por aí, como geleiras, sempre haveria a morte, pura e simples.

• • •

Quando eu era um pouco mais jovem e estava escrevendo o meu famoso livro sobre Dresden, perguntei a um velha camarada de armas, Bernard V. O'Hare, se podia ir visitá-lo. Ele era promotor público na Pensilvânia. E eu era um escritor em Cape Cod. Havíamos sido soldados rasos na guerra, batedores de infantaria. Jamais tínhamos esperado ganhar dinheiro depois da guerra, mas ambos estávamos indo bastante bem.

Pedi à companhia telefônica que o encontrasse para mim. O pessoal é ótimo para essas coisas. Ultimamente tenho tido essa mania de noite, combinando bebida e telefone. Fico embriagado e afugento minha mulher com um hálito que parece gás mostarda e rosas. Em seguida, falando com gravidade e elegância, peço às telefonistas para me ligarem com um amigo ou outro, que não vejo há anos.

Foi assim que consegui falar com O'Hare. Ele é baixo, eu sou alto. Éramos como Mutt e Jeff[3] na guerra. Fomos capturados juntos. Disse-lhe no telefone quem eu era. Custou a acreditar. Estava de pé, lendo. Todo o mundo da casa dormia.

— Escute — disse eu. — Estou escrevendo um livro sobre Dresden. Preciso de ajuda para me lembrar de coisas. Será que eu podia ir aí para vê-lo e nós podíamos tomar uns drinques, conversar e recordar?

Não se mostrou entusiasmado. Disse que não conseguia se lembrar de muita coisa. Mas mandou que eu viesse.

— Acho que o clímax do livro será a execução do coitado do velho Edgar Derby — disse eu. — A ironia é tremenda. Uma cidade inteira é destruída pelo fogo e milhares e milhares de pessoas são mortas. E depois prendem esse soldado da infantaria americana nas ruínas porque apanhou uma chaleira. É submetido a um julgamento normal e executado por um pelotão de fuzilamento.

— Hum — disse O'Hare.

— Não acha que é aí que deve ocorrer o clímax?

— Não entendo nada disso — respondeu ele. — É a sua profissão, não a minha.

• • •

Como negociante de clímax, emoções, caracterizações e diálogos maravilhosos, suspense e confrontos, eu havia esboçado a história de Dresden muitas vezes. O melhor esboço que já fiz, ou, pelo menos, o mais bonito, foi no verso de um rolo de papel de parede.

Usei os lápis de cor de minha filha, uma cor diferente para cada

um dos personagens principais. Um extremo do papel de parede era o início da história e o outro extremo era o fim, e depois havia a parte do meio, que era o meio. E a linha azul encontrava a linha vermelha e depois a linha amarela, e a linha amarela terminava porque o personagem que ela representava estava morto. E assim por diante. A destruição de Dresden era representada por uma faixa sombreada cor de laranja e todas as linhas que ainda estavam vivas passavam por ela e saíam pelo outro lado.

O fim, onde todas as linhas terminavam, era uma plantação de beterrabas à margem do Elba, perto de Halle. Chovia a cântaros. A guerra na Europa havia terminado há duas semanas. Estávamos enfileirados, guardados por soldados russos — ingleses, americanos, holandeses, belgas, franceses, canadenses, sul-africanos, neozelandeses, australianos, milhares de nós, prestes a deixarmos de ser prisioneiros de guerra.

Do outro lado do campo havia milhares de russos, poloneses, iugoslavos e assim por diante, guardados por soldados americanos. A troca foi feita ali mesmo, debaixo da chuva — um homem por um homem. O'Hare e eu, junto com muitos outros, subimos no caminhão americano. O'Hare não levava nenhum *souvenir*. Quase todo mundo as tinha. Eu tinha, e ainda tenho um sabre cerimonial da *Luftwaffe*. O pequeno americano violento, que neste livro tem o nome de Paul Lazzaro, possuía quase meio quilo de diamantes, esmeraldas, rubis e assim por diante, que tinha tirado de cadáveres nos porões de Dresden. Coisas da vida.

Um inglês idiota, que havia perdido todos os dentes em algum lugar, guardava a sua recordação num saco de lona. O saco repousava em cima de meus pés. De vez em quando dava uma espiada dentro do

saco, revirava os olhos e girava o pescoço magro, procurando surpreender outras pessoas olhando com cobiça para o saco. E batia o saco nos meus pés.

Pensei que fosse acidental, mas estava enganado. Ele *tinha* de mostrar o conteúdo para alguém e tinha decidido que podia confiar em mim. Atraiu meu olhar, piscou e abriu o saco. Lá dentro havia um modelo de gesso da Torre Eiffel, pintado de dourado. Tinha um relógio.

— É um troço formidável — disse.

Fomos levados de avião para um campo de repouso na França, onde nos alimentaram com *milkshakes* maltados cheios de chocolate e outros produtos nutritivos, até ficarmos todos rechonchudos. Depois fomos embarcados de volta para casa, e casei com uma moça bonita também rechonchuda.

E tivemos filhos.

Todos estão crescidos agora e eu sou um velho babão com suas memórias e seus *Pall Malls*. Meu nome é Yon Yonson, trabalho em Wisconsin, numa serraria de lá.

De vez em quando tento telefonar para antigas namoradas, tarde da noite, quando minha mulher já está dormindo.

— Telefonista, será que me consegue o número da Sra. Fulana? Acho que ela mora na rua tal-e-tal.

— Sinto muito, meu senhor. Não tem ninguém registrado com esse nome.

— Obrigado, telefonista. Obrigado de qualquer forma.

E aí deixo o cachorro sair ou entrar e conversamos um pouco. Eu

dou a entender que gosto dele e ele dá a entender que gosta de mim. Não se importa com o cheiro de gás mostarda e rosas.

— Você é um amigão, Sandy — digo para o cachorro. — Sabe disso, Sandy? Você é boa praça.

De vez em quando ligo o rádio e ouço um programa falado de Boston ou Nova Iorque. Detesto música gravada quando andei bebendo um bocado.

Mais cedo ou mais tarde vou para a cama e minha mulher me pergunta as horas. Ela sempre precisa saber as horas. Algumas vezes não sei e respondo: — Sei lá.

De vez em quando penso na minha educação. Fui à Universidade de Chicago durante algum tempo, depois da Segunda Guerra Mundial. Fui aluno do Departamento de Antropologia. Naquele tempo ensinavam que não havia a menor diferença entre quem quer que fosse. Talvez estejam continuando a ensinar a mesma coisa.

Outra coisa que ensinavam era que ninguém era ridículo, mau ou revoltante. Pouco antes de morrer, meu pai me disse:

— Sabe que você nunca escreveu uma história com um vilão?

Disse-lhe que era uma das coisas que eu tinha aprendido na universidade.

• • •

Enquanto estudava antropologia, eu era também repórter policial do famoso *Chicago City News Bureau*, a 28 dólares por semana. Certa

vez me mudaram do turno da noite para o turno do dia, de modo que tive de trabalhar 16 horas sem interrupção. Trabalhávamos com todos os jornais da cidade, com a AP e com a UP[4] e tudo o mais. Nós fazíamos a cobertura dos tribunais, dos distritos policiais, do Corpo de Bombeiros, a Guarda Costeira no Lago Michigan e tudo isto. Tubos pneumáticos, que se estendiam sob as ruas de Chicago, nos ligavam às organizações com que trabalhávamos.

Os repórteres telefonavam as suas reportagens para os redatores que usavam fones e os redatores batiam os estênceis. As reportagens eram mimeografadas e enfiadas em cartuchos de latão e veludo, que eram devorados pelos tubos pneumáticos. Os repórteres e redatores mais durões eram mulheres contratadas para tomarem o lugar dos homens que haviam partido para a guerra.

E a primeira reportagem que eu fiz tive de ditar por telefone para uma dessas abomináveis garotas. Era a respeito de um jovem veterano que arranjara emprego como ascensorista de um velho elevador num edifício comercial. A porta do elevador do térreo era de ferro lavrado. Hera de ferro serpenteava pelas perfurações. Havia um galho de ferro com dois passarinhos de ferro empoleirados.

Esse veterano decidiu levar o elevador para o porão. Fechou a porta e começou a descer, mas a sua aliança ficou presa em todos aqueles ornamentos. Foi erguido no ar, o piso caiu de debaixo dos seus pés e o teto do elevador o esmagou. Coisas da vida.

Telefonei a reportagem e a mulher que ia fazer o estêncil perguntou: — Que é que a mulher dele disse?

— Ela não sabe ainda — respondi. — O negócio acaba de acontecer.

— Telefone para ela e obtenha uma declaração.

— Como é?

— Diga-lhe que você é Capitão Finn, da Polícia. Diga que tem uma notícia triste para lhe dar. Conte o que aconteceu e tome nota do que ela diz.

Foi o que eu fiz. Ela disse exatamente o que era de se esperar. Tinham um bebê. E assim por diante.

Quando voltei ao escritório, a redatora me perguntou, apenas para saber, como o cara esmagado ficou depois de ser esmagado.

Contei a ela.

— Você se sentiu mal? — perguntou. Comia uma barra de chocolate Três Mosqueteiros.

— Que nada, Nancy — respondi. — Vi coisa muito pior na guerra.

• • •

Já então eu estava presumivelmente escrevendo um livro a respeito de Dresden. Na época não era um ataque aéreo muito conhecido nos Estados Unidos. Poucos americanos sabiam que havia sido pior do que Hiroshima, por exemplo. Nem eu sabia. Não tinha havido muita publicidade.

Por acaso falei a um professor da Universidade de Chicago, num coquetel, sobre o bombardeio como eu o tinha visto e lhe contei do livro que ia escrever. Ele era membro de um negócio chamado O Comitê de Pensamento Social. E ele me falou dos campos de concentração, e como os alemães tinham feito sabão e velas da

gordura de judeus mortos e assim por diante.

Tudo que pude dizer foi: — Eu sei, eu sei. Eu *sei*.

• • •

A Segunda Guerra Mundial tinha endurecido todo o mundo. Eu obtive um emprego no setor de relações públicas na General Motors em Schenectady, e me tornei membro voluntário do corpo de bombeiros no povoado de Alplaus, onde comprei a minha primeira casa. Meu patrão era um dos sujeitos mais durões que já vi. Tinha sido tenente-coronel no setor de relações públicas em Baltimore. Quando eu estava em Schenectady ele ingressou na Igreja Reformista Holandesa, que é uma igreja bem durona.

De vez em quando me perguntava, em tom de zombaria, por que é que eu não tinha sido oficial, como se eu tivesse feito alguma coisa imprópria.

Minha mulher e eu não estávamos mais rechonchudos. Aqueles eram os nossos anos magricelas. Nossos amigos eram uma porção de veteranos magricelas casados com mulheres magricelas. Os veteranos mais simpáticos de Schenectady, pensei eu, os mais bonzinhos e os mais engraçados, os que mais odiavam a guerra, eram os que realmente haviam lutado no *front*.

Nessa época escrevi para a Força Aérea, perguntando detalhes sobre o ataque contra Dresden, quem havia dado a ordem, quantos aviões participaram, porque o realizaram, quais haviam sido os resultados e assim por diante. Recebi uma resposta de um homem que, assim como eu, estava no setor de relações públicas. Disse que

sentia muito mas que a informação continuava sendo considerada como altamente confidenciais.

Li a carta em voz alta para a minha mulher e disse:

— Confidenciais? Meu Deus... para *quem*?

• • •

Na época, éramos todos a favor da Federação do Mundo Unido[5]. Não sei o que somos hoje. Telefonistas, acho eu. Telefonamos um bocado — pelo menos eu telefono, tarde da noite.

• • •

Umas duas semanas depois de ter telefonado para o meu velho camarada de armas, Bernard V. O'Hare, fui realmente visitá-lo. Deve ter sido em 1964 ou por aí — não me lembro ao certo do último ano da Feira de Nova Iorque. *Eheu, fugaces labuntur anni*[6]. Meu nome é Yon Yonson. Era uma vez um jovem de Istambul.

Levei comigo duas meninas: minha filha Nanny e sua melhor amiga, Allison Mitchell. Nunca tinham saído de Cape Cod. Quando vimos um rio, tivemos de parar para que pudessem olhar para ele e pensar um pouco a respeito. Jamais haviam visto antes água nessa forma longa, estreita e doce. O rio era o Hudson. Vimos algumas carpas. Eram do tamanho de submarinos atômicos.

Vimos, também, quedas d'água, rios saltando de rochas para o vale do Delaware. Havia muitos lugares para a gente se deter e ficar olhando — e depois era hora de ir andando, sempre hora de ir

andando. As garotinhas usavam vestidos de festa brancos e sapatos de festa pretos, para que todos soubessem como elas eram boazinhas.

— É hora de ir andando — dizia eu. E íamos andando.

O sol se pôs e jantamos num restaurante italiano e depois bati na porta da frente da linda casa de pedras de Bernard V. O'Hare. Eu carregava uma garrafa de uísque irlandês como se fosse uma sineta.

• • •

Conheci a simpática mulher de Bernard, e a ela dedico este livro. Dedico-o também a Gerhard Müller, o motorista de táxi de Dresden. Mary O'Hare é enfermeira formada, o que é uma linda profissão para uma mulher.

Mary admirou as duas garotinhas que eu tinha trazido, apresentou-as aos seus próprios filhos e mandou todo mundo subir para brincar e ver televisão. Foi só depois que as crianças desapareceram que percebi que Mary não gostava de mim ou que não gostava de *alguma coisa* a respeito da noite. Mostrou-se cortês mas fria.

— É uma casa muito gostosa, a sua — disse eu. E era verdade.

— Arranjei um cantinho para vocês conversarem sem interrupções — disse ela.

— Ótimo — respondi, imaginando duas velhas poltronas perto de uma lareira, numa sala com as paredes revestidas de madeira, onde dois velhos soldados pudessem beber e conversar. No entanto, ela nos levou para a cozinha. Tinha colocado duas cadeiras de encosto reto numa mesa de tampo de porcelana branca. A luz de uma lâmpada de

200 *watts* se refletia no tampo de maneira ofuscante. Mary tinha preparado uma sala de operações. Havia apenas um copo em cima da mesa, para mim. Explicou que, desde a guerra, O'Hare não mais suportava bebida forte.

Sentamo-nos. O'Hare estava sem jeito, mas não me quis dizer o que é que havia. Eu não tinha a menor ideia do que pudesse ter deixado Mary tão irritada comigo. Eu era um homem de família. Tinha casado uma só vez. Não era um bêbedo. Não tinha feito qualquer sujeira ao marido dela durante a guerra.

Tirou uma coca-cola para si mesma e fez muito barulho batendo com a bandeja de gelo na pia de aço inoxidável. Depois foi para outra parte da casa. Mas não ficava quieta. Ia de um lugar para outro, abrindo e fechando portas, até mesmo mudando a posição de alguns móveis, para dar vazão à sua raiva.

Perguntei a O'Hare o que é que eu tinha feito para levá-la a agir dessa forma.

— Não é nada — respondeu. — Não se preocupe. Não tem nada a ver com você. — Era gentileza dele. Estava mentindo. Tinha tudo a ver comigo.

Assim, procuramos não dar importância a Mary e lembrar-nos da guerra. Tomei dois tragos da bebida que eu tinha trazido. Demos algumas risadas, trocamos sorrisos, como se estivéssemos recordando alguma história, mas ninguém se lembrou de coisa que prestasse. O'Hare lembrou-se de um sujeito que tinha se enchido de vinho em Dresden, antes do bombardeio, e que tivemos de levar para casa num carrinho de mão. Não era assunto para um livro. Eu me lembrei de dois soldados russos que haviam saqueado uma fábrica de relógios.

Tinham uma carroça puxada a cavalo cheia de relógios. Estavam felizes e bêbedos. Fumavam cigarros imensos feitos de jornal.

Isso era *tudo* que tínhamos de memórias e Mary continuava a fazer barulho. Finalmente tornou a entrar na cozinha em busca de outra coca-cola. Tirou mais uma bandeja de gelo, bateu com ela na pia, embora ainda houvesse muito gelo da primeira.

Depois me encarou, para me mostrar como estava zangada e que sua raiva era dirigida contra mim. Tinha estado falando sozinha, de modo que o que ela disse era um fragmento de uma conversa muito mais ampla.

— Vocês não passavam de *crianças* na época! — disse ela.

— Como é? — perguntei.

— Vocês eram *crianças* durante a guerra... como aquelas que estão lá em cima!

Concordei com a cabeça. *Tínhamos* sido virgens tolos durante a guerra, bem no fim de nossa infância.

— Mas não é desse jeito que você vai descrever. — Não era uma pergunta, mas sim uma acusação.

— Não sei — respondi.

— Bem, *eu* sei — disse ela. — Vocês farão de conta que eram homens em vez de crianças e suas vidas serão interpretadas no cinema por Frank Sinatra, John Wayne ou algum outro desses velhos safados e glamurosos defensores da guerra. E a guerra parecerá formidável e teremos muitas guerras mais, que serão lutadas por crianças como aquelas lá em cima.

E então compreendi. Era a guerra que lhe dava raiva. Não queria

ver seus filhos, nem os de outros, mortos em guerras. E achava que as guerras eram, em parte, estimuladas por livros e filmes.

• • •

Aí levantei a mão direita e lhe fiz uma promessa.

— Mary — disse eu — não creio que esse meu livro jamais chegue a ser terminado. Devo ter escrito umas cinco mil páginas até agora e rasguei todas elas. Mas uma coisa eu lhe prometo: se algum dia eu chegar a terminá-lo, não terá papéis que sirvam para Frank Sinatra ou John Wayne. E mais uma coisa — eu disse. — Vou chamá-lo de "*A cruzada das crianças*".

Desde então ela se tornou minha amiga.

• • •

O'Hare e eu desistimos de nos lembrar, fomos à sala de estar e falamos de outras coisas. Ficamos curiosos a respeito da verdadeira Cruzada das Crianças, e O'Hare foi procurar um livro que tinha, chamado *Ilusões Populares e a Loucura das Massas*, de Charles Mackay, LL.D. [7] A primeira edição datava de 1841, em Londres.

Mackay tinha uma opinião desfavorável de todas as Cruzadas. A Cruzada das Crianças lhe parecia apenas um pouco mais sórdida do que as dez Cruzadas para adultos. Em voz alta, O'Hare leu este belo trecho:

Em suas páginas solenes, a História nos conta que os

cruzados não passavam de homens ignorantes e selvagens, que os seus motivos eram os da intolerância desenfreada e que o seu caminho era o de sangue e lágrimas. O Romance, por outro lado, estende-se a respeito de sua devoção e heroísmo, e retrata, em cores brilhantes e apaixonadas, sua virtude e magnanimidade, as imperecíveis honras que conquistaram e os grandes serviços que prestaram à Cristandade.

Em seguida, O'Hare leu:

Ora, qual foi o resultado de todas essas lutas? A Europa gastou milhões de seus tesouros e o sangue de dois milhões de sua gente; e uma porção de cavaleiros briguentos conservou a posse da Palestina por cerca de cem anos!

Mackay nos contou que a Cruzada das Crianças começou em 1213, quando dois monges tiveram a ideia de recrutar exércitos de crianças na Alemanha e na França e de vendê-las na África do Norte como escravos. Trinta mil crianças se apresentaram, pensando que seguiriam para a Palestina. "*Eram, sem dúvida, crianças desocupadas e abandonadas, que costumam abundar nas grandes cidades, criadas no vício e no crime*," disse Mackay, "*e dispostas a tudo*."

O Papa Inocêncio III também pensou que elas fossem para a Palestina e ficou emocionado.

— Estas crianças estão acordadas enquanto dormimos! — exclamou.

As crianças foram embarcadas em Marselha e cerca da metade morreu afogada em naufrágios. A outra metade chegou à África do Norte, onde foi vendida.

Por um equívoco, algumas das crianças se apresentaram em Gênova, onde não havia navios de escravos à sua espera. Foram alimentadas e abrigadas e interrogadas gentilmente pela boa gente de lá; depois deram-lhes um pouco de dinheiro, muitos conselhos e mandaram-nas de volta para casa.

— Viva a boa gente de Gênova — disse Mary O'Hare.

Naquela noite dormi num dos quartos das crianças. O'Hare havia posto um livro na minha mesa de cabeceira. Chamava-se *Dresden, história, palco e galeria*, de Mary Endell. Foi publicado em 1908 e a introdução começava assim:

> *Espero que este pequeno livro se mostrará útil. Procura dar ao público leitor inglês uma impressão geral de como Dresden chegou a ser o que é do ponto de vista da arquitetura; de como se expandiu musicalmente, pelo gênio de alguns poucos, para atingir o seu vigor atual; e chama a atenção para certos marcos permanentes na arte que fazem de sua Galeria o reduto dos que buscam impressões duradouras.*

Um pouco mais adiante, li:

Em 1760 Dresden foi sitiada pelos prussianos. O canhoneio começou no dia 15 de julho. A Galeria de Arte incendiou-se. Muitos dos quadros haviam sido trasladados ao Königstein, mas alguns ficaram seriamente danificados por estilhaços de bombas, notadamente, o "Batismo de Cristo", de Francia. Ademais, a imponente torre da Kreuzkirche, da qual os movimentos do inimigo vinham sendo observados dia e noite, estava em chamas e, mais tarde, ruiu. Em vigoroso contraste com o lamentável destino da Kreuzkirche havia a Frauenkirche, das curvas de cuja cúpula as bombas prussianas resvalavam como chuva. Friedrich foi finalmente obrigado a desistir do sítio, pois soube da queda de Glatz, o ponto crítico de suas novas conquistas. "Precisamos partir para a Silésia, para não perdermos tudo".

A devastação de Dresden era imensa. Quando Goethe, então jovem estudante, visitou a cidade, ainda encontrou melancólicas ruínas: "Von der Kuppel der Frauenkirche sah ich diese leidigen Trümmer zwischen die schone stadtische Ordnung hineingesat; da rühmte mir der Küster die Kunst des Baumeisters, welcher Kircheund Kuppel aut einen so unerwünschten Fali schon eingerichtet und bombenfest erbaut hatte. Der gute Sakristan deutete mir alsdann auf Ruinen nach allen Seiten und sagte bedenklich lakonisch: Das hat der Feind gethan!"[8]

• • •

Na manhã seguinte, as duas garotinhas e eu atravessamos o Rio Delaware no mesmo lugar onde George Washington o tinha feito. Fomos à Feira Mundial de Nova Iorque e vimos o que tinha sido o passado, segundo a Companhia de Automóveis Ford e Walt Disney; vimos o que seria o futuro, segundo a General Motors.

E me perguntei a respeito do presente: o quanto era amplo, o quanto era profundo e quanto dele me pertencia.

• • •

Depois disso, ensinei criação literária na famosa Oficina de Escritores, da Universidade de Iowa, durante dois anos. Meti-me em encrencas indescritíveis e consegui me safar delas. Ensinava à tarde. De manhã escrevia. Não podia ser interrompido. Estava escrevendo o meu famoso livro sobre Dresden.

E em certo momento dessa época um homem simpático chamado Seymour Lawrence me ofereceu um contrato para três livros e eu disse:

— Muito bem, o primeiro dos três será o meu famoso livro sobre Dresden.

Os amigos de Seymour Lawrence o chamam de "Sam". E agora digo a Sam:

— Sam, aqui está o livro.

• • •

É tão curto e confuso e misturado, Sam, porque não há nada de inteligente a dizer sobre um massacre. Todo o mundo está presumivelmente morto, ninguém mais volta a falar ou a precisar de alguma coisa. Tudo está presumivelmente muito quieto depois de um massacre, e está mesmo, com exceção dos passarinhos.

E que dizem os passarinhos? Tudo o que há para dizer a respeito de um massacre, coisas como "*Piu-piu-piu?*"

• • •

Eu disse aos meus filhos que, de modo algum, devem participar de massacres e que a notícia de massacres infligidos a inimigos não deve enchê-los de satisfação ou júbilo.

• • •

Disse-lhes também que não trabalhassem para companhias que fabricam máquinas para massacres e que expressassem o seu desprezo por pessoas que acham que precisamos de tais máquinas.

• • •

Como já disse, retornei recentemente a Dresden, com meu amigo O'Hare. Divertimo-nos muito em Hamburgo, em Berlim Ocidental e Berlim Oriental, em Viena e Salzburgo, em Helsinki e também em Leningrado. Tudo isto me foi muito útil, porque vi uma porção de ambientes para histórias fictícias que escreverei mais tarde. Uma delas

será "*Barroco Russo*", outra será "*É proibido beijar*", outra será "*Bar dos Dólares*" e outra será "*Se o acaso quiser*", e assim por diante.

E assim por diante.

• • •

Havia um avião da Lufthansa que devia ir da Filadélfia para Boston e de lá para Frankfurt. O'Hare embarcaria na Filadélfia e eu em Boston e seguiríamos juntos. Mas Boston estava sem teto, de modo que o avião seguiu diretamente da Filadélfia para Frankfurt. E eu me transformei numa não-pessoa no nevoeiro de Boston e a Lufthansa me colocou numa limusine com outras não-pessoas e nos mandaram para um motel por uma não-noite.

O tempo não passava. Alguém estava brincando com os relógios, não apenas com os elétricos, mas também os de corda. O ponteiro dos segundos do meu relógio dava um tremelico, depois de um ano dava mais um tremelico.

Não havia nada que eu pudesse fazer a respeito. Como um terráqueo eu tinha de acreditar no que diziam os relógios — e os calendários.

• • •

Eu levava dois livros comigo que tinha planejado ler a bordo. Um era *Palavras para o vento*, de Theodore Roethke, e foi isso que encontrei nele:

Do sono com lentidão desperto.

Sinto meu destino naquilo que não temo.

Caminhando aprendo o rumo certo.

O outro livro era *Céline e sua visão*, de Erika Ostrovsky. Céline era um valente soldado francês na Primeira Guerra Mundial, até que lhe racharam o crânio. Depois disso não conseguia dormir e ouvia ruídos na própria cabeça. Tornou-se médico e de dia tratava da gente pobre e escrevia novelas grotescas a noite toda. *Nenhuma arte é possível sem uma dança com a morte*, escreveu.

A verdade é a morte, escreveu ele. *Lutei bravamente contra ela enquanto pude... dancei com ela, cobri-a de grinaldas, conduzi-a em compasso de valsa... enfeitei-a de serpentinas, acariciei-a...*

O tempo o obcecava. A Srta. Ostrovsky trouxe à minha memória a espantosa cena em *Morte a crédito*, quando Céline quer deter o movimento apressado de uma multidão nas ruas. Ele grita no papel: *Faça-os parar... não deixe que voltem a se movimentar... Assim, congele-os... de uma vez por todas!... Para que não tornem a desaparecer!*

• • •

Folheei a Bíblia no meu quarto de motel, à procura de grandes destruições. *O sol havia se levantado sobre a Terra quando Lot entrou em Zoar,* li. *Então o Senhor fez chover enxofre e fogo dos céus sobre Sodoma e Gomorra; e Ele destruiu as cidades e toda a área ao redor e todos os moradores das duas cidades e tudo o que crescia de*

suas terras..

Coisas da vida.

A gente daquelas duas cidades era malvada, como bem se sabe. O mundo melhorou sem ela.

A mulher de Lot, naturalmente, recebeu ordem de não olhar para trás, para onde tinham existido a gente e suas casas. Ela, porém, *olhou* mesmo para trás e eu a amo por isso, porque foi um gesto tão humano.

E assim ela foi transformada numa estátua de sal. Coisas da vida.

• • •

As pessoas não devem olhar para trás. Eu é que não vou fazê-lo mais.

Terminei agora o meu livro de guerra. O próximo que eu escrever vai ser divertido.

Este aqui é um fracasso e não podia deixar de ser, pois foi escrito por uma estátua de sal. Começa assim:

Escutem:

Billy Pilgrim soltou-se no tempo.

Termina assim:

Piu-piu-piu?

2

ESCUTEM:

Billy Pilgrim soltou-se no tempo.

Billy foi dormir como um viúvo senil e acordou no dia de seu casamento. Passou por uma porta em 1955 e saiu por outra em 1941. Voltou por esta porta e estava em 1963. Diz ele que viu o seu próprio nascimento e a sua morte muitas vezes e costuma visitar todos os acontecimentos entre eles.

Diz ele.

Billy tem espasmos no tempo, não pode controlar onde vai parar e as viagens não são necessariamente divertidas. Diz ele que vive num estado constante de febre de bastidores, porque nunca sabe qual o papel de sua vida que terá de interpretar em seguida.

• • •

Billy nasceu em 1922 em Ilium, Nova Iorque, filho único de um barbeiro local. Era um menino de aspecto engraçado que se transformou num rapaz de aspecto engraçado — alto e frágil e com o contorno de uma garrafa de coca-cola. Formou-se pela Escola de Ilium, entre o primeiro terço da turma, e frequentou as aulas noturnas da escola de Optometria de Ilium durante um semestre antes de ser

convocado para o serviço militar na Segunda Guerra Mundial. Seu pai morreu num acidente de caça durante a guerra. Coisas da vida.

Billy tomou parte na ação com a infantaria na Europa e foi feito prisioneiro dos alemães. Após a sua baixa do Exército em 1945, Billy voltou a se matricular na Escola de Optometria de Ilium. Durante o seu último ano, ficou noivo da filha do fundador e proprietário da escola e em seguida sofreu um ligeiro colapso nervoso.

• • •

Foi tratado num hospital para veteranos perto de Lake Placido, onde fez terapia de choque e recebeu alta. Casou com sua noiva, terminou seus estudos e o sogro montou um negócio para ele em Ilium. É uma cidade muito boa para optometristas, pois é lá que funciona a Companhia Geral de Forjas e Fundições. Cada operário é obrigado a ter um par de óculos de segurança e a usá-los nas áreas em que se processa a manufatura. A CGF&F tem 68.000 empregados em Ilium. Isto representa um bocado de lentes e de armações.

E as armações é que dão o dinheiro.

• • •

Billy ficou rico. Tinha dois filhos, Barbara e Robert. Com o passar do tempo, Barbara se casou com outro optometrista e Bill montou um negócio para ele. Robert teve muitos problemas na escola, mas depois ingressou nos famosos Boinas Verdes. Endireitou sua vida, tornou-se um rapaz de bem e lutou no Vietnã.

No início de 1968, um grupo de optometristas, entre eles Billy,

fretou um avião para levá-los de Ilium a uma convenção internacional de optometristas em Montreal.

O avião bateu no pico do Monte Sugarbush, em Vermont. Todos morreram, menos Billy. Coisas da vida.

Enquanto Billy convalescia num hospital em Vermont, sua mulher morreu acidentalmente envenenada por monóxido de carbono. Coisas da vida.

• • •

Quando Billy finalmente voltou para Ilium, depois do desastre do avião, ficou quieto durante algum tempo. Tinha uma cicatriz horrível no alto da cabeça. Não voltou à profissão. Tinha uma governanta. Sua filha vinha vê-lo quase todos os dias.

E então, de repente, Billy foi a Nova Iorque e participou de um programa de rádio que ficava no ar a noite toda e era dedicado a palestras. Contou como soltou-se no tempo. Disse, ainda, que havia sido sequestrado por um disco voador em 1967. O disco era do planeta Tralfamador, disse ele. Foi levado para lá e exibido num jardim zoológico. Ali foi cruzado com uma terráquea, ex-estrela de cinema, chamada Montana Wildhack.

• • •

Alguns indivíduos insones em Ilium ouviram Billy no rádio e um deles telefonou para Barbara, a filha de Billy. Barbara ficou perturbada. Ela e o marido foram para Nova Iorque e levaram Billy para casa. Billy insistia brandamente que tudo quanto tinha dito no rádio era verdade.

Disse que havia sido sequestrado pelos tralfamadorianos na noite do casamento de sua filha. Sua falta não havia sido notada, disse ele, porque os tralfamadorianos o tinham levado por distorção no tempo, de modo que lhe era possível passar vários anos em Tralfamador e estar ausente da Terra por apenas um microsegundo.

Mais um mês passou sem incidente e depois Billy escreveu uma carta ao *News Leader* de Ilium e que foi publicada pelo jornal, descrevendo as criaturas de Tralfamador.

A carta dizia que mediam sessenta centímetros, eram verdes e tinham a forma de um desentupidor de pias. As ventosas se apoiavam no solo e as hastes, que eram extremamente flexíveis, em geral apontavam para o céu. No alto de cada haste havia uma pequena mão verde com um olho no meio da palma. As criaturas eram amistosas e podiam ver em quatro dimensões. Sentiam pena dos terráqueos porque viam apenas em três. Tinham muitas coisas maravilhosas a ensinar aos terráqueos, especialmente sobre o tempo. Algumas dessas coisas maravilhosas Billy prometeu revelar na carta seguinte.

• • •

Billy estava redigindo a segunda carta quando a primeira foi publicada. A segunda começava assim:

> *"O fato mais importante que aprendi em Tralfamador foi que quando uma pessoa morre, ela apenas parece morrer. Ela continua bem viva no passado, portanto é tolice chorar no seu enterro. Todos os momentos,*

passados, presentes e futuros, sempre existiram e sempre existirão. Os tralfamadorianos podem olhar para todos os momentos diferentes, assim como nós podemos olhar, por exemplo, para uma extensão das Montanhas Rochosas. Eles podem ver como são permanentes todos os momentos e podem olhar para qualquer momento que os interessar. É uma ilusão que temos aqui na Terra, de que um momento se segue ao outro, como contas num fio, e que, uma vez um momento tenha passado, ele se foi para sempre.

"Quando um tralfamadoriano vê um cadáver, tudo o que pensa é que a pessoa morta está em más condições naquele momento particular, mas que essa mesma pessoa está muito bem em numerosos outros momentos. Agora, quando me dizem que alguém está morto, simplesmente encolho os ombros e repito o que os tralfamadorianos dizem a respeito de gente morta: 'Coisas da vida'".

• • •

E assim por diante.

Billy estava escrevendo essa carta na sala de jogos do porão de sua casa vazia. Era o dia de folga da governanta. Havia uma velha máquina de escrever na sala. Era um monstro. Pesava tanto quanto uma bateria de carro. Billy tinha dificuldade de carregá-la mais do que uma pequena distância; era por isso que escrevia na sala de jogos e não em outro quarto.

O aquecedor a óleo estava desregulado. Um camundongo tinha roído o isolamento de um fio que levava ao termostato. A temperatura na casa caíra para dez graus, mas Billy não tinha notado. Nem estava usando roupa quente. Estava descalço, ainda de pijama e roupão, embora a tarde tivesse terminado. Seus pés eram azuis e cor de marfim.

Mas o âmago de Billy ardia como carvão em brasa. O que o esquentava tanto era a certeza que tinha de que ia dar conforto a tanta gente contando a verdade a respeito do tempo. O carrilhão de cima da porta da frente vinha tocando sem parar. Era a sua filha Barbara que estava lá, querendo entrar. Finalmente abriu a porta com a sua chave, cruzou a sala acima dele, chamando: — Pai? Papai, cadê você? — E assim por diante.

Billy não respondeu, deixando-a quase histérica e receando encontrar o seu cadáver. E por fim foi ver o último lugar que *havia* para ver — a sala de jogos.

• • •

— Por que não me respondeu quando chamei? — Perguntou Barbara, da porta da sala de jogos. Trazia o jornal da tarde, aquele em que Billy descrevia os seus amigos de Tralfamador.

— Não *ouvi* você — respondeu Billy.

A orquestração do momento era a seguinte: Barbara tinha apenas 21 anos de idade, mas considerava o seu pai senil, embora não tivesse mais de 46 — senil porque o acidente do avião lhe tinha afetado o cérebro. Julgava-se também o chefe da família, já que ela teve de tratar

do enterro da mãe, já que ela teve de arranjar uma governanta para Billy, e tudo isso. Além do mais, Barbara e seu marido eram obrigados a cuidar dos interesses comerciais de Billy, que eram consideráveis, pois Billy não parecia dar a mínima para os negócios. Todas essas responsabilidades, impostas a uma pessoa jovem, fizeram dela uma mexeriqueira irritadiça. Enquanto isso, Billy procurava se agarrar à sua dignidade e convencer Barbara e todos os outros de que ele estava longe de ser senil, que, ao contrário, estava se dedicando a uma vocação muito mais elevada do que o mero negócio.

O que estava fazendo agora, segundo pensava, era receitar lentes corretivas para as almas terráqueas. Havia tantas almas perdidas e infelizes, acreditava Billy, porque não enxergavam tão bem quanto os seus amiguinhos verdes de Tralfamador.

• • •

— Não minta, Papai — disse Barbara. — Sei perfeitamente que você me ouviu quando eu chamei. — Era uma jovem razoavelmente bonita, só que suas pernas eram como as de um piano de cauda da época eduardiana. Agora passou-lhe um sermão por causa da carta no jornal.

Disse que ele e todos ligados a ele estavam sendo alvo da zombaria geral.

— Papai, Papai, Papai — disse Barbara — que é que *vamos* fazer com você? Quer nos obrigar a botá-lo no mesmo lugar que sua mãe? — A mãe de Billy ainda vivia. Passava os dias na cama de um asilo de velhos chamado Pine Knoll, nos arredores de Ilium.

— Que é que tem essa carta que lhe dá tanta raiva? — Billy quis

saber.

— Porque é loucura. Nada disso é verdade!

— É tudo verdade. — A raiva jamais dominava Billy. Nunca ficava enfurecido. Nesse sentido ele era formidável.

— Não existe planeta nenhum chamado Tralfamador.

— Não pode ser observado da Terra, se é isto que você quer dizer — respondeu Billy. — Tampouco a Terra pode ser observada de Tralfamador. São ambos muito pequenos e muito distantes um do outro.

— Onde é que você arranjou um nome doido como Tralfamador?

— É como o *chamam* as criaturas que vivem lá.

— Deus do céu — disse Barbara virando-lhe as costas. Rendeu tributo à frustração batendo palmas. — Posso lhe fazer uma pergunta simples?

— Claro.

— Por que é que você nunca falou nisso antes do desastre?

— Porque a hora não tinha *chegado*.

• • •

E assim por diante. Billy diz que a primeira vez que soltou-se no tempo foi em 1944, muito antes de sua viagem a Tralfamador. Os tralfamadorianos nada tinham a ver com o fato de ele ter ficado solto. Apenas puderam dar-lhe compreensão clara do que estava realmente acontecendo.

Billy soltou-se a primeira vez ainda durante a Segunda Guerra

Mundial. Era assistente de capelão. Um assistente de capelão é geralmente vítima de piadas no Exército Americano. Billy não foi exceção. Não tinha poderes nem para prejudicar o inimigo nem para ajudar os amigos. Na realidade, não tinha amigos. Era criado de um pregador, não esperava promoções nem medalhas, não portava armas e tinha uma fé humilde num Jesus amoroso que a maioria dos soldados achava nojenta.

Enquanto estava em manobras na Carolina do Sul, Billy tocava hinos que ele conhecia desde a infância num pequeno órgão preto à prova d'água. O instrumento tinha 39 teclas e dois registros — *vox humana* e *vox celeste*. Billy também estava encarregado do altar portátil, uma pasta verde-oliva, com pernas de encaixar. Era forrado de pelúcia vermelha e aninhado naquela pelúcia ardente repousava uma cruz de alumínio anodizado e uma Bíblia.

O altar e o órgão anunciavam ser produtos de uma companhia de aspiradores de pó em Camden, New Jersey.

• • •

Certa vez, durante as manobras, Billy tocava "*Nosso Deus é Uma Fortaleza Poderosa*", com música de Johann Sebastian Bach e texto de Martinho Lutero. Era domingo de manhã. Billy e seu capelão haviam reunido uma congregação de cerca de 50 soldados num morro da Carolina. Surgiu um árbitro. Havia árbitros em todos os lugares, homens que determinavam quem estava ganhando ou perdendo a batalha teórica, quem estava vivo e quem estava morto.

O árbitro tinha uma noticia engraçada. A congregação havia sido notada teoricamente do ar por um inimigo teórico. Estavam agora

todos mortos teoricamente. Os cadáveres teóricos riram e comeram um almoço farto.

Recordando o incidente anos mais tarde, Billy ficou impressionado com o caráter tralfamadoriano da aventura, de estar morto e comer ao mesmo tempo.

Quase no fim das manobras, Billy recebeu uma licença de emergência, porque seu pai, barbeiro em Ilium, Nova Iorque, fora morto pelo tiro de um amigo, enquanto os dois caçavam veados. Coisas da vida.

• • •

Quando Billy voltou da licença, recebeu ordens de seguir para o exterior. Precisavam dele no quartel-general de um regimento de infantaria que lutava em Luxemburgo. O assistente do capelão havia tombado em ação. Coisas da vida.

Quando Billy se juntou ao regimento, este estava em vias de ser destruído pelos alemães na famosa Batalha do Bulge. Billy nem sequer chegou a conhecer o capelão que lhe cabia assistir, nem jamais recebeu um capacete de aço ou botas de campanha. Isto foi em dezembro de 1944, durante a última grande ofensiva alemã.

Billy sobreviveu, mas ficou perambulando, aturdido, muito atrás das novas linhas alemães. Três outros que também perambulavam, se bem que menos aturdidos, permitiram que Billy se juntasse a eles. Dois deles eram batedores, o terceiro era um artilheiro antitanque. Não tinham comida nem mapas. Evitando os alemães, entregavam-se a silêncios rurais ainda mais profundos. Comiam neve.

Seguiam em fila indiana. Primeiro os batedores, inteligentes, ágeis, silenciosos. Tinham fuzis. Em seguida o artilheiro antitanque, desajeitado e denso, assustando os alemães com uma Colt automática .45 numa das mãos e uma faca de trincheira na outra.

Por último vinha Billy Pilgrim, de mãos vazias, melancólico e preparado para a morte. Billy tinha um aspecto absurdo — um metro e noventa de altura, com o peito e os ombros feito uma caixa de fósforos. Não tinha capacete, sobretudo, arma ou botas. Calçava sapatos civis de gáspea baixa que ele havia comprado para o enterro do pai. Tinha perdido um dos saltos e isto o fazia saltitar, para cima e para baixo, para cima e para baixo. Essa dança involuntária, para cima e para baixo, para cima e para baixo, causava-lhe dor nas juntas da bacia.

Billy usava uma fina jaqueta de campanha, camisa e calças de lã grosseira e ceroulas longas empapadas de suor. Era o único dos quatro que tinha barba. Era uma barba irregular e eriçada, e alguns dos fios eram brancos, embora Billy tivesse apenas 21 anos. E, além disso, estava ficando calvo. O vento, o frio e o exercício violento tinham dado um tom escarlate ao seu rosto.

Nem parecia um soldado. Parecia um flamingo imundo.

• • •

E no terceiro dia de sua caminhada, alguém disparou contra eles de um ponto distante — disparou quatro vezes enquanto atravessavam um caminho estreito calçado de tijolos. Um dos tiros era para os batedores. O tiro seguinte era para o artilheiro antitanque, cujo nome era Roland Weary.

A terceira bala era para o flamingo imundo, que parou bem no centro do caminho quando a abelha mortífera passou zumbindo pelo seu ouvido. Billy ficou em pé educadamente, dando outra oportunidade ao atirador. Segundo a sua interpretação imbecil das leis de guerra, era *obrigatório* dar uma outra oportunidade ao atirador. O tiro seguinte errou os joelhos de Billy por poucos centímetros, tirando um fino, a julgar pelo som.

Roland Weary e os batedores estavam a salvo numa vala e Weary rosnou para Billy:

— Não foda o juízo da mãe e saia do meio da estrada. — A expressão ainda era uma novidade na linguagem da gente branca em 1944. Era refrescante e surpreendente para Billy, que nunca tinha fodido ninguém... e funcionou. Fez com que acordasse e saísse do caminho.

• • •

— Salvei sua vida mais uma vez, débil mental — disse Weary a Billy na vala. Há dias que vinha salvando a vida de Billy, xingando-o, acertando-lhe pontapés, esbofeteando-o, obrigando-o a ficar em movimento. Era absolutamente necessário usar de crueldade, pois Billy nada fazia para salvar a si próprio. Billy queria desistir. Tinha frio e fome, sentia-se desajeitado e incompetente. Mal podia distinguir entre sono e vigília e agora, no terceiro dia, tampouco notou diferenças importantes entre andar e ficar parado.

Queria que todo o mundo o deixasse em paz.

— Vão andando e me deixem — repetia.

Weary não tinha mais experiência de guerra do que Billy. Também era da tropa de reserva. Como parte de uma equipe de artilheiros, tinha ajudado a disparar um tiro. De um canhão antitanque de 57 milímetros. A arma produziu um som como o fecho da braguilha do Todo Poderoso sendo aberto violentamente. O canhão devorou a neve e a vegetação como a chama de um maçarico de dez metros de comprimento. A chama deixou uma flecha negra no solo, mostrando aos alemães exatamente onde o canhão estava escondido. O tiro não acertou.

O que o tiro não tinha acertado era um tanque Tigre. Este girou o seu focinho de 88 milímetros, farejou e percebeu a flecha no solo. Disparou, matando toda a equipe, com exceção de Weary. Coisas da vida.

• • •

Roland Weary tinha apenas 18 anos e estava encerrando uma infância infeliz passada principalmente em Pittsburgh, Pensilvânia. Não tinha sido popular em Pittsburgh. Não tinha sido popular porque era burro, gordo e mesquinho, e cheirava a toucinho por mais que se lavasse. Estava sempre sendo chutado em Pittsburgh por gente que não o queria por perto.

Weary estava cheio de ser chutado. Quando era chutado, procurava alguém ainda mais impopular do que ele próprio, dava-se com essa pessoa durante algum tempo, fingindo-se de amigo. E depois acabava arranjando um pretexto para enchê-la de porrada.

Sempre seguia o mesmo padrão. Era uma relação louca, erótica, assassina, essa que Weary estabelecia com aqueles que acabava por

surrar. Falava da coleção de seu pai: armas de fogo, espadas, instrumentos de tortura, grilhões, etc. O pai de Weary, que era bombeiro hidráulico, realmente colecionava essas coisas e a sua coleção estava segurada por quatro mil dólares. Não estava sozinho. Pertencia a um grande clube composto de pessoas que colecionavam coisas semelhantes.

O pai de Weary certa vez dera à mãe do rapaz um parafuso para apertar polegares proveniente da Espanha e em condições de funcionamento — para uso como peso de papéis. Outra vez, deu-lhe uma lâmpada de mesa cuja base era um modelo em miniatura da famosa "Donzela de Ferro de Nuremberg". A verdadeira Donzela de Ferro era um instrumento medieval de tortura — uma espécie de caldeira com a forma exterior de um corpo feminino e revestido de espigões. A frente da mulher era constituída de duas portas que giravam sobre dobradiças. A ideia era colocar o criminoso dentro da Donzela e fechar as portas lentamente. Dois espigões especiais estavam à altura dos olhos da vitima. Na parte de baixo havia um escoadouro para deixar escorrer o sangue.

Coisas da vida.

• • •

Weary tinha contado a Billy Pilgrim a respeito da Donzela de Ferro e o escoadouro — e para que servia. Falou a Billy sobre projéteis de ponta oca. Contou-lhe da pistola Derringer de seu pai, que podia ser carregada num bolso de colete e que, no entanto, era capaz de fazer um buraco num homem, "pelo qual podia passar um morcego sem esbarrar com as asas".

Desdenhosamente Weary, certa vez, garantiu que Billy nem mesmo sabia o que era uma calha de sangue. Billy palpitou que era o escoadouro na parte de baixo da Donzela de Ferro, mas estava errado. Aprendeu que uma calha de sangue era o sulco raso na lâmina de uma espada ou baioneta.

Weary contou a Billy a respeito de torturas caprichadas que ele tinha visto no cinema ou escutado no rádio e de outras torturas caprichadas que ele mesmo tinha inventado. Uma das invenções era enfiar uma broca de dentista no ouvido de um sujeito. Perguntou a Billy qual era, na sua opinião, a pior forma de execução. Billy não quis opinar. A resposta certa era a seguinte: — Você amarra um sujeito em cima de um formigueiro, no meio do deserto, entende? Está de cara pra cima e você passa mel no saco e na piroca dele e lhe corta as pálpebras, e assim ele fica olhando para o sol até morrer." Coisas da vida.

• • •

Agora, deitado na vala com Billy e os batedores após os disparos, Weary fez Billy examinar de perto a sua faca de trincheiras. Não era uma arma oficial. Era um presente de seu pai. Tinha uma lâmina de 25 centímetros, de secção transversal triangular. O cabo era formado de um soco inglês, isto é, uma série de argolas nas quais Weary enfiava seus dedos curtos. As argolas não eram simplesmente argolas — estavam eriçadas de espigões.

Weary encostou os espigões no rosto de Billy, roçou-lhe a bochecha com selvagem contenção afetuosa.

— Gostaria de levar um soco com isso, hein? *Heeeeeein*? —

perguntou.

— Não gostaria, não — respondeu Billy.

— Sabe porque é que a lâmina é triangular?

— Não sei.

— Faz uma ferida que não fecha.

— Ah.

— Faz um buraco de três lados. Você enfia uma faca ordinária num sujeito e ela faz uma fenda. Certo? Uma fenda fecha depressa. Certo?

— Certo.

— Merda. Você não sabe nada? Que é que lhe ensinam na faculdade?

— Fui só pouco tempo — disse Billy, e era verdade. Tinha tido apenas seis meses de faculdade e não era uma faculdade como as outras. Tinha sido a escola noturna da Escola de Optometria de Ilium.

— Universitário metido a besta — disse Weary com sarcasmo.

Billy encolheu os ombros.

— A vida não é só o que a gente aprende nos livros — disse Weary. — Vai acabar descobrindo.

Billy voltou a não responder, lá na vala, pois não queria que a conversa se estendesse mais do que o necessário. Contudo, sentiu-se vagamente tentado a dizer que entendia um pouco de sangue. Afinal, tinha contemplado torturas e feridas horrendas no início e no fim de quase todos os dias de sua infância. Billy tinha um crucifixo extremamente repulsivo dependurado na parede do seu pequeno quarto em Ilium. Um médico militar teria admirado a fidelidade

clínica da interpretação do artista de todas as feridas de Cristo — a ferida da lança, as feridas dos espinhos, os buracos feitos pelos cravos. O Cristo de Billy tinha morrido horrivelmente. Dava pena.

Coisas da vida.

• • •

Billy não era católico, apesar de ter vivido com aquele pavoroso crucifixo na parede. Seu pai não tinha religião. Sua mãe era organista substituta de várias igrejas na cidade. Sempre que tocava levava Billy consigo e ensinou-o a tocar um pouco também. Dizia que ingressaria numa igreja logo que decidisse qual era a certa.

Nunca chegou a decidir. Mas sentiu um desejo incontrolável de ter um crucifixo e comprou um numa loja de presentes em Santa Fé, durante uma viagem que a pequena família fez ao Oeste no tempo da Grande Depressão. Como tantos outros americanos, estava procurando construir uma vida que tivesse sentido com objetos que encontrava em lojas de presentes.

E o crucifixo foi dependurado na parede de Billy Pilgrim.

• • •

Os dois batedores, na vala agarrados às coronhas de nogueira de seus fuzis, sussurraram que era chegada a hora de se pôr em movimento. Dez minutos se haviam passado sem que alguém tivesse aparecido para ver se estavam feridos ou não, para lhes dar o tiro de misericórdia. Quem quer que tivesse disparado estava evidentemente longe e só.

E os quatro rastejaram para fora da vala sem atrair mais fogo. Rastejaram pela floresta adentro, como mamíferos grandes e infelizes que eram. Em seguida, puseram-se de pé e começaram a andar rapidamente. A floresta era escura e velha. Os pinheiros estavam plantados em fileiras. Não havia vegetação rasteira. Dez centímetros de neve imaculada cobriam o chão. Os americanos não tinham outro meio senão deixar rastros na neve, tão claros como os diagramas num livro de danças de salão — *para a frente, deslizar, parar; para a frente, deslizar, parar*.

• • •

— Fique junto de nós e não se afaste! — disse Roland Weary a Billy Pilgrim quando se puseram em movimento. Weary parecia Tweedledum ou Tweedledee todo preparado para a batalha. Era curto e gordo.

Levava todos os itens do equipamento oficial, todos os presentes que tinha recebido de casa: capacete, forro do capacete, gorro de lã, cachecol, luvas, camiseta de algodão, camiseta de lã, camisa de lã, suéter, blusa, jaqueta, sobretudo, cuecas de algodão, cuecas de lã, calça de lã, meias de algodão, meias de lã, botas de campanha, máscara de gases, cantil, equipamento de rancho, faca de trincheira, cobertor, abrigo, impermeável, Bíblia à prova de bala, um panfleto chamado "*Conheça Seu Inimigo*", outro panfleto chamado "*Porque Lutamos*", mais um panfleto de frases alemãs transcritas em inglês fonético, que permitira a Weary dirigir aos alemães perguntas tais como "Onde fica o seu quartel-general?" e "Quantos morteiros vocês têm?" ou ameaçar-lhes "Rendam-se. A sua situação é desesperadora", e assim por diante.

Weary tinha um bloco de pau-de-balsa que devia servir de travesseiro de trincheira. Tinha um estojo profilático contendo dois preservativos resistentes "*Somente para a Prevenção de Doenças!*" Tinha um apito que não mostraria a ninguém antes de ser promovido a cabo. Tinha uma fotografia obscena de uma mulher procurando ter relações sexuais com um pônei Shetland. Fizera Billy Pilgrim admirar a foto várias vezes.

• • •

A mulher e o pônei posavam diante de cortinas de veludo franjadas de bolinhas. Dos dois lados havia colunas dóricas. Diante de uma das colunas, uma palmeira dentro de um pote. O retrato que Weary tinha era uma cópia da primeira fotografia obscena da história. A palavra *fotografia* foi empregada pela primeira vez em 1839 e foi também naquele ano que Louis J.M. Daguerre revelou à Academia Francesa que uma imagem formada numa chapa de metal prateado coberta com uma fina camada de iodeto de prata podia ser revelada na presença de vapor de mercúrio.

Em 1841, apenas dois anos mais tarde, um assistente de Daguerre, André Le Fèvre, foi preso nos jardins das Tulherias procurando vender a um senhor um retrato da mulher e do pônei. Foi também lá que Weary comprou o seu retrato, nas Tulherias. Le Fèvre argumentou que o retrato era artístico e que a sua intenção era reviver a mitologia grega. Disse que a prova disto eram as colunas e a palmeira.

Quando lhe perguntaram qual era o mito representado pela foto, Le Fèvre respondeu que havia milhares de mitos semelhantes, sendo a mulher uma simples mortal e o pônei um deus.

Foi condenado a seis meses de prisão e lá morreu de pneumonia. Coisas da vida.

• • •

Billy e os batedores eram todos magros. Roland Weary tinha gordura para dar e vender. Era uma fornalha incandescente debaixo de todas aquelas camadas de lã, couro e lona. Tinha tanta energia que ficava correndo entre Billy e os batedores levando recados gesticulados que ninguém tinha mandado e que ninguém gostou de receber. E, estando muito mais ocupado do que qualquer um dos outros, começou a suspeitar de que ele era o líder.

Estava com tanto calor e tão agasalhado que não tinha qualquer sensação de perigo. Sua visão do mundo exterior limitava-se ao que podia ver através de uma fenda estreita entre a borda do capacete e o cachecol que tinha recebido de casa e lhe escondia o rosto do nariz para baixo. Estava tão confortável lá dentro que pôde fingir estar a salvo em casa, tendo sobrevivido à guerra e que estava contando a seus pais e à sua irmã uma história verdadeira de guerra — ao passo que a história verdadeira de guerra ainda estava se desenrolando.

A versão da história verdadeira de guerra de Weary era a seguinte: houve um grande ataque alemão, e Weary e seus camaradas da equipe antitanque lutaram como demônios, até que todo mundo foi morto menos Weary. Coisas da vida. E depois Weary juntou-se a dois batedores, ficaram amigo íntimos imediatamente, e decidiram voltar às suas próprias linhas, à força. Caminhariam rapidamente. Não se renderiam nem por nada. Trocaram apertos de mão e passaram a se chamar "Os Três Mosqueteiros".

Aí esse maldito universitário, que era tão fraco que nem devia estar no exército, pediu para se juntar a eles. Não tinha nem mesmo uma faca ou um fuzil. Não tinha nem mesmo um capacete ou um gorro. Nem podia andar direito — ficava saltitando para cima e para baixo, para cima e para baixo, traindo a posição deles. Dava pena. Os Três Mosqueteiros puxaram, carregaram e arrastaram o rapaz de volta às suas próprias linhas, dizia a história de Weary. Salvaram a pele do desgraçado.

Na vida real, Weary estava voltando para trás, procurando descobrir o que tinha acontecido com Billy. Tinha pedido aos batedores que esperassem enquanto ele ia buscar aquele sacana universitário. Passou sob um ramo baixo que bateu no alto de seu capacete e fez *plonque***.** Weary não ouviu o ruído. Em algum lugar um cachorro grande latia. Weary tampouco o escutou. Sua história estava num ponto muito emocionante. Um oficial estava felicitando os Três Mosqueteiros, dizendo-lhes que ia recomendá-los para receberem a Estrela de Bronze.

— Mais alguma coisa que posso fazer por vocês? — perguntou o oficial.

— Sim, senhor — disse um dos batedores — Gostaríamos de ficar juntos pelo resto da guerra. O senhor pode dar um jeito para que ninguém jamais separe os Três Mosqueteiros?

• • •

Billy Pilgrim havia parado na floresta. Estava encostado a uma árvore, os olhos fechados A cabeça estava reclinada para trás e as narinas, entreabertas. Parecia um poeta no Partenon.

Foi esta a primeira vez que Billy soltou-se no tempo. Sua atenção começou a girar pelo arco completo de sua vida, indo até a morte, que era uma luz violeta. Lá não havia ninguém nem coisa nenhuma. Só a luz violeta e um zumbido.

Logo depois Billy voltou à vida recuando até antes de seu nascimento, que era uma luz vermelha e sons borbulhantes. E voltando à vida novamente, ele parou. Era agora um garotinho tomando chuveiro com o pai cabeludo na A.C.M.[9] de Ilium. Sentiu o cheiro de cloro da piscina ao lado e ouviu o estrondo do trampolim.

O pequeno Billy estava apavorado porque o pai tinha dito que ele aprenderia a nadar pelo método de nada-ou-afunda. O pai jogaria Billy na parte funda da piscina e ele que nadasse.

Foi como uma execução. Billy estava paralisado quando o pai o carregou do chuveiro para a piscina e ouvia-se uma linda música vinda de todos os lugares. Perdeu a consciência, mas a música continuou. Teve a sensação vaga de que alguém o estava salvando. Billy não gostou.

• • •

Dali viajou no tempo até 1965. Tinha 41 anos e visitava sua mãe decrépita em Pine Knoll, um asilo de velhos onde tinha mandado interná-la apenas um mês antes. Havia contraído pneumonia e o seu estado era desesperador. Mas viveu vários anos depois disso.

Tinha praticamente perdido a voz e, para ouvi-la melhor, Billy encostara o ouvido direito nos seus lábios finos como papel. Era evidente que tinha algo de muito importante a dizer.

— Como...? — balbuciou e depois parou. Estava cansada demais. Esperava não ter de dizer o resto da frase, que Billy a completaria em seu lugar.

Billy, porém, não tinha a menor ideia do que se tratava.

— Como o *quê*, Mamãe? — insistiu.

Ela engoliu em seco e derramou algumas lágrimas. Depois reuniu a energia de todo o seu corpo arruinado até das pontas dos dedos das mãos e dos pés. Por fim acumulou o suficiente para sussurrar a frase completa.

— Como é que eu fiquei tão *velha*?

• • •

A velha mãe de Billy perdeu os sentidos e ele foi levado da sala por uma enfermeira bonita. O corpo de um ancião, coberto por um lençol, passou numa padiola no momento em que Billy entrava no corredor. O homem havia sido um famoso maratonista em seu tempo. Coisas da vida. A propósito, isto foi antes de Billy quebrar a cabeça num desastre de avião — antes de começar a falar de discos voadores e de viajar no tempo.

Billy sentou-se numa sala de espera. Ainda não era viúvo. Sentiu alguma coisa dura sob a almofada da cadeira estofada. Tirou o objeto e viu que era um livro. *A Execução do Soldado Raso Slovik*, de William Bradford Huie. Era o relato fiel da morte, por um esquadrão de fuzilamento americano, do Soldado Raso Eddie D. Slovik, 36896415, o único soldado americano a ser fuzilado por covardia desde a Guerra da Secessão. Coisas da vida.

Billy leu a opinião de um auditor de guerra que reviu o caso de Slovik, terminando assim:

> *"Ele desafiou diretamente a autoridade do governo e a disciplina futura depende de uma resposta resoluta a esse desafio. Se alguma vez a sentença de morte deve ser imposta por deserção, é agora, no caso em questão, não como medida punitiva nem como vingança, mas para manter essa disciplina, que é a única base para que um exército possa derrotar o inimigo. Não houve qualquer recomendação para clemência e tampouco se a recomenda agora."*

Coisas da vida.

• • •

Billy piscou em 1965 e viajou no tempo para 1958. Estava num banquete em homenagem a um time da Liga Infantil, do qual o seu filho Robert era membro. O treinador, que não era casado, estava falando, todo emocionado.

— Juro por Deus — dizia. — Para mim seria uma honra ser o *aguadeiro* destes meninos.

• • •

Billy piscou em 1958 e viajou no tempo para 1961. Era véspera de Ano

Novo e Billy estava vergonhosamente bêbedo numa festa em que todo o mundo era optometrista ou casado com optometrista.

Geralmente Billy não bebia muito, porque a guerra tinha dado cabo do seu estômago, mas agora estava de cara cheia mesmo e traindo sua esposa Valencia pela primeira e única vez. De uma forma ou de outra, tinha convencido a mulher a ir para a lavanderia da casa e sentar-se no secador a gás, que estava em funcionamento.

A mulher também estava muito bêbeda e ajudou Billy a tirar-lhe a cinta.

— Que é que você queria falar comigo? — perguntou.

— Está tudo bem — disse Billy. Era sinceramente de opinião que tudo estava bem. Não conseguia lembrar-se do nome da mulher.

— Por quê o chamam de Billy em vez de William?

— Razões comerciais — disse Billy.

Era verdade. Seu sogro, que era dono da Escola de Optometria de Ilium e tinha dado o dinheiro para Billy se estabelecer, era um gênio nesse setor. Disse-lhe para encorajar os outros a chama-lo de Billy — porque era um nome que ficaria na memória de todos. Também o faria parecer um pouco mágico, já que não havia outros Billys adultos por ali. E levava as pessoas a considerá-lo como amigo imediatamente.

• • •

Depois houve um escândalo terrível; todo o pessoal se mostrou revoltado com Billy e a mulher, e Billy se viu por fim no seu automóvel à procura do volante.

A coisa principal era encontrar o volante. De início, Billy agitou os braços, esperando achá-lo por sorte. Quando isto não deu certo, passou a ser metódico, operando de forma tal que o volante não poderia lhe escapar. Encostou-se à porta da esquerda e esquadrinhou centímetro por centímetro a área diante dele. Quando não conseguiu encontrá-lo, avançou quinze centímetros para o lado e tomou a procurar. Espantosamente, acabou por atingir a porta da direita sem ter encontrado o volante. Concluiu que tinha sido roubado por alguém. Estava furioso quando perdeu os sentidos.

Estava sentado no banco de trás, motivo porque não conseguiu achar o volante.

• • •

Agora alguém estava sacudindo Billy para fazê-lo voltar a si. Ainda embriagado, Billy continuava com raiva por causa do volante roubado. Estava de volta na Segunda Guerra Mundial, atrás das linhas alemãs. A pessoa que o sacudia era Roland Weary. Este tinha agarrado a frente da jaqueta de campanha de Billy. Bateu Billy contra uma árvore, depois puxou-o para si e jogou-o na direção em que devia seguir sob controle próprio.

Billy parou e sacudiu a cabeça.

— Vocês vão andando — disse ele.

— Como é?

— Vão andando e me deixem. Eu estou bem.

— Você está o quê?

— Estou muito bem.

— Puxa, não gostaria de ver alguém passando *mal* — Disse Weary, através de cinco camadas de cachecol úmido enviado de casa. Billy nunca havia visto a cara de Weary. Tinha procurado imaginá-la, certa vez, e o que viu foi um sapo num aquário.

Weary impulsionou Billy a pontapés e empurrões por quase meio quilômetro. Os batedores estavam esperando entre as margens de um riacho congelado. Tinham ouvido o cachorro e homens gritando um para o outro, como fazem os caçadores quando desconfiam que a sua vitima está por perto.

As margens do riacho eram suficientemente altas para permitir que os batedores permanecessem de pé sem serem vistos. Billy desceu a ribanceira cambaleando ridiculamente. Era seguido de Weary, retinindo, tilintando, trincolejando e cheio de calor.

— Aqui está, rapazes — disse Weary — Ele não quer viver mas vai viver apesar disso. Quando sair dessa, vai ficar devendo a vida aos Três Mosqueteiros, podem crer. — Essa foi a primeira vez que os batedores ouviram Weary se referir a eles e a si próprio como os Três Mosqueteiros.

Lá no leito do riacho, Billy Pilgrim pensou que estivesse prestes a se transformar em vapor, de maneira indolor. Se todos o deixassem em paz, apenas por um instante, não causaria mais encrencas para ninguém. Viraria vapor e ficaria flutuando entre as copas das árvores.

Em algum lugar o cachorro grande voltou a latir. Com a ajuda do medo, dos ecos e dos silêncios do inverno, aquele cachorro tinha a voz de um grande gongo de bronze.

Roland Weary, de dezoito anos de idade, introduziu-se entre os batedores e, colocando os seus pesados braços nos ombros dos dois,

perguntou: — E agora, que vão fazer os Três Mosqueteiros?

Billy Pilgrim estava tendo uma alucinação deliciosa. Usava meias de lã brancas, secas e quentes e patinava no assoalho de um salão de danças. Era ovacionado por milhares de pessoas. Isto não era viajar no tempo. Isto jamais acontecera e jamais aconteceria. Era a loucura de um jovem moribundo com os sapatos cheios de neve.

Um dos batedores baixou a cabeça e deixou a saliva cair-lhe dos lábios. O outro fez o mesmo, e ambos estudaram os efeitos infinitésimos da saliva sobre a neve e a história.

Eram homens pequenos e graciosos. Haviam estado muitas vezes atrás das linhas alemãs — vivendo como as criaturas das florestas, vivendo de momento a momento em terror produtivo, pensando, não com os cérebros mas com a medula espinhal.

Agora livraram-se dos braços amorosos de Weary e lhe disseram que seria melhor se ele e Billy encontrassem alguém a quem pudessem se render. Os batedores não esperariam mais por eles.

E abandonaram Weary e Billy no leito do riacho.

• • •

Billy Pilgrim continuou patinando, fazendo acrobacias em meias de lã, acrobacias que quase todos considerariam impossíveis, como dar voltas, parando subitamente e assim por diante. As ovações continuaram, mas o seu tom se alterou quando a viagem no tempo tomou o lugar da alucinação.

Billy parou de patinar e viu que estava no estrado de um restaurante chinês em Ilium, Nova Iorque, no principio de uma tarde

de outono em 1957. Estava recebendo uma ovação estrondosa do Lions Club. Tinha sido eleito presidente e cabia-lhe fazer um discurso. Estava apavorado, pensando que tudo não passava de um tremendo engano. Todos esses homens prósperos e sólidos descobririam agora que haviam eleito um ridículo enjeitado. Ouviriam a sua voz esganiçada, a que ele tinha tido na guerra. Engoliu em seco e sabia que tudo quanto tinha como cordas vocais era um pequeno apito feito de um ramo de salgueiro. E, o que era pior, não tinha o que dizer. A multidão se acalmou. Todos estavam rosados e sorridentes.

Billy abriu a boca e dela saiu um som profundo e ressoante. Sua voz era um instrumento magnífico. Contava piadas e a casa vinha abaixo. Tornou-se séria, voltou a contar piadas e terminou em tom de humildade. A explicação do milagre era simples: Billy havia feito um curso de oratória.

E depois viu-se de volta no leito congelado do riacho. Roland Weary estava prestes a enchê-lo de porrada.

• • •

Weary estava possuído de uma fúria trágica. Mais uma vez tinha sido chutado. Enfiou a pistola no coldre. Meteu a faca na bainha. Com a sua lâmina triangular e as calhas de sangue em todas as três faces. E depois sacudiu Billy com todas as forças, chacoalhando o seu esqueleto e jogou-o contra uma das margens.

Weary urrava e choramingava através das camadas do seu cachecol recebido de casa. Falou ininteligivelmente dos sacrifícios que fez por Billy. Alongou-se sobre a devoção e heroísmo dos "Três Mosqueteiros", retratou, nas cores mais ardentes e apaixonadas, sua

virtude e magnanimidade, a honra imperecível que conquistaram e os grandes serviços que prestaram à Cristandade.

Segundo Weary, era culpa de Billy e de mais ninguém que essa organização combatente não existisse mais e Billy pagaria por isso. Weary acertou um bom soco no queixo de Billy, fazendo-o cair da margem para o gelo coberto de neve do riacho; Billy estava de quatro em cima do gelo e Weary deu-lhe um pontapé nas costelas e fez com que rolasse para um lado. Billy procurou enroscar-se como uma bola.

— Você nem devia *estar* no Exército — disse Weary.

Involuntariamente, Billy produziu sons convulsivos que se pareciam muito com risadas.

— Está achando graça, hein? — perguntou Weary. Deu a volta para pegar Billy pelas costas. A jaqueta, camisa e camiseta de Billy estavam à altura de seus ombros, devido à violência, de modo que suas costas estavam nuas. Ali, a centímetros das botas de campanha de Weary, estavam os pobres discos da coluna vertebral de Billy.

Weary recuou a bota direita e mirou a espinha, o tubo que continha tantos fios importantes de Billy. Weary ia quebrar aquele tubo.

E de repente viu que tinha público. Cinco soldados alemães e um cão policial preso a uma correia estavam olhando para o leito do riacho. Os olhos azuis dos soldados estavam cheios de sonolenta curiosidade para saber porque um americano estava procurando matar um compatriota tão longe de casa, e porque a vítima estava rindo.

3

OS ALEMÃES E O CACHORRO dedicavam-se a uma operação militar que tinha um nome divertido e de fácil explicação, uma empresa humana raramente descrita em detalhe, cujo nome apenas, quando relatado como notícia ou reportagem, dava a muitos entusiastas de guerra uma espécie de satisfação pós-coital. Na imaginação dos fãs do combate, são as carícias divinamente desanimadas que se segue ao orgasmo da vitória. Chama-se de "operação de limpeza".

O cachorro, que soara tão feroz nas distâncias do inverno, era uma pastor alemão fêmea. Tremia e apertava o rabo entre as pernas. Fora pedida emprestada de um fazendeiro aquela manhã. Nunca tinha estado na guerra antes. Não tinha a menor ideia do jogo que estava sendo jogado. Seu nome era Princesa.

• • •

Dois dos alemães eram garotos mal saídos da puberdade. Dois eram velhos desconjuntados, babões tão desdentados quanto carpas. Eram membros das forças irregulares, armados e parcialmente vestidos de restos tirados de soldados verdadeiros mortos há pouco. Coisas da vida. Eram fazendeiros, vindos do outro lado da fronteira alemã, a pouca distância.

Seu comandante era um cabo de meia idade — de olhos vermelhos, magricela, duro como carne seca e cheio da guerra. Tinha sido ferido quatro vezes, remendado e mandado de volta. Era um ótimo soldado, pronto a desistir, pronto a encontrar alguém a quem se render. Suas pernas tortas estavam enfiadas em botas de cavalaria douradas que ele havia tirado de um coronel húngaro morto na frente russa. Coisas da vida.

As botas eram quase tudo quanto possuía na vida. Uma anedota: certa vez um recruta observava enquanto ele limpava e engraxava aquelas botas douradas; aproximou uma delas do rosto do recruta e disse: — Se você olhar bem no fundo, vai ver Adão e Eva.

Billy Pilgrim não conhecia a anedota. Mas, deitado no gelo escuro, Billy olhou fixamente para a pátina das botas do cabo e viu Adão e Eva nas suas profundidades douradas. Estavam nus e eram tão inocentes, tão vulneráveis, tão ansiosos de se comportarem decentemente que Billy se sentiu cheio de amor por eles.

• • •

Ao lado das botas douradas estavam dois pés enfaixados em trapos, amarrados, em cruz, por tiras de lona, e calçando tamancos articulados. Billy olhou para o rosto que pertencia aos tamancos. Era o rosto de um anjo louro, um garoto de 15 anos.

O rapaz era tão lindo quanto Eva.

• • •

Quem ajudou Billy a se pôr de pé foi o belo jovem, o andrógino celeste.

E os outros se adiantaram para remover a neve de Billy e depois o revistaram à procura de armas. Ele não tinha nenhuma. O objeto mais perigoso que encontraram era um toco de lápis de cinco centímetros.

De longe ouviram-se três estampidos inofensivos. Vinham de fuzis alemães. Os dois batedores que haviam chutado Billy e Weary acabavam de ser mortos. Tinham estado de emboscada contra os alemães. Descobertos, foram fuzilados pelas costas. Agora estavam morrendo na neve, sem sentir nada, tingindo a neve da cor de sorvete de framboesa. Coisas da vida. Roland Weary era o último dos Três Mosqueteiros.

E Weary, os olhos esbugalhados de terror, estava sendo desarmado. O cabo deu a pistola de Weary ao rapaz bonito. Mostrou-se maravilhado com a cruel faca de trincheira, e disse, em alemão, que Weary, sem dúvida, gostaria de usar a faca contra ele, de raspar-lhe a cara com os espigões das argolas, de enfiar-lhe a lâmina na barriga ou na garganta. Não falava inglês e Billy e Weary não compreendiam alemão.

— Bonitos brinquedos, os seus — disse o cabo a Weary e entregou a faca a um dos velhos. — Não é uma coisinha linda? Hein?

Com violência abriu o sobretudo e a blusa de Weary. Os botões de latão saltavam feito pipocas. O cabo enfiou a mão no peito aberto de Weary, como para lhe arrancar o coração que martelava, mas o que ele tirou foi a Bíblia à prova de bala que Weary levava consigo.

Uma Bíblia à prova de bala é uma Bíblia bastante pequena para ser enfiada no bolso do peito de um soldado, bem sobre o coração. É revestida de aço.

O cabo encontrou a foto obscena da mulher e do pônei no bolso de

trás de Weary.

— Que pônei felizardo, não é? — disse ele. — Hein? Hein? Não gostaria de ser aquele pônei? — Entregou o retrato ao outro velho — Espólios de guerra! É seu, tudo seu, homem de sorte.

Em seguida fez Weary sentar-se na neve e tirar as botas de campanha, que deu ao lindo rapaz, dando a Weary os tamancos do menino. E assim, nem Weary nem Billy tinham calçado militar decente agora, e tiveram de andar quilômetros e quilômetros, com os tamancos de Weary fazendo *clique-claque* e Billy saltitando para cima e para baixo, para cima e para baixo, vez por outra esbarrando em Weary.

— Perdão — dizia Billy, ou — peço desculpas.

Por fim, foram levados para um chalé de pedra numa bifurcação da estrada. Era um ponto de concentração de prisioneiros de guerra. Billy e Weary foram levados para o interior, que estava quente e esfumaçado. Na lareira crepitava e estalejava o fogo, alimentado com móveis. Havia mais uns vinte americanos lá dentro, sentados no chão, de costas para a parede, fitando as chamas — pensando no que quer que houvesse para pensar, que era nada.

Ninguém falava. Ninguém tinha boas histórias de guerra para contar.

Billy e Weary conseguiram lugares e Billy adormeceu com a cabeça no ombro de um capitão, que não fez qualquer protesto. O capitão era um capelão. Era um rabino. Tinha levado um tiro na mão.

Billy viajou no tempo, abriu os olhos e viu que estava fitando os olhos de vidro de uma coruja mecânica da cor de jade verde. A coruja pendia de cabeça para baixo de uma vara de aço inoxidável. A coruja

era o optômetro de Billy no seu consultório em Ilium. Um optômetro é um instrumento para medir erros refrativos dos olhos, receitando-se, para isso, lentes de correção.

Billy havia adormecido enquanto examinava uma paciente sentada numa cadeira do outro lado da coruja. Não era a primeira vez que adormecia. No princípio achava graça. Agora estava começando a se preocupar, com isto e com tudo que lhe passava na cabeça. Procurou lembrar-se de sua idade, mas não conseguiu. Procurou lembrar-se que ano era. Também foi impossível.

— Doutor... — disse a paciente, hesitante.

— Sim? — respondeu ele.

— O senhor está tão silencioso.

— Desculpe.

— O senhor estava falando, falando... e de repente se calou.

— Hum.

— É alguma coisa horrível?

— Horrível?

— Alguma doença da vista?

— Não, não — disse Billy, querendo cochilar novamente. — Seus olhos estão bem. A senhora só precisa de óculos para ler. — Disse-lhe para atravessar o corredor onde encontraria uma ampla seleção de armações.

• • •

Quando ela se foi, Billy abriu as cortinas e ficou na mesma quanto ao

que se passava lá fora. Sua visão continuava bloqueada pela veneziana, que ele levantou estrepitosamente. A luz do sol explodiu na sala. Havia milhares de automóveis estacionados lá fora, cintilando como um grande lago de capotas pretas. O consultório de Billy era parte de um centro comercial suburbano.

Bem diante da janela estava o Cadillac El Dorado Coupé De Ville de Billy. Leu os rótulos pregados no para-choques. "*Visite Ausable Chasm*", dizia um, "*Dê seu apoio à Polícia*", dizia outro. Havia um terceiro que dizia "*Abaixo Earl Warren*". Os rótulos sobre a polícia e Earl Warren eram presentes do sogro de Billy, que era membro da Sociedade John Birch[10]. A data da placa era 1967, o que daria a Billy Pilgrim 44 anos de idade. Perguntou a si mesmo: "Aonde foram parar todos esses anos?".

• • •

Billy voltou sua atenção para a escrivaninha, sobre a qual se achava um exemplar da *Revista de Optometria*, aberto na página de um editorial, que Billy passou a ler, movendo os lábios ligeiramente.

O que acontecerá em 1968 determinará o destino dos optometristas europeus durante pelo menos 50 anos! — leu Billy. *Com esta advertência, Jean Thiriart, Secretário do Sindicato Nacional de Optometristas da Bélgica, vem pressionando pela formação de uma "Sociedade de Optometria da Europa". As alternativas, segundo ele, serão a obtenção de status profissional ou, em 1971, uma redução ao simples papel de vendedores de óculos.*

Billy Pilgrim fez um esforço para se interessar.

Uma sirene soou e lhe deu um susto miserável. Estava esperando a Terceira Guerra Mundial a qualquer momento. A sirene estava simplesmente anunciando o meio-dia. Ficava sob uma cúpula no telhado do posto do corpo de bombeiros do outro lado da rua.

Billy fechou os olhos. Quando os abriu, estava de volta à Segunda Guerra Mundial. Um alemão lhe dava pontapés mandando que se levantasse, era chegada a hora de seguir.

• • •

Os americanos, com Billy entre eles, fizeram um desfile de palhaços na estrada.

Havia um fotógrafo presente, um correspondente de guerra alemão, com uma Leica. Tirou retratos dos pés de Billy e de Weary. A fotografia foi publicada amplamente dois dias depois, como prova animadora de que o Exército Americano era frequentemente mal equipado, apesar da sua reputação de rico.

Mas o fotógrafo queria alguma coisa mais viva, uma foto de uma captura real. Então os guardas a encenaram especialmente. Lançaram Billy dentro de uns arbustos. Quando Billy emergiu, o rosto emoldurado por um sorriso abobalhado de boa vontade, foi ameaçado com fuzis-metralhadoras, como se estivesse sendo capturado naquele momento.

• • •

O sorriso de Billy, ao sair dos arbustos, era no mínimo tão estranho quanto o da *Mona Lisa*, pois estava simultaneamente à pé na

Alemanha em 1944 e dirigindo o seu Cadillac em 1967. A Alemanha desapareceu e 1967 se tornou claro e brilhante, livre de interferência de qualquer outra época. Billy estava a caminho do almoço do Lions Club. O mês de agosto era quente mas o carro de Billy tinha ar condicionado. Um sinal obrigou-o a parar no centro do gueto negro de Ilium. As pessoas que moravam ali odiavam tanto o lugar que tinham destruído parte dele um mês antes. Era tudo quanto possuíam e o tinham arrasado. O bairro lembrou Billy de algumas cidades que tinha visto na guerra. Os meios-fios e as calçadas estavam arrebentados em muitos lugares, mostrando onde haviam passado os tanques e os veículos militares da Guarda Nacional.

• • •

"Irmão de sangue", dizia uma mensagem escrita em tinta cor de rosa num lado de um armazém destroçado.

Houve uma pancadinha no vidro do carro de Billy.

Era um negro que queria falar a respeito de algum assunto. O sinal mudou. Billy fez a coisa mais simples. Seguiu em frente.

• • •

Billy passou por uma cena de desolação ainda maior. Parecia Dresden depois do bombardeio — como a superfície da lua. A casa em que Billy havia sido criado era em algum lugar nesse lugar agora tão vazio. Ali seriam construídos o Centro Governamental de Ilium, um Pavilhão de Artes, uma lagoa da Paz e vários edifícios altos de apartamentos.

Billy não tinha objeção.

• • •

O orador da reunião do Lions era um major dos Fuzileiros Navais. Disse que os americanos não tinham outra alternativa senão continuar lutando no Vietnã até alcançarem a vitória ou até os comunistas compreenderem que não podiam impor a sua maneira de viver a países fracos. O major tinha estado lá duas vezes em visita oficial. Falou das muitas coisas terríveis e das muitas coisas maravilhosas que tinha visto. Era a favor de intensificar os bombardeios, de reduzir o Vietnã do Norte à Idade da Pedra, caso recusassem voltar ao bom-senso.

• • •

Billy não se sentiu impelido a protestar contra o bombardeio do Vietnã do Norte, não estremeceu ao se lembrar das coisas horríveis que ele tinha visto em bombardeios. Estava simplesmente almoçando com o Lions Club, do qual já havia sido presidente.

• • •

Na parede do seu consultório Billy tinha uma prece que expressava o seu método para continuar vivendo, se bem que tivesse pouco entusiasmo pela vida. Muitos dos pacientes que viam a prece diziam a Billy que ela também *lhes* ajudava a continuar vivendo. Era assim:

QUE DEUS ME DÊ

SERENIDADE PARA ACEITAR

AS COISAS QUE

NÃO POSSO MUDAR,

CORAGEM

PARA MUDAR AS COISAS

QUE POSSO MUDAR

E JUÍZO PARA SEMPRE

PODER DISTINGUI-LAS

Entre as coisas que Billy não podia mudar estavam o passado, o presente e o futuro.

• • •

Agora estava sendo apresentado ao major dos fuzileiros. A pessoa que estava fazendo a apresentação dizia ao major que Billy era um veterano e que tinha um filho que era sargento dos Boinas Verdes — no Vietnã.

O major disse a Billy que os Boinas Verdes estavam cumprindo a sua missão magnificamente e que devia ter orgulho de seu filho.

— Tenho, *sim*. Tenho *mesmo* — disse Billy Pilgrim.

• • •

Depois do almoço ele foi para casa a fim de fazer a sesta. Tinha ordens do médico de fazer a sesta todo dia. O médico esperava que isto

melhorasse um mal que Billy tinha: frequentemente, e sem qualquer motivo visível, punha-se a chorar. Ninguém jamais o tinha surpreendido. Só o médico sabia. O choro de Billy era muito quieto e não muito úmido.

• • •

Billy tinha uma casa linda em Ilium. Era rico como Creso, coisa que jamais tinha esperado, nem num milhão de anos. Tinha cinco outros optometristas trabalhando para ele no local do centro comercial e tirava, líquidos, sessenta mil dólares por ano. Além disso, era proprietário de vinte por cento do Holiday Inn na Estrada 54 e de metade de três postos de venda de *Tastee-Freeze*, que era uma espécie de pudim gelado. Dava todo e prazer oferecido pelo sorvete, sem a dureza e o frio excessivo do sorvete.

• • •

A casa de Billy estava vazia. Sua filha Barbara estava para casar e tinha ido à cidade com a mulher de Billy para escolher modelos de cristal e prataria. Havia uma nota na mesa da cozinha dizendo isso. Não tinham criados. As pessoas não estavam mais interessadas em carreiras no serviço doméstico. Tampouco tinham cachorro.

Antigamente havia um cachorro chamado Spot, mas tinha morrido. Coisas da vida. Billy tinha gostado muito de Spot e Spot tinha gostado dele.

• • •

Billy subiu a escada atapetada e entrou no quarto que era dele e de sua mulher. O quarto tinha papel de parede florido. Havia uma cama de casal com um rádio-relógio numa mesinha ao lado da cama. Na mesinha estavam também os controles do cobertor elétrico e um interruptor para ligar um suave massageador aparafusado às molas do colchão. A marca do massageador era "Dedos Mágicos". O massageador também era ideia do médico.

Billy tirou os óculos trifocais, o paletó, a gravata e os sapatos, fechou as venezianas e depois as cortinas e deitou-se em cima da colcha. Mas, em vez do sono, vieram lágrimas. Billy ligou os Dedos Mágicos e ficou sacolejando enquanto chorava.

• • •

A campainha da porta da porta soou. Billy saiu da cama e pela janela olhou para a porta da frente, procurando ver se era alguém importante. Do lado de fora estava um aleijado, tão espasmódico no espaço como Billy Pilgrim era no tempo. As convulsões faziam o homem dançar todo agitado, e lhe mudavam as expressões, como se estivesse tentando imitar vários artistas de cinema famosos.

Outro aleijado estava tocando a campainha da casa em frente. Usava muletas. Tinha uma perna só. Estava tão apertado entre as muletas que seus ombros lhe escondiam as orelhas.

Billy sabia o que os aleijados queriam: estavam vendendo assinaturas de revistas que jamais seriam enviadas. As pessoas assinavam porque os vendedores inspiravam tanta pena. Billy tinha ouvido dessa extorsão por um orador do Lions Club — um homem da Associação de Proteção ao Comércio. O homem disse que quem quer

que notasse uns aleijados vendendo assinaturas de revistas no seu bairro devia chamar a polícia.

Billy olhou para a rua e viu um Buick Riviera novo estacionado a mais ou menos meio quarteirão. Havia um homem dentro do carro e Billy supôs corretamente que era ele que havia contratado os aleijados para o negócio. Billy continuou chorando enquanto olhava para os aleijados e o seu chefe. A campainha fazia um barulho ensurdecedor.

Fechou os olhos e voltou a abri-los. Ainda chorava, mas estava de volta em Luxemburgo. Marchava ao lado de muitos outros prisioneiros. Era o vento do inverno que lhe trazia lágrimas aos olhos.

• • •

Desde quando Billy tinha sido jogado nos arbustos, por causa de uma fotografia, via um fogo fátuo, uma espécie de radiação eletrônica nas cabeças de seus companheiros e de seus captores. O fogo estava também nas copas das árvores e nos telhados de Luxemburgo. Era lindo.

Billy marchava com as mãos entrelaçadas em cima da cabeça, assim como todos os americanos. Billy saltitava para cima e para baixo, para cima e para baixo. Esbarrou acidentalmente em Roland Weary.

— Desculpe — disse ele.

Os olhos de Weary também estavam cheios de lágrimas. Weary chorava por causa das dores horríveis que sentia nos pés. Os tamancos articulados estavam transformando seus pés em pudins de sangue.

A cada cruzamento, o grupo de Billy era aumentado por mais

americanos com as mãos em cima de suas cabeças aureoladas. Billy sorria para todos eles. Moviam-se como a água, sempre montanha abaixo e por fim derramando-se numa grande estrada no fundo de um vale. Através desse vale corria um Mississippi de americanos humilhados. Dezenas de milhares de americanos se arrastavam para o leste, as mãos em cima das cabeças, suspirando e gemendo.

• • •

Billy e seu grupo juntaram-se ao rio da humilhação e no fim da tarde o sol surgiu por entre as nuvens. Os americanos não estavam sozinhos na estrada. A pista que levava para oeste fervilhava e ressoava de veículos que levavam reservas alemãs para o *front*. As reservas eram formadas de homens violentos, curtidos pelo vento e barbudos. Tinham dentes feito teclas de piano.

Estavam cobertos de cartucheiras, fumavam charutos e se enchiam de bebida. Com os dentes arrancavam tremendos bocados de salsichas e com as palmas de suas mãos calejadas alisavam as suas granadas.

Um soldado de preto estava fazendo uma farra toda sua no alto de um tanque. Cuspia nos americanos. A cuspidela atingiu o ombro de Roland Weary, dando-lhe um emplastro de meleca, comida e fumo de mascar.

• • •

Billy achou a tarde extremamente excitante. Havia tanta coisa para ver — dentes de dragão, máquinas de matar, cadáveres de pés nus azuis e

cor de marfim. Coisas da vida.

Saltitando para cima e para baixo, para cima e para baixo, Billy sorriu para uma casa de fazenda cor de lavanda, perfurada por balas de metralhadora. No portal todo torto estava um coronel alemão. Junto dele estava a sua prostituta sem maquiagem.

Billy esbarrou no ombro direito de Weary e este gritou, soluçando:
— Ande direito!

Estavam agora subindo uma ladeira suave. Quando chegaram ao alto, não estavam mais em Luxemburgo. Estavam na Alemanha.

• • •

Na fronteira havia uma câmara cinematográfica para registrar a fabulosa vitória. Dois civis, em sobretudos de pele de urso estavam encostados à câmara quando Billy e Weary passaram. Há horas que tinham esgotado o filme.

Um deles fitou o rosto de Billy por um instante, em seguida voltou a focalizar o infinito. Uma pequenina nuvem de fumaça surgiu no infinito. Lá havia uma batalha. Lá havia gente morrendo. Coisas da vida.

O sol se pôs e Billy se viu saltitando num pátio de estrada de ferro. Havia filas e mais filas de vagões de carga esperando. Tinham trazido reservas ao *front*. Agora iriam levar prisioneiros ao interior da Alemanha.

Feixes de luz de lanternas de pilha dançavam loucamente.

• • •

Os alemães classificaram seus prisioneiros de acordo com a patente. Botavam sargentos com sargentos, majores com majores e assim por diante. Um esquadrão de coronéis foi detido perto de Billy. Um deles tinha pneumonia dupla, com febre alta e vertigens. Com o pátio dançando em torno dele, o coronel procurou se manter firme fitando Billy nos olhos.

O coronel tossiu o tempo todo. Quando parou, perguntou a Billy: — Você é um dos meus rapazes? — O homem tinha perdido um regimento inteiro, cerca de 4.500 homens, muitos deles ainda crianças, na realidade. Billy não respondeu. A pergunta não tinha sentido.

— Qual era o seu grupo? — perguntou o coronel. Voltou a tossir. Cada vez que inalava, seus pulmões chocalhavam feito sacos de papel engordurados.

Billy não se lembrava a que grupo pertencia.

— Você é do 451?

— Quatrocentos e cinquenta e um o quê? — respondeu Billy.

Houve um silêncio.

— Regimento de infantaria — disse o coronel por fim.

— Ah — disse Billy Pilgrim.

• • •

Houve mais um silêncio prolongado, com o coronel morrendo, morrendo, afogando-se. E depois gritou: — Sou eu, rapazes! É Bob

Valentão! — Era assim que sempre quis que suas tropas o chamassem: "Bob Valentão."

Nenhuma das pessoas que o escutava era do seu regimento, exceto Roland Weary e este não estava escutando. Só conseguia pensar na agonia que sentia nos pés.

Mas o coronel imaginava que estava se dirigindo às suas amadas tropas pela última vez, e lhes disse que não tinham por que se envergonhar, que o campo de batalha estava coalhado de alemães mortos que desejavam jamais ter ouvido falar do 451. Disse que depois da guerra realizaria uma reunião regimental na sua cidade natal, que era Cody, Wyoming. Ia fazer um churrasco de bois inteiros.

Disse tudo isso, fitando Billy nos olhos. Fez o interior do crânio do pobre Billy ecoar com disparate. — Deus esteja com vocês, rapazes! — exclamou e isto não parou de ecoar. E depois disse: — Se um dia estiverem em Cody, Wyoming, basta perguntar por Bob Valentão!

Eu estive lá, assim como o meu velho camarada de armas, Bernard V. O'Hare.

• • •

Billy Pilgrim foi metido num vagão de carga juntamente com muitos outros soldados. Ele e Roland Weary foram separados. Weary foi metido num outro vagão do mesmo trem.

Havia pequenos exaustores nos cantos do vagão, debaixo dos beirais. Billy ficou perto de um dos exaustores e, quando a multidão começou a comprimi-lo, subiu um pouco por uma cantoneira diagonal para conseguir mais lugar. Isto colocou seus olhos ao nível do exaustor

e lhe permitiu ver um outro trem, a cerca de dez metros de distância.

Havia alemães escrevendo nos vagões com giz azul o número de pessoas em cada vagão, sua patente e nacionalidade e a data em que foram embarcados. Outros alemães estavam fechando os ferrolhos das portas dos vagões com arame, cavilhas e outros objetos encontrados junto aos trilhos. Billy ouviu alguém escrevendo também no seu vagão, mas não conseguiu ver quem era.

A maioria dos soldados no vagão de Billy eram muito jovens — mal tinham saído da infância. Mas metido no canto junto com Billy estava um ex-vagabundo de quarenta anos.

— Já passei fome pior do que agora, — disse o vagabundo a Billy — já estive em lugares piores do que este. Isso aqui não 'tá tão ruim.

• • •

Um homem num vagão na outra linha gritou através do exaustor que um homem tinha acabado de morrer ali. Coisas da vida. Quatro guardas o escutaram. A notícia não os perturbou.

— Yo, yo — disse um deles abanando a cabeça. — Yo, yo.

E os guardas não abriram o vagão com o homem morto lá dentro. Abriram foi o vagão seguinte, e Billy Pilgrim ficou encantado com o que viu. Era como o paraíso. Havia velas acesas e beliches com colchas e cobertores amontoados em cima. Havia um pequeno fogão com uma cafeteira fumegante em cima. Havia uma mesa com uma garrafa de vinho, um pão e uma salsicha. Havia quatro tigelas de sopa.

Nas paredes viam-se quadros de castelos, lagos e jovens bonitas. Este era o lar ambulante dos guardas ferroviários, dos homens cuja

tarefa era sempre proteger a carga que ia e vinha de um lugar para outro. Os quatro guardas entraram e fecharam a porta.

Um pouco mais tarde, saíram fumando charutos, conversando felizes no suave registro inferior da língua alemã. Um deles viu o rosto de Billy junto do exaustor. Com o dedo fez uma advertência amistosa, como a lhe dizer que se comportasse.

O americano na outra linha tornou a dizer aos alemães que havia um morto no seu vagão. Os guardas tiraram uma maca do seu próprio vagão confortável, abriram o do morto e entraram. O vagão do morto não estava nada cheio. Lá dentro havia apenas seis coronéis vivos e um morto.

Os alemães levaram o cadáver para fora. O cadáver era Bob Valentão. Coisas da vida.

• • •

Durante a noite, algumas dos locomotivas começaram a apitar e se puseram em movimento. A locomotiva e o último vagão de cada trem tinham uma faixa cor de laranja e preta, indicando que o trem não devia ser atacado por aviões — que transportavam prisioneiros de guerra.

• • •

A guerra estava quase no fim. As locomotivas começaram a seguir para leste em fins de dezembro. A guerra terminaria em maio. Todas as prisões alemãs estavam apinhadas e não havia mais comida para os prisioneiros nem combustíveis para aquecê-los. E, não obstante, aí

vinham mais prisioneiros.

• • •

O trem de Billy Pilgrim, o mais comprido de todos, não se mexeu durante dois dias.

— Isso aqui não 'tá ruim — disse o vagabundo a Billy no segundo dia. — Isso aqui não é nada.

Billy espiou pelo exaustor. O pátio estava deserto agora, excetuando um trem-hospital, marcado com cruzes vermelhas e parado num desvio a uma boa distância.

Sua locomotiva apitou e a locomotiva do trem de Billy Pilgrim apitou em resposta. Diziam "olá".

• • •

Embora o trem de Billy não estivesse em movimento, os vagões de carga eram mantidos trancados. Ninguém podia saltar antes do destino final. Para os guardas, que iam e vinham do lado de fora, cada vagão se transformou num organismo único que comia, bebia e excretava pelos seus exaustores. Também falava ou as vezes berrava pelos seus exaustores. O que entrava era água e pão preto e salsichas e queijo, o que saía era merda e mijo e palavreado.

Lá dentro havia seres humanos que evacuavam em capacetes de aço, os quais eram passados para o pessoal perto dos exaustores, que os descarregavam. Billy era um descarregador. Os seres humanos também passavam cantis que os guardas enchiam de água. Quando

entrava comida os seres humanos se tornavam calmos, confiantes e belos. Repartiam tudo.

• • •

Os seres humanos do lado de dentro se revezavam para ficar de pé ou para deitar. As pernas dos que estavam de pé eram como estacas de cercas fincadas numa terra quente, que se contorcia, peidava e suspirava. Essa terra estranha era um mosaico de homens adormecidos, aconchegados um contra o outro.

Agora o trem começou a se arrastar para o leste.

Em algum lugar lá dentro era Natal. Billy Pilgrim aconchegou-se ao vagabundo na noite de Natal e adormeceu, aí viajando no tempo, voltou a 1967 — para a noite em que foi sequestrado por um disco voador de Tralfamador.

4

NA NOITE DO CASAMENTO DE SUA FILHA, Billy Pilgrim não conseguiu dormir. Tinha 44 anos. O casamento tinha sido realizado naquela tarde numa tenda listrada no pátio da casa de Billy. As listras eram de cor laranja e pretas.

Billy e sua mulher, Valencia, estavam aconchegados um no outro, na sua grande cama de casal, sacolejados por Dedos Mágicos. Valencia não necessitava de ser sacolejada para dormir. Valencia roncava feito uma serra de fita. A pobre mulher não tinha mais útero nem ovários. Haviam sido tirados por um cirurgião — um dos sócios de Billy no novo Holiday Inn.

Era lua cheia.

Billy saiu da cama à luz do luar. Sentiu-se fantasmagórico e luminoso, como que envolto numa pele fresca cheia de eletricidade estática. Olhou para os seus pés nus. Eram cor de marfim e azuis.

• • •

Arrastando os pés, Billy seguiu pelo corredor do andar de cima, sabendo que estava prestes a ser sequestrado por um disco voador. O corredor estava rajado de escuridão e luar. O luar entrava pelas portas abertas dos quartos vazios das duas crianças de Billy, que não eram

mais crianças. Tinham partido para sempre. Billy era levado pelo medo ou pela falta de medo. O medo lhe dizia quando parar. A falta de medo lhe dizia quando voltar a andar. Parou.

Entrou no quarto de sua filha. As gavetas estavam vazias. O armário estava vazio. Amontoadas no meio do quarto estavam todos os seus pertences que não tinha conseguido levar para a lua de mel. Tinha uma extensão de telefone tipo princesa que era só seu — em cima do peitoril da janela. A pequenina luz noturna do aparelho olhava fixamente para Billy. E subitamente o telefone tocou.

Billy atendeu. Do outro lado estava um bêbedo. Billy quase pôde sentir-lhe o hálito — gás mostarda e rosas. Era engano. Billy desligou. No peitoril havia uma garrafa de refrigerante. Seu rótulo vangloriava-se de que a bebida não continha qualquer elemento nutritivo.

• • •

Arrastando os pés azuis e cor de marfim, Billy Pilgrim desceu as escadas. Foi à cozinha, onde o luar lhe chamou a atenção para uma meia garrafa de champanhe na mesa, tudo quanto tinha restado da recepção na tenda. Alguém a tinha arrolhado novamente. Parecia dizer: "Beba-me".

Portanto, Billy a desarrolhou com os polegares. Não fez qualquer estouro. O champanhe estava choco. Coisas da vida.

Billy olhou para o relógio no fogão a gás. Tinha uma hora para matar antes da chegada do disco. Foi até a sala de estar, sacudindo a garrafa como um sino e ligou a televisão. Ficou ligeiramente solto no espaço e viu um filme de trás para a frente e depois de frente para trás.

Era um filme sobre bombardeiros americanos na Segunda Guerra Mundial e os homens corajosos que os tripulavam. Vista de trás para frente, a história ia assim.

Aviões americanos, cheios de buracos, homens feridos e cadáveres, levantaram voo de costas de um aeroporto na Inglaterra. Sobre a França, alguns aviões de combate alemães aproximaram-se deles voando para trás, aspirando balas e fragmentos de bombas de alguns aviões e tripulantes. Fizeram o mesmo com bombardeiros americanos destruídos no solo e estes decolaram para trás para se juntarem à formação.

A formação voou de costas sobre uma cidade alemã em chamas. Os bombardeiros abriram os alçapões das bombas e realizaram um magnetismo milagroso que encolheu os incêndios, reunindo-os em recipientes cilíndricos de aço e levantou os recipientes nos bojos dos aviões. Os recipientes arrumaram-se em prateleiras. Os alemães lá embaixo também tinham os seus artifícios milagrosos, que eram longos tubos de aço. Eram usados para aspirar mais fragmentos dos tripulantes e dos aviões. Mas, ainda assim, havia uns poucos americanos feridos e alguns dos bombardeiros estavam em mau estado. Sobre a França, porém, os aviões de combate alemães voltaram e consertaram tudo.

• • •

Quando os bombardeiros voltaram à sua base, os cilindros de aço foram retirados das prateleiras e mandados de volta aos Estados Unidos, onde havia fábricas funcionando noite e dia, desmontando os cilindros e separando o seu perigoso conteúdo em minerais. Um

aspecto tocante era que o trabalho estava entregue principalmente a mulheres. Em seguida os minerais foram enviados a especialistas em lugares remotos. A função deles era enterrá-los no solo, escondê-los tão bem que jamais pudessem voltar a fazer mal a quem quer que fosse.

Os aviadores americanos devolveram seus uniformes e se transformaram em estudantes. E Billy Pilgrim supôs que Hitler se transformou num bebê. Isto não estava no filme, mas Billy estava extrapolando. Todo o mundo se transformou em bebê, e a humanidade toda, sem exceção, conspirou biologicamente para produzir duas pessoas perfeitas, chamadas Adão e Eva. Foi o que Billy supôs.

• • •

Billy viu os filmes de guerra de frente para trás e depois de trás para a frente — e então tinha chegado a hora de ir para o pátio esperar o disco voador. Ele saiu, seus pés azuis e cor de marfim esmagando a salada verde do gramado. Parou e tomou um gole do champanhe choco. Tinha o gosto de 7-Up. Não levantaria os olhos para o céu, embora soubesse que havia um disco voador de Tralfamador lá em cima. Não demoraria a vê-lo por dentro e por fora e também não demoraria a ver de onde vinha — não demoraria nada.

Acima de sua cabeça ouviu o grito do que poderia ter sido uma coruja melodiosa, mas não era uma coruja melodiosa. Era um disco voador de Tralfamador, navegando no espaço e no tempo e que, portanto, pareceu a Billy ter chegado do nada de repente. Em algum lugar ouviu-se o latido de um cachorro grande.

• • •

O disco tinha 35 metros de diâmetro, com vigias ao longo da borda. A luz das vigias era um roxo pulsante. O único ruído que fazia era o canto da coruja. Desceu para ficar flutuando em cima de Billy, envolvendo-o num cilindro de pulsante luz roxa. Em seguida ouviu-se um som como o de um beijo quando uma escotilha hermética se abriu no fundo do disco. Desceu uma escada delineada sem luzes como uma roda gigante.

A vontade de Billy foi paralisada com uma pistola de raios dirigida contra ele de uma das vigias. Tornou-se imperativo que agarrasse o último degrau da escada sinuosa e foi o que ele fez. O degrau estava eletrificado e as mãos de Billy ficaram presas a ele. Foi puxado para dentro da escotilha e a porta se fechou mecanicamente. Só então a escada, enrolada numa bobina na escotilha, o soltou. Só então o cérebro de Billy voltou a funcionar.

• • •

Dentro da escotilha havia duas pequenas vigias através das quais olhos amarelos o observavam. Havia um alto-falante na parede. Os tralfamadorianos não tinham cordas vocais. Comunicavam-se telepaticamente. Puderam falar com Billy por meio de um computador e uma espécie de órgão elétrico que reproduzia todos os sons da fala dos terráqueos.

— Seja bem-vindo a bordo, Sr. Pilgrim — disse o alto-falante. — Alguma pergunta?

Billy lambeu os lábios, pensou por um momento e depois perguntou: — Por que eu?

— É uma pergunta muito *terráquea*, Sr. Pilgrim. Por que o *senhor*? E falando nisso, por que *nós*? Por que *o que quer que seja*? Porque este momento simplesmente *é*. O senhor já viu alguma vez insetos presos em âmbar?

— Já. — Na verdade, Billy tinha um peso para papéis no seu escritório, que era um pedaço de âmbar com três joaninhas lá dentro.

— Bem, aqui estamos, Sr. Pilgrim, presos no âmbar deste momento. Não há *porquê*.

• • •

Em seguida introduziram um anestésico na atmosfera de Billy e o adormeceram. Carregaram-no para uma cabine onde foi amarrado a uma poltrona Barca-Lounger amarela que eles haviam roubado de um depósito da Searas & Roebuck. O porão do disco voador estava repleto de outras mercadorias roubadas, que seriam utilizadas para mobiliar o habitat artificial de Billy num jardim zoológico em Tralfamador.

A tremenda aceleração do disco ao partir da Terra contorceu o corpo adormecido de Billy, deformou-lhe o rosto e deslocou-o no tempo, enviando-o de volta à guerra.

Quando recobrou os sentidos não estava mais no disco voador. Estava novamente num vagão de carga atravessando a Alemanha.

Algumas pessoas estavam se levantando do assoalho do vagão, enquanto outras estavam se deitando. Billy também planejava se deitar. Seria formidável dormir. Estava escuro dentro e fora do vagão,

cuja velocidade parecia ser de três quilômetros por hora. Aparentemente o vagão nunca andava mais depressa do que isso. Havia grandes intervalos entre os cliques, entre as juntas dos trilhos. Ouvia-se um *clique*, em seguida passava um ano e depois ouvia-se um outro *clique*.

O trem parava com frequência para dar passagem a trens realmente importantes. Outra coisa que fazia era parar em desvios perto de prisões e deixar alguns vagões. O trem se arrastava pela Alemanha toda e ficava cada vez mais curto.

• • •

Billy se abaixou muito vagarosamente, agarrado ao suporte diagonal no canto, procurando se tornar quase invisível para os homens deitados no chão. Sabia que era importante transformar-se quase num espectro quando se deitasse. Tinha esquecido o motivo mas foi lembrado sem demora.

— Pilgrim — disse a pessoa contra a qual estava prestes a se aninhar — é *você*?

Billy não respondeu, mas se aconchegou muito cortesmente e fechou os olhos.

— Diabo que o carregue — disse a pessoa — é você mesmo, não é? — Sentou-se e apalpou Billy grosseiramente com as mãos. — É você, sim. Ponha-se para fora.

Agora Billy também se sentou, muito infeliz e quase chorando.

— Vá embora! Quero dormir!

— Cale a boca — disse alguém.

— Calo a boca quando Pilgrim sair daqui.

E assim Billy voltou a se levantar e agarrou-se ao suporte.

— Onde é que eu *posso* dormir? — perguntou brandamente.

— Comigo, não.

— Nem comigo, seu filho da puta — disse outra voz. — Você berra e dá pontapés.

— É mesmo?

— Ora, se é. E choraminga também.

— É mesmo?

— Fique bem longe daqui, Pilgrim.

Em seguida ouviu-se um madrigal rabugento, com partes cantadas em todos os cantos do vagão. Aparentemente, quase todo o mundo conhecia uma história de atrocidades cometidas por Billy contra a outra pessoa enquanto esta dormia. Todo o mundo dizia a Billy para ficar bem longe.

• • •

E assim Billy Pilgrim teve de dormir de pé ou não dormir de todo. A comida tinha deixado de vir pelo exaustor e os dias e as noites estavam cada vez mais frios.

• • •

No oitavo dia o vagabundo de quarenta anos disse, a Billy: — Isso aqui não 'tá ruim. Passo bem em qualquer lugar.

— Passa? — disse Billy.

No nono dia, o vagabundo morreu. Coisas da vida. Suas últimas palavras foram: — Você acha que isso aqui, 'tá ruim? Não 'tá ruim, não.

Havia uma ligação entre a morte e o nono dia. Ocorreu uma morte também no nono dia no vagão à frente do de Billy. Roland Weary morreu de gangrena que tinha começado nos seus pés estropiados. Coisas da vida.

Weary, no seu delírio quase contínuo, falou muitas vezes dos Três Mosqueteiros, reconheceu que estava morrendo e deixou muitos recados para serem dados à sua família em Pittsburgh. Acima de tudo, queria ser vingado e portanto repetiu sem cessar o nome da pessoa que o tinha matado. Todo o mundo tinha aprendido bem a lição.

— Quem me matou? — perguntava ele.

E todos sabiam a resposta, que era: — Billy Pilgrim.

• • •

Escutem: no décimo dia a cavilha foi tirada do ferrolho da porta do vagão de Billy e a porta se abriu. Billy Pilgrim estava deitado em cima da cantoneira e perpendicularmente a ela, autocrucificado, agarrado ao peitoril do exaustor com uma garra azul e cor de marfim. Billy tossiu quando a porta foi aberta e, quando tossiu, cagou um mingau fino. Isto estava de acordo com a Terceira Lei de Newton. Essa lei nos diz que para cada ação há uma reação, que é igual e inversamente proporcional.

Isto pode ser útil na ciência dos foguetes.

• • •

O trem havia chegado a um desvio perto de uma prisão originalmente construída como campo de extermínio para prisioneiros de guerra russos.

Os guardas espiaram dentro do vagão de Billy, arrulhando de maneira tranquilizadora. Jamais tinham lidado com americanos antes, mas de forma geral, compreendiam bem essa espécie de carga. Sabiam que se tratava essencialmente de um líquido que podia ser induzido a fluir vagarosamente na direção de arrulhos e de luz. Era noite.

• • •

A única luz de fora vinha de uma lâmpada pendurada num poste — alto e distante. Tudo estava quieto do lado de fora, com exceção dos guardas, que arrulhavam feito rolinhas. E o líquido começou a fluir. Grandes massas se juntavam à porta do vagão e se estatelavam contra o solo.

Billy foi o penúltimo ser humano a chegar à porta. O vagabundo foi o último. O vagabundo não podia fluir nem se estatelar. Não era mais líquido. Era pedra. Coisas da vida.

• • •

Billy não queria saltar do vagão para o chão. Acreditava sinceramente que se estilhaçaria como vidro. De modo que os guardas o ajudaram a descer, arrulhando sempre. Puseram-no de pé de frente para o trem.

Era agora um trem tão engraçadinho.

Havia uma locomotiva, um vagão de carvão e três vagõezinhos de carga. O último era o paraíso sobre rodas dos guardas. Mais uma vez, naquele paraíso sobre rodas, a mesa estava posta. O jantar foi servido.

• • •

Na base do poste do qual pendia a lâmpada havia o que parecia ser três montes de feno. Os americanos foram contados e persuadidos a se aproximarem dos três montes, que, afinal, não eram de feno. Eram sobretudos tirados de prisioneiros mortos. Coisas da vida.

Era vontade firmemente expressa dos guardas que cada americano que não tivesse sobretudo pegasse um. Os sobretudos estavam cimentados por gelo, e os guardas usaram as suas baionetas como picaretas, soltando gotas, bainhas e mangas e assim por diante, depois arrancando os sobretudos e distribuindo-os a esmo. Estavam duros e forma de domo, tendo tomado a forma dos montes.

O destinado a Billy tinha sido amarrotado e havia congelado de tal maneira, e era tão pequeno que parecia mais uma espécie de grande tricórnio preto. Tinha também umas manchas pegajosas, como de lubrificante usado ou de geleia velha de morangos. Um pequeno animal peludo parecia congelado no sobretudo. Na realidade, era a gola de pele.

Billy lançou um olhar indiferente aos sobretudos de seus companheiros. Os deles tinham todos botões de latão ou brocatel ou guarnições, números ou divisas, ou águias, luas ou estrelas. Eram sobretudos de soldados. Billy era o único que tinha o sobretudo de um

civil morto. Coisas da vida.

Billy e o resto foram estimulados a contornar o seu trem engraçadinho e a seguir para o campo de prisioneiros. Não havia nada de quente ou vivo para atrai-los — apenas milhares de galpões compridos, baixos e estreitos, sem qualquer luz lá dentro.

Em algum lugar um cão latiu. Com a ajuda do medo, dos ecos e dos silêncios do inverno, aquele cachorro tinha a voz de um grande gongo de bronze.

• • •

Billy e o resto foram atraídos para passar por portões e mais portões. E Billy viu o seu primeiro russo. O homem estava inteiramente só na noite — um monte de farrapos, com uma cara redonda e chata que brilhava como um mostrador luminoso.

Billy passou a um metro, dele. Entre os dois havia uma cerca de arame farpado. O russo não acenou nem falou, mas olhou para dentro da alma de Billy com uma expressão de doce esperança, como se Billy pudesse ter boas notícias para ele — notícias que ele talvez fosse burro demais para compreender, mas mesmo assim, boas notícias.

Billy apagou enquanto passava por portão atrás de portão. Voltou a si no que pensou ser um edifício de Tralfamador. Estava iluminado berrantemente e revestido de ladrilhos brancos. Contudo, era na Terra. Era um posto de despiolhamento pelo qual todos os prisioneiros recém-chegados tinham de passar.

Obedecendo ordens, Billy se despiu. Foi também a primeira coisa que o mandaram fazer em Tralfamador.

Um alemão mediu o braço direito de Billy com o polegar e o indicador e perguntou a um camarada que espécie de exército teria coragem de mandar um fracote como esse para o *front*. Passaram a olhar para outros corpos americanos e notaram uma porção que eram quase tão ruins quanto o de Billy.

• • •

Um dos melhores corpos pertencia ao mais velho, de longe, dos americanos, um professor de escola de Indianápolis. Seu nome era Edgar Derby. Não tinha vindo no vagão de Billy, e sim no de Roland Weary. Weary tinha morrido nos braços dele. Coisas da vida. Derby tinha 44 anos. Era tão velho que tinha um filho fuzileiro naval no teatro de operações do Pacífico.

Derby tinha puxado uns fios políticos para ser admitido no exército na sua idade. A matéria que ensinava em Indianópolis era Problemas Contemporâneos da Civilização Ocidental. Também era treinador da equipe de tênis e tratava muito bem do seu corpo.

O filho de Derby sobreviveria à guerra. Derby, não. O seu corpo bonito estaria cheio de balas disparadas por um esquadrão de fuzilamento de Dresden, dentro de 68 dias. Coisas da vida.

O pior corpo americano não era o de Billy. O pior corpo pertencia a um ladrão de automóveis de Cicero, Illinois. Seu nome era Paul Lazzaro. Era minúsculo, e não apenas tinha os ossos e dentes podres, como a sua pele era nojenta. Lazzaro estava pontilhado de cicatrizes do tamanho de uma moeda de dez centavos. Tinha tido furúnculos várias vezes.

Lazzaro também tinha estado no vagão de Roland Weary e tinha empenhado a sua palavra de honra a Weary que algum dia faria Billy Pilgrim pagar pela sua morte. Estava olhando em volta agora, pensando qual dos seres humanos nus seria Billy.

Os americanos nus tomaram os seus lugares debaixo de numerosos chuveiros ao longo de uma parede de ladrilhos brancos. Não havia torneiras que pudessem controlar. Só o que podiam fazer era esperar o que viesse. Seus pênis estavam encarquilhados e seus sacos encolhidos. A reprodução não era o assunto principal da noite.

• • •

Uma mão invisível abriu uma válvula-mestra. Dos chuveiros jorrou uma torrente escaldante. A chuva era um maçarico que não esquentava. Castigou a pele de Billy sem derreter o gelo no tutano de seus ossos compridos.

Enquanto isso, as roupas dos americanos estavam sendo tratadas com gás tóxico. Piolhos, bactérias e pulgas estavam morrendo aos bilhões. Coisas da vida.

Billy recuou no tempo até a sua infância. Era um bebê que tinha acabado de ser banhado pela mãe. Depois sua mãe o envolveu numa toalha e o levou a um quarto cheio de sol. Desembrulhou-o, deitou na toalha que lhe fazia cócegas, passou talco entre as suas pernas, brincou com ele e lhe deu palmadinhas na barriga gordinha. A palma de sua mão produzia estalos na sua barriga gordinha.

Billy gorgorejava e arrulhava.

• • •

E depois Billy voltou a ser um optometrista de meia-idade, jogando golfe numa manhã de domingo de verão. Billy nunca mais ia à igreja agora. Estava jogando com mais três optometristas. Billy atingiu o *green* em sete tacadas e a vez era dele.

Era uma jogada de dois metros e meio e ele conseguiu fazê-la. Abaixou-se para tirar a bola do buraco e o sol desapareceu detrás de uma nuvem. Por um momento Billy ficou zonzo. Quando se refez, não estava mais no campo de golpe. Estava amarrado a uma poltrona amarela numa câmara branca, a bordo de um disco voador, com destino a Tralfamador.

• • •

— Onde estou? — perguntou Billy Pilgrim.

— Preso em âmbar, Sr. Pilgrim. Estamos onde temos de estar neste momento... a 480 milhões de quilômetros da Terra, a caminho de uma distorção no tempo que nos levará a Tralfamador em horas em vez de séculos.

— Como... como é que vim parar aqui?

— Só um outro terráqueo é que lhe poderia explicar. Os terráqueos são grandes explicadores, explicando porque este acontecimento está estruturado como está, contando como outros acontecimentos podem ser realizados ou evitados. Eu sou um tralfamadoriano, que pode ver o tempo inteiro como o senhor veria uma parte das Montanhas Rochosas. O tempo inteiro é o tempo inteiro. Jamais muda. Não se presta a advertências ou explicações. Simplesmente existe. Examine-o,

momento por momento e verá que somos todos, como já disse antes, insetos em âmbar.

— Pelo jeito como o senhor fala parece que não acredita em livre-arbítrio — disse Billy Pilgrim.

• • •

— Se eu não tivesse passado tanto tempo estudando os terráqueos — disse o tralfamadoriano — eu não teria a menor ideia do que significa "livre-arbítrio". Visitei 31 planetas habitados no universo e li relatórios a respeito de mais uma centena. É apenas na Terra que se fala em livre-arbítrio.

5

DIZ BILLY PILGRIM QUE O UNIVERSO, para as criaturas de Tralfamador, não parece uma porção de pontinhos luminosos. As criaturas conseguem ver onde se encontrava cada uma das estrelas e para onde se dirige, de modo que o céu é cheio de espaguete luminoso rarefeito. E os tralfamadorianos tampouco veem os seres humanos como criaturas bípedes. São vistos como grandes centopeias — "com pernas de bebê de um lado e pernas de gente velha do outro", diz Billy Pilgrim.

• • •

Billy pediu alguma coisa para ler durante a viagem para Tralfamador. Seus captores tinham cinco milhões de livros terráqueos em microfilme, mas não tinham meios para projetá-los na cabine de Billy. Possuíam apenas um livro verdadeiro em inglês, que seria colocado num museu tralfamadoriano. Era *O Vale das Bonecas*, de Jacqueline Susann.

Billy leu e achou que tinha partes boas. Os personagens tinham os seus altos e baixos, altos e baixos. Mas Billy não estava com vontade de ler sempre a respeito dos mesmos altos e baixos. Perguntou se não havia outra coisa para ler, por favor.

— Só novelas tralfamadorianas, que o senhor nem poderia começar a compreender — disse o alto-falante na parede.

— De qualquer maneira, deixe-me ver.

Mandaram-lhe várias. Eram coisinhas pequeninas. Uma dúzia delas teria o tamanho de *O Vale das Bonecas* — com todos os seus altos e baixos, altos e baixos.

• • •

É claro que Billy não sabia ler tralfamadoriano, mas pelo menos pôde ver a arrumação do texto — pequenos grupos de símbolos separados por estrelas. Billy observou que esses grupos podiam ser telegramas.

— Exatamente — disse a voz.

— Então, são telegramas mesmo?

— Em Tralfamador não existem telegramas. Mas o senhor tem razão: cada grupo de símbolos é uma mensagem curta e urgente... descrevendo uma situação, uma cena. Nós tralfamadorianos os lemos todos de uma vez, não um depois do outro. Não há qualquer relação particular entre todas as mensagens, só que o autor as escolheu cuidadosamente, de forma que, vistos todas de uma só vez, elas produzem uma imagem da vida que é linda, surpreendente e profunda. Não há começo, nem meio, nem fim, nem suspense, nem moral, nem causas, nem efeitos. O que nos agrada em nossos livros é a profundidade de muitos momentos maravilhosos, vistos todos de uma só vez.

• • •

Momentos depois, o disco entrou numa distorção no tempo e Billy foi lançado para trás, até a sua infância. Tinha doze anos e tremia ao lado de seus pais em Bright Angel Point, à beira do Grand Canyon. A pequena família humana estava olhando para o fundo do desfiladeiro, a um quilômetro e meio lá embaixo.

— Bem... — disse o pai de Billy, lançando corajosamente uma pedrinha no espaço — *aqui* estamos. — Tinham viajado de automóvel para esse lugar famoso. No percurso os pneus haviam arrebentado sete vezes.

— Valeu a pena, a viagem — disse a mãe de Billy extasiada. — Deus do céu, como *valeu* a pena.

Billy odiou o desfiladeiro. Tinha certeza de que ia cair. Sua mãe o tocou e ele urinou nas calças.

• • •

Havia outros turistas olhando para o fundo da garganta e um guarda-florestal estava lá para responder perguntas. Um francês, que tinha vindo lá da França, perguntou ao guarda-florestal em inglês hesitante, se muita gente se suicidava saltando dali.

— Sim, senhor — disse o guarda-florestal. — Mais ou menos umas três pessoas por ano. — Coisas da vida.

• • •

Billy fez uma viagem muito curta pelo tempo, deu um pulinho de

apenas dez dias, de modo que ainda tinha doze anos e ainda estava excursionando pelo oeste com a família.

Agora estavam nas Cavernas de Carlsbad e Billy estava rezando a Deus para que o tirasse de lá antes que o teto desabasse.

O guarda-florestal estava explicando que as Cavernas haviam sido descobertas por um vaqueiro que viu uma imensa nuvem de morcegos saindo de um buraco no solo. E depois disse que apagaria todas as luzes e que esta seria provavelmente a primeira vez nas vidas da maioria dos presentes que se encontrariam numa escuridão total.

As luzes foram apagadas. Billy nem sabia se ainda estava vivo ou não. E de repente alguma coisa fantasmagórica surgiu flutuando à sua esquerda. Tinha números. Seu pai puxara o relógio de bolso, que tinha um mostrador luminoso.

• • •

Billy passou da escuridão total à luz total, e estava novamente na guerra, de volta ao posto de despiolhamento. O banho tinha terminado. Uma mão invisível havia fechado a água.

Quando Billy recebeu suas roupas de volta, elas não estavam mais limpas, mas todos os animais que ali tinham vivido estavam mortos. Coisas da vida. E o seu novo sobretudo estava descongelado e flácido. Era muito pequeno para Billy. Tinha uma gola de pele e forro de seda vermelha; aparentemente tinha sido feito para um empresário do tamanho de um macaco de tocador de realejo. Estava cheio de furos de bala.

Billy Pilgrim se vestiu. Pôs também o pequeno sobretudo. Este

rompeu-se nas costas e, nos ombros, as mangas se soltaram completamente. Dessa forma, o sobretudo se transformou num colete com gola de pele. Tinha sido desenhado para se alargar na cintura do dono, mas o alargamento estava nas axilas de Billy. Os alemães o acharam uma das coisas mais hilariantes que tinham visto em toda a Segunda Guerra Mundial. Não paravam de rir.

• • •

Os alemães disseram a todos para formar filas de cinco, com Billy sendo o pivô. O desfile recomeçou e mais uma vez passou por um portão depois do outro. Havia mais russos famintos com caras de mostradores luminosos. Os americanos estavam mais animados do que antes. A fricção da água quente tinha lhes dado nova vida. Por fim chegaram a um galpão onde um cabo maneta e caolho anotou o número de cada prisioneiro num grande livro vermelho. Todos estavam legalmente vivos agora. Antes que os seus nomes e números fossem registrados, estavam desaparecidos em ação e provavelmente mortos.

Coisas da vida.

• • •

Enquanto os americanos esperavam para se pôr em movimento, irrompeu uma altercação na sua última fila. Um americano tinha resmungado alguma coisa de que o guarda não gostou. O guarda sabia inglês: arrancou-o da fila e nocauteou-o com um soco.

O americano estava estupefato. Levantou-se trêmulo, cuspindo

sangue. Tinha perdido dois dentes. Suas palavras não tinham sido mal-intencionadas, mas, evidentemente, não teve ideia de que o guarda o escutaria e compreenderia.

— Por que *eu*? — perguntou ao guarda.

O guarda empurrou-o de volta à fila.

— Por que *você*? Por que *qualquer outra pessoa*? — perguntou.

• • •

Quando o nome de Billy Pilgrim foi lançado no registro do campo de prisioneiros, recebeu também um número e uma plaqueta de metal, onde o número estava estampado. O trabalho de estamparia tinha sido feito por um trabalhador escravo polonês. Estava morto agora. Coisas da vida.

Billy recebeu ordens de pendurar a plaqueta no pescoço junto da sua plaqueta de identificação americana. A placa era como um biscoitinho de coquetel, perfurado diametralmente, de modo que um homem forte podia quebrá-lo com as mãos. Caso Billy morresse, o que não se deu, uma metade da plaqueta identificaria o seu corpo e a outra marcaria a sua cova.

Quando, mais tarde, o coitado do professor de escola Edgar Derby foi fuzilado em Dresden, o médico o declarou morto e quebrou a sua plaqueta em duas. Coisas da vida.

• • •

Devidamente registrados e identificados, os americanos foram levados

novamente através de portões e mais portões. Dentro de dois dias suas famílias seriam informadas pela Cruz Vermelha Internacional que estavam vivos.

Ao lado de Billy estava o pequenino Paul Lazzaro, que tinha prometido vingar Roland Weary. Lazzaro não estava pensando em vingança. Estava pensando na sua tremenda dor de barriga. Seu estômago tinha encolhido até o tamanho de uma noz. Aquela bolsa seca e encarquilhada estava dolorida feito um furúnculo.

Ao lado de Lazzaro estava o coitado do velho Edgar Derby, com suas plaquetas americana e alemã à mostra, feito um colar, por cima das roupas. Tinha tido a esperança de vir a ser capitão, de comandar uma companhia, por causa da sua idade e sabedoria. E agora estava ali, na fronteira tcheca, à meia-noite.

— Alto — disse um guarda.

Os americanos fizeram alto. Ficaram parados calmamente no frio. Os galpões entre os quais se achavam tinham a aparência exterior de milhares de outros galpões que tinham visto. Contudo, havia uma diferença: os galpões tinham chaminés de zinco e dessas chaminés saíam, rodopiando, constelações de fagulhas.

Um guarda bateu numa porta.

A porta foi escancarada por dentro, e dela saltou luz, fugindo da prisão a 300.000 quilômetros por segundo. Em seguida, saíram marchando cinquenta ingleses de meia idade, cantando "*Salve, Salve, a Turma Está Toda Reunida*", dos *Piratas de Penzance*[11].

• • •

Esses robustos e rosados vocalistas eram os primeiros prisioneiros de fala inglesa a serem feitos na Segunda Guerra Mundial. Agora cantavam para os que eram praticamente os últimos. Há quatro anos ou mais não tinham visto uma mulher ou uma criança. Tampouco tinham visto pássaros. Nem mesmo pardais queriam entrar no campo.

Os ingleses eram oficiais. Cada um deles havia tentado fugir pelo menos uma vez de outra prisão. Agora estavam aqui, bem no meio de um mar de russos moribundos.

Podiam fazer escavações à vontade. Inevitavelmente sairiam à superfície dentro de um retângulo de arame farpado, seriam cumprimentados com desânimo por russos moribundos que não falavam inglês, que não tinham comida nem informações úteis, nem planos de fuga próprios. Podiam tramar à vontade para se esconder dentro de um veículo ou roubar um veículo, mas nenhum veículo jamais vinha à sua área. Podiam se fingir de doentes, se quisessem, mas tampouco isto resultaria numa viagem. O único hospital do campo era um recinto de seis leitos dentro da própria área britânica.

Os ingleses eram limpos, entusiásticos, decentes e fortes. Cantavam alto e bem. Vinham cantando juntos todas as noites há anos.

Os ingleses também viviam levantando pesos e fazendo exercícios de barra. Suas barrigas eram como tábuas de lavar roupa. Os músculos de suas pernas e braços eram como balas de canhão. Todos eles eram campeões de damas, xadrez, *bridge*, *cribbage*, dominó, anagramas e charadas e também de pingue-pongue e bilhar.

Em termos de comida, estavam entre os homens mais ricos da Europa. Um erro administrativo no início da guerra, quando os

prisioneiros ainda conseguiam receber comida, tinha levado a Cruz Vermelha a lhes enviar quinhentos pacotes por mês, em vez de cinquenta. Os ingleses haviam armazenado esses alimentos com tanta esperteza que agora, com a guerra se aproximando do fim, possuíam três toneladas de açúcar, uma tonelada de café, 500 quilos de chocolate, 320 quilos de fumo, 780 quilos de chá, duas toneladas de farinha, uma tonelada de carne enlatada, 540 quilos de manteiga enlatada, 720 quilos de queijo enlatado, 360 quilos de leite em pó, e duas toneladas de geleia de laranja.

Guardavam tudo isto num quarto sem janelas, que era à prova de ratos, graças a um revestimento de latas de conservas achatadas.

• • •

Eram adorados pelos alemães, que os consideravam exatamente o que os ingleses deviam ser. Davam à guerra um ar elegante, aceitável e divertido. E assim, os alemães lhes cederam quatro galpões, embora um tivesse sido suficiente para eles. E, em troca de café ou chocolate ou fumo, os alemães lhes davam tinta, madeira, pregos e tecidos para as suas instalações.

Os ingleses sabiam há doze horas que hóspedes americanos estavam para chegar. Jamais tinham recebido hóspedes antes e se puseram a trabalhar como anões benévolos, varrendo, limpando, cozinhando, assando, fabricando colchões de palha e sacos de aniagem, preparando mesas, colocando *souvenirs* diante de cada lugar.

Agora estavam cantando as boas-vindas para os seus hóspedes na noite de inverno. Suas roupas rescendiam à festa que estiveram

preparando. Vestiam trajes metade de batalha, metade de tênis ou croquê. Estavam tão exultantes com a sua própria hospitalidade e com as guloseimas à espera de todos, que enquanto cantavam, não chegaram a ver direito os seus hóspedes. E imaginavam que estavam cantando para camaradas de oficialato recém-chegados da batalha.

Afetuosamente conduziram os americanos para a porta do galpão, enchendo a noite de conversas viris e fraternal fanfarronice. Chamavam-nos de "*yank*", diziam "assim é que é", garantiram-lhes que "Jerry estava em fuga" e assim por diante.

Billy Pilgrim ficou cismado sobre quem seria Jerry[12].

• • •

Agora estava dentro do galpão, ao lado de um fogão de ferro incandescente. Sobre ele ferviam dúzias de chaleiras, algumas das quais tinham apitos. E havia um caldeirão de bruxas cheio de sopa dourada. A sopa era grossa. À sua superfície assomavam borbulhas primevas com letárgica majestade diante dos olhos arregalados de Billy.

Havia longas mesas postas para um banquete. Diante de cada lugar havia uma tigela feita de uma lata de leite em pó. Uma lata menor fazia vezes de xícara. Uma lata mais delgada e mais alta era um copo. Todos os copos estavam cheios de leite quente.

Diante de cada lugar havia um aparelho de barbear, uma toalha, um pacote de lâminas, uma barra de chocolate, dois charutos, uma barra de sabão, dez cigarros, uma carteira de fósforos, um lápis e uma vela.

Apenas as velas e o sabão eram de origem alemã. Tinham uma aparência fantasmagórica e opalescente. Os ingleses não tinham como saber, mas as velas e o sabão eram feitos de gordura de judeus, ciganos, viados, comunistas e outros inimigos do Estado.

Coisas da vida.

• • •

O salão de banquetes era iluminado por velas. Nas mesas havia montes de pão branco fresquinho, porções de manteiga e potes de geleia. Havia travessas com carne de lata cortada em fatias. Faltavam vir a sopa, os ovos mexidos e a torta quente de geleia.

No outro extremo do galpão Billy viu arcos cor-de-rosa, entre os quais pendiam cortinas cor de anil; havia, ainda, um enorme relógio, dois tronos dourados, um balde e um esfregão. Era nesse cenário que se realizaria o espetáculo da noite, uma versão musical de *Cinderela*, a história mais popular de todos os tempos.

• • •

Billy Pilgrim estava em chamas, por ter ficado muito perto do fogão em brasa. A bainha do seu pequeno sobretudo estava em chamas. Era um fogo tranquilo e paciente, como de madeira podre.

Billy pôs-se a pensar se haveria um telefone por perto. Queria ligar para a mãe para lhe dizer que estava vivo e passando bem.

• • •

Houve um silêncio agora, quando os ingleses olharam com estupefação para as criaturas esfarrapadas que eles haviam introduzido no galpão com tanta alegria e música. Um dos ingleses viu que Billy tinha pegado fogo.

— Você está pegando fogo, rapaz! — exclamou e, afastando Billy do fogão, apagou as chamas batendo-as com as mãos. Quando Billy não fez qualquer comentário a respeito, o inglês perguntou: — Você pode falar? Pode ouvir?

Com a cabeça, Billy fez que sim.

Cheio de pena, o inglês apalpou Billy aqui e acolá, de forma exploratória: — Meu Deus, que fizeram com você, rapaz? Isto daqui não é um homem, é uma ruína.

— Você é realmente americano? — perguntou o inglês.

— Sou — disse Billy.

— Qual é a sua patente?

— Soldado raso.

— Que aconteceu com suas botas, rapaz?

— Não me lembro.

— Esse sobretudo é uma *piada*?

— Como?

— Onde conseguiu um negócio desses?

Billy teve que pensar a respeito.

— Me deram — respondeu, por fim.

— Jerry lhe deu?

— Quem?

— Os alemães lhe deram?

— Foi.

Billy não gostou das perguntas. Eram cansativas.

— Ora, *yank, yank, yank* — disse o inglês — este sobretudo foi um *insulto*.

— Como?

— Foi uma tentativa deliberada para humilhá-lo. Você não deve permitir que Jerry faça coisas assim.

Billy Pilgrim desmaiou.

Voltou a si sentado numa cadeira diante do palco.

De alguma forma tinha comido e agora estava vendo *Cinderela*. Parte dele evidentemente já estava assistindo ao espetáculo há algum tempo. Estava rindo alto.

É claro que as mulheres da peça eram realmente homens. O relógio tinha acabado de bater meia-noite e Cinderela se lastimava:

"Deus do céu, do relógio a batida

oh dia infeliz, oh sorte fodida".

Billy achou os versos tão engraçados que não apenas ria — urrava. Continuou a urrar até ser retirado do galpão e levado a um outro, onde se achava o hospital. Era um hospital de seis leitos. Não havia outros pacientes.

• • •

Billy foi colocado na cama, amarrado e lhe deram uma injeção de morfina. Outro americano se ofereceu para tomar conta dele. Esse voluntário era Edgar Derby, o professor de escola, que seria fuzilado em Dresden.

Coisas da vida.

Derby sentou-se num tamborete de três pernas. Deram-lhe um livro para ler. O livro era *O Emblema Vermelho da Coragem*, de Stephen Crane. Derby já o conhecia. Agora leu-o novamente, enquanto Billy penetrava no paraíso da morfina.

• • •

Sob os efeitos da morfina, Billy sonhou com girafas num jardim. As girafas andavam por caminhos cobertos de cascalho e comiam peras das copas das árvores. Billy também era uma girafa. Comeu uma pera que era dura e lutava contra os seus dentes triturantes. A pera rachou em protesto suculento.

As girafas aceitaram Billy como igual, como uma criatura inofensiva tão absurdamente especializada como elas próprias. Duas se acercaram cada uma de um lado, e se encostaram nele. Tinham beiços superiores longos e musculosos a que podiam dar a forma de uma boca de clarim, e o beijaram. Eram girafas fêmeas, cor de creme e amarelo-limão. Tinham chifres como maçanetas de porta. As maçanetas eram cobertas de veludo.

Por quê?

• • •

A noite caiu sobre o jardim das girafas e durante algum tempo Billy dormiu sem sonhar e depois viajou no tempo. Acordou com a cabeça debaixo de um cobertor numa enfermaria para pacientes mentais não violentos num hospital para veteranos, perto de Lake Placid, Nova Iorque. Era a primavera de 1948, três anos depois do fim da guerra.

Billy descobriu a cabeça. As janelas da enfermaria estavam abertas. Passarinhos chilreavam. "*Piu-piu-piu*?" perguntou um deles. O sol estava alto. Havia mais 29 pacientes naquela enfermaria, mas estavam todos passeando no momento, aproveitando o dia. Podiam entrar e sair à vontade, e mesmo ir para casa, se quisessem. Billy também podia. Tinham vindo por iniciativa própria, alarmados pelo mundo exterior.

Billy tinha se internado voluntariamente no meio do seu último ano na Escola de Optometria de Ilium. Ninguém mais suspeitava de que ele estava ficando louco. Todos achavam que ele estava com boa aparência e que se comportava bem. Agora ele estava no hospital. Os médicos concordaram: ele *estava* mesmo ficando louco.

Não pensaram que tinha a ver com a guerra. Estavam certos de que Billy estava se desintegrando porque o pai o tinha jogado na parte funda da piscina da A.C.M. quando era garoto e depois o tinha levado até a beira do Grand Canyon.

O homem na cama ao lado da de Billy era um ex-capitão de infantaria chamado Eliot Rosewater. Rosewater estava cheio de andar bêbado o tempo todo.

Foi Rosewater quem apresentou Billy à ficção científica, especialmente à obra de Kilgore Trout. Rosewater tinha uma coleção imensa de livros de bolso de ficção científica em baixo da cama. Tinha levado todos eles ao hospital num baú. Aqueles livros bem-amados e manuseados soltavam um cheiro que permeava toda a enfermaria — como pijamas de flanela que não haviam sido mudados há um mês ou como cozido irlandês.

Kilgore Trout tornou-se o autor vivo favorito de Billy e a ficção científica passou a ser a única espécie de histórias que conseguia ler.

Rosewater era duas vezes mais inteligente do que Billy, mas ele e Billy estavam lidando com crises semelhantes de maneira semelhante. A vida tinha perdido o sentido para ambos, em parte por causa do que tinham visto na guerra. Rosewater, por exemplo, tinha matado um bombeiro de quatorze anos, confundindo-o com um soldado alemão. Coisas da vida. E Billy tinha visto o maior massacre da história europeia, que era o bombardeio de Dresden. Coisas da vida.

De modo que estavam procurando reinventar a si próprios e o seu universo. A ficção científica ajudava muito.

• • •

Certa vez Rosewater disse uma coisa interessante a Billy sobre um livro que não era de ficção científica. Disse que tudo quanto existia para saber a respeito da vida se achava num livro chamado *Os Irmãos Karamazov*, de Fiódor Dostoiévski.

— Mas já não é mais o *suficiente* — disse Rosewater.

• • •

Em outra ocasião, Billy ouviu Rosewater dizendo a um psiquiatra: — Vocês da profissão vão ter de arranjar uma porção de mentiras *novas*, porque senão ninguém mais vai querer continuar vivendo.

• • •

Havia uma natureza morta na mesinha de cabeceira de Billy — duas pílulas, um cinzeiro com três cigarros manchados de batom, um cigarro ainda aceso e um copo d'água. A água estava choca. Coisas da vida. O ar estava procurando sair daquela água choca. Havia bolhas coladas ao interior do copo, fracas demais para sair.

Os cigarros pertenciam à mãe de Billy, que fumava um cigarro atrás do outro. Tinha ido ao toalete de senhoras, que ficava perto da enfermaria para WACS, WAVES, SPARS e WAFS[13] que estavam sofrendo da cabeça. Ela estaria de volta a qualquer momento.

Billy voltou a esconder a cabeça debaixo do cobertor. Sempre cobria a cabeça quando sua mãe vinha visitá-lo na enfermaria dos doentes mentais — sempre ficava pior até ela ir embora. Não porque fosse feia ou tivesse mau hálito ou uma personalidade desagradável. Era uma mulher de modelo padrão, simpática, de cabelos castanhos e educação secundária.

Ela perturbava Billy simplesmente por ser mãe dele. Fazia-o sentir-se sem jeito, ingrato e fraco porque ela se tinha esforçado tanto para lhe dar vida e para conservar essa vida, e Billy realmente não estava gostando nada da vida.

• • •

Billy ouviu Eliot Rosewater entrar e deitar. As molas da cama de Rosewater falavam muito a esse respeito. Era um homem grande, mas não muito forte. Tinha o ar de ter sido feito de massa de vidraceiro.

E aí a mãe de Billy chegou do toalete e sentou-se na cadeira entre as camas de Billy e de Rosewater. Este a cumprimentou com melodioso calor e perguntou como estava passando. Pareceu deliciado de saber que estava passando bem. Estava testando o sistema de se mostrar ardorosamente simpático com todas as pessoas que encontrava. Pensou que isto poderia contribuir para melhorar o mundo um pouquinho que fosse. Chamava a mãe de Billy de "querida". Estava testando o sistema de chamar todo o mundo de "querida".

— Algum dia — prometeu ela a Rosewater — eu vou entrar aqui e Billy vai descobrir a cabeça e sabe o que é que ele vai dizer?

— Vai dizer o que, querida?

— Vai dizer, "Olá, mamãe" e vai sorrir. Vai dizer "Puxa, é bom ver você, Mamãe. Como tem passado?"

— Talvez hoje seja o grande dia.

— Rezo todas as noites.

— Faz muito bem.

— Muita gente ficaria surpreendida se soubesse quanta coisa se consegue com preces.

— Tem toda razão, querida.

— Sua mãe vem visitá-lo muito?

— Minha mãe está morta — disse Rosewater. Coisas da vida.

— Sinto muito.

— Pelo menos teve uma vida boa enquanto durou.

— Já é um consolo.

— É, sim.

— O pai de Billy está morto, sabe — disse a mãe de Billy. Coisas da vida.

— Um rapaz *precisa* de pai.

E assim prosseguiu sem parar esse dueto entre a senhora devota e tola e o homem grande e oco, tão cheio de ecos amorosos.

• • •

— Ele era o primeiro da turma quando o negócio aconteceu — disse a mãe de Billy.

— Talvez estivesse *trabalhando* demais — sugeriu Rosewater. Segurava um livro que queria ler, mas era muito bem educado para ler e falar ao mesmo tempo, por mais fácil que fosse dar respostas satisfatórias à mãe de Billy. O livro era *Maníacos na Quarta Dimensão*, de Kilgore Trout. Era a respeita de gente cujas doenças mentais não podiam ser tratadas, porque as causas das doenças estavam todas na quarta dimensão e os tridimensionais médicos terráqueos não podiam ver as causas e nem mesmo imaginá-las.

Uma das coisas que Trout disse e que tinha agradado muito a Rosewater, era que vampiros, lobisomens, gnomos, anjos e assim por diante realmente existiam, mas que estavam na quarta dimensão. Lá,

segundo Trout, estava também William Blake, o poeta favorito de Rosewater. Lá também estavam o céu e o inferno.

• • •

— Ele está noivo de uma moça muito rica — disse a mãe de Billy.

— Isto é ótimo — disse Rosewater. — O dinheiro pode ser de grande utilidade, às vezes.

— *Pode* mesmo.

— Claro que pode.

— Não tem graça ter de ficar contando cada níquel.

— É bom ter um pouco de folga.

— O pai dela é dono da escola de optometria que Billy frequentava. Ele tem também seis consultórios na nossa parte do estado. Tem o seu próprio avião e uma casa de veraneio no lago George.

— É um lago lindo.

Billy adormeceu debaixo do cobertor. Quando tornou a acordar, estava de volta ao hospital da prisão, amarrado à cama. Abriu um olho e viu o coitado do velho Edgard Derby lendo *O Emblema Vermelho da Coragem* à luz de vela.

Billy fechou aquele olho e viu, na sua memória do futuro, o coitado do velho Edgard Derby diante de um pelotão de fuzilamento nas ruínas de Dresden. Havia apenas quatro pessoas no pelotão. Billy tinha ouvido dizer que em todos os pelotões de fuzilamento um homem recebia uma arma carregada com cartuchos de festim. Billy não imaginou que num pelotão pequeno assim, numa guerra antiga

assim, alguém receberia cartuchos de festim.

• • •

Agora o chefe dos ingleses chegou ao hospital para ver Billy. Era um coronel de infantaria capturado em Dunkirk — era ele quem tinha dado morfina a Billy. Não havia um médico verdadeiro na área inglesa, por tanto a medicação cabia a ele.

— Como vai o paciente? — perguntou a Derby.

— Morto para o mundo.

— Mas não realmente morto.

— Não.

— Que beleza... não sentir coisa alguma e, no entanto, desfrutar de todos os méritos de estar vivo.

Com atraso, Derby assumiu uma lúgubre posição de sentido.

— Não, não... por favor... última forma. Com apenas dois homens para cada oficial e todos os homens doentes, acho que podemos dispensar a costumeira pompa entre oficiais e soldados.

Derby permaneceu de pé.

— Você parece mais velho que os outros — disse o coronel, e acrescentou que todos os outros americanos tinham feito a barba agora, que Billy e Derby eram os únicos que continuavam barbados. E disse: — Sabe, tivemos que imaginar a guerra aqui e imaginamos que era lutada por gente de idade como nós. Tínhamos esquecido que as guerras eram lutadas por cianças. Quando vi aquelas caras recém-barbeadas, tive um choque. "Meu Deus, meu Deus", disse comigo

mesmo, "é a Cruzada das Crianças."

O coronel perguntou ao velho Derby como tinha sido capturado e Derby contou uma história de como estava num arvoredo junto com mais ou menos uma centena de outros soldados amedrontados. A batalha vinha durando cinco dias. Aquela centena tinha sido forçada por tanques a buscar abrigo no arvoredo.

Derby descreveu as incríveis condições meteorológicas artificiais que os terráqueos por vezes criam para outros terráqueos, quando não querem que esses outros terráqueos continuem morando na Terra. Bombas rebentavam nas copas das árvores com estrondos tremendos, disse ele, fazendo chover facas, agulhas e lâminas. Pequenas bolotas de chumbo, em invólucros de cobre, ziguezagueavam pelo bosque sob as explosões das bombas, voando muito mais rapidamente do que o som.

Muita gente estava sendo ferida ou morta. Coisas da vida.

Depois o bombardeio parou e um alemão escondido disse aos americanos, através de um alto-falante, para baixarem as armas e saírem do bosque com as mãos em cima da cabeça, senão o bombardeio recomeçaria. E não pararia até que todos estivessem mortos.

De modo que os americanos largaram as armas e saíram do bosque com as mãos em cima da cabeça, porque queriam continuar vivendo, se possível.

• • •

Billy viajou no tempo, de volta ao hospital para veteranos. O cobertor lhe escondia a cabeça. Do lado de fora do cobertor tudo estava quieto.

— Minha mãe já foi? — perguntou Billy.

— Foi.

Billy espiou para fora. Quem estava lá, agora, sentada na cadeira dos visitantes, era sua noiva. Chamava-se Valencia Merble. Valencia era filha do dono da Escola de Optometria de Ilium. Era rica. Era do tamanho de um bonde porque não conseguia parar de comer. Estava comendo agora. Estava comendo uma barra de chocolate Três Mosqueteiros. Usava lentes trifocais em armação tipo arlequim enfeitada de pedras de vidro. O coruscar das pedras era respondido pelo coruscar do diamante no seu anel de noivado. O diamante estava segurado em 1.800 dólares. Billy tinha encontrado o diamante na Alemanha. Era espólio de guerra.

Billy não queria casar com a feia Valencia. Ela era um dos sintomas de sua doença. Sabia que estava ficando louco quando ouviu a sua própria voz pedindo-a em casamento, implorando que aceitasse o anel de diamante e fosse a sua companheira para o resto da vida.

• • •

Billy disse "oi" e ela perguntou se queria chocolate e ele respondeu, "não, obrigado".

Ela lhe perguntou como se sentia e ele respondeu, "Bem melhor, obrigado." Ela disse que todo o mundo da Escola de Optometria estava triste com a doença dele e esperava que ficasse bom logo e Billy disse:
— Quando encontrar o pessoal, mande um abraço.

Ela prometeu que sim.

• • •

Ela perguntou se ele queria alguma coisa de fora e ele respondeu: — Não. Tenho tudo quanto preciso.

— E livros? — indagou Valencia.

— Estou pertinho de uma das maiores bibliotecas particulares do mundo — disse Billy, referindo-se à coleção de ficção científica de Eliot Rosewater.

Rosewater estava na cama ao lado, lendo, e Billy o envolveu na conversa perguntando o que é que estava lendo agora.

Rosewater lhe contou. Era *O Evangelho do Espaço Sideral*, de Kilgore Trout. Era a respeito de um visitante do espaço sideral, que, a propósito, era muito parecido com um tralfamadoriano. O visitante do espaço sideral fez um estudo sério do cristianismo, para aprender, se possível, por que é que era tão fácil para os cristãos serem cruéis. Concluiu que pelo menos parte do problema era o modo de narrar negligente do Novo Testamento. Supunha que a intenção dos Evangelhos era ensinar às pessoas, entre outras coisas, a serem misericordiosas, mesmo com as mais humildes.

Mas na realidade, os Evangelhos ensinavam isto:

Antes de matar alguém, tenha certeza absoluta de que a pessoa não tem amigos influentes. Coisas da vida.

• • •

O defeito das histórias de Cristo, disse o visitante do espaço sideral, era que Cristo, cuja aparência não era lá essas coisas, era, na realidade,

Filho do Ser Mais Poderoso do Universo. Os leitores compreendiam isso, de modo que, quando chegavam à crucificação, pensavam o que Rosewater leu em voz alta:

— *Puxa vida, daquela vez pegaram o sujeito errado para linchar.*

E essa ideia levava a um outro pensamento: "*Existe* gente certa para *linchar*". Quem? Gente sem amigos influentes. Coisas da vida.

• • •

O visitante do espaço sideral deu de presente à Terra um novo Evangelho. Nesse Evangelho Jesus realmente era um joão-ninguém que aporrinhava um bocado de gente com amigos mais influentes do que ele. Mesmo assim, ainda disse todas aquelas coisas lindas e enigmáticas que dizia nos outros Evangelhos.

De modo que um dia o pessoal resolveu se divertir pregando-o à cruz e plantando a cruz no solo. Os linchadores estavam certos de que não haveria repercussão. O leitor teria de ser da mesma opinião, já que o novo Evangelho vivia repetindo que Jesus era um joão-ninguém.

E então, logo antes do joão-ninguém morrer, os céus se abriram e houve trovões e relâmpagos. A voz de Deus ribombou do firmamento. Disse ao povo que estava adotando aquele vagabundo como filho, dando-lhe plenos poderes e privilégios de Filho do Criador do Universo, por toda a eternidade. Deus falou assim: *Deste momento em diante, Ele castigará de forma horrível todo aquele que atormentar um vagabundo sem amigos influentes!*

• • •

A noiva de Billy tinha terminado a barra de chocolate Três Mosqueteiros. Agora estava comendo uma Via láctea.

— Deixe os livros prá lá — disse Rosewater, jogando aquele livro particular debaixo da cama. — Pró inferno com eles.

— Esse livro parecia interessante — disse Valencia.

— Deus do céu, se Kilgore Trout apenas soubesse escrever! — exclamou Rosewater. Ele tinha razão: a impopularidade de Kilgore era merecida. Sua prosa era um desastre. Só suas ideias eram boas.

• • •

— Acho que Trout nunca esteve fora do país — continuou Rosewater. — Meu Deus, ele escreve a respeito de terráqueos o tempo todo e todos eles são americanos. Praticamente ninguém na Terra é americano.

— Onde é que ele mora? — perguntou Valencia.

— Ninguém sabe — respondeu Rosewater. — Pelo que sei, sou a única pessoa que já ouviu falar dele. Não há dois livros publicados pela mesma editora, e cada vez que lhe escrevo aos cuidados de uma editora, a carta volta porque a firma faliu.

Mudou de assunto agora, cumprimentando Valencia pelo seu anel de noivado.

— Obrigada — disse ela, estendendo a mão, para que Rosewater pudesse vê-lo de perto. — Billy conseguiu esse diamante na guerra.

— É a vantagem da guerra — falou Rosewater.

Todo o mundo, sem exceção, consegue alguma coisinha.

• • •

Quanto ao paradeiro de Kilgore Trout: ele morava em Ilium, a cidade natal de Billy, desprezado e sem amigos. Mais tarde, Billy chegaria a conhecê-lo.

• • •

— Billy... — disse Valencia Merble.

— Sim?

— Quer falar a respeito do modelo dos nossos talheres?

— Quero, sim.

— Acho que reduzi a escolha para dois tipos: *Royal Danish* ou *Rambler Rose*.

— *Rambler Rose* — disse Billy.

— Não é uma decisão para ser tomada às *pressas* — respondeu ela. — Quero dizer, o que escolhermos agora terá que durar para o resto de nossas vidas.

Billy examinou as fotos.

— *Royal Danish* — disse, por fim.

— *Colonial Moonlight* também é bonito.

— É, sim — disse Billy Pilgrim.

• • •

E Billy viajou no tempo até o zoológico de Tralfamador. Tinha 44 anos

e estava sendo exibido sob uma cúpula geodésica. Estava reclinado na poltrona que lhe tinha servido de berço durante a viagem pelo espaço. Estava nu. Os tralfamadorianos estavam interessados no seu corpo — *todo* ele. Do lado de fora havia milhares, erguendo as mãozinhas para que seus olhos pudessem vê-lo. Fazia seis meses terráqueos que Billy estava em Tralfamador. Estava acostumado à multidão.

Fugir era impossível. A atmosfera fora da cúpula era de cianureto e a Terra estava a 713.752.000.000.000.000 quilômetros de distância.

• • •

Billy era exibido no zoológico num habitat terráqueo simulado. A maior parte dos apetrechos tinha sido roubada do depósito da Sears & Roebuck, em Iowa. Havia um aparelho de televisão a cores e um sofá que podia ser transformado em cama. Nas duas extremidades do sofá havia mesinhas com abajures e cinzeiros. Havia um bar e duas banquetas. Havia uma pequena mesa de sinuca. Tudo era atapetado em tom ouro, exceto a cozinha, o banheiro e a tampa de ferro do bueiro no centro do assoalho. Havia revistas arrumadas em leque na mesa de café diante do sofá.

Havia um fonógrafo. O fonógrafo funcionava, a televisão, não. Havia uma foto de um vaqueiro matando outro, colada na tela da televisão. Coisas da vida.

Não havia paredes na cúpula, nenhum lugar para Billy se esconder. A louça verde-menta estava à vista de todos. Billy se levantou da poltrona, foi ao banheiro e fax xixi. A multidão delirou.

• • •

Billy escovou os dentes em Tralfamador, colocou a sua dentadura parcial e foi à cozinha. O fogão a gás, a geladeira e a máquina de lavar pratos também eram cor verde-menta. Havia um quadro pintado na porta da geladeira. A geladeira tinha vindo assim. Era um retrato de um casal dos anos 1890 numa bicicleta de dois assentos.

Billy olhou para o retrato agora e procurou pensar alguma coisa a respeito do casal. Não teve ideia alguma. Parecia não haver o que pensar a respeito daqueles dois.

• • •

Billy fez um gostoso desjejum de consersas. Lavou a xícara e o prato, a faca, o garfo e a colher e a panela e guardou tudo. Depois fez exercícios que tinha aprendido no Exército: saltos e flexões. A maioria dos tralfamadorianos não tinha meio de saber se o rosto e o corpo de Billy eram bonitos ou não. Supunham que era um espécime magnífico. Isto produziu um efeito agradável sobre Billy, que pela primeira vez se sentiu satisfeito com seu corpo.

Depois dos exercícios Billy tomou um chuveiro e aparou as unhas dos dedos do pé. Fez a barba e passou desodorante debaixo dos braços, enquanto um guia do jardim zoológico, numa plataforma elevada, do lado de fora, explicava o que Billy estava fazendo e porque. O guia se comunicava por telepatia; simplesmente ficou parado emitindo ondas de pensamento para a multidão. Na plataforma, junto dele, havia um pequeno instrumento de teclado, através do qual podia transmitir perguntas da multidão dirigidas a Billy.

E agora veio a primeira pergunta, pelo alto-falante no aparelho de

televisão: — Você se sente feliz aqui?

— Tão feliz quanto na Terra — disse Billy Pilgrim, e era verdade.

• • •

Havia cinco sexos em Tralfamador, cada um dos quais cumpria uma função necessário na criação de um novo indivíduo. Todos pareciam idênticos a Billy — porque as suas diferenças de sexo estavam todas na quarta dimensão.

Incidentalmente, uma das maiores notícias bombásticas que os tralfamadorianos deram a Billy tinha a ver com o sexo na Terra. Disseram que as suas tripulações de discos voadores haviam identificado nada menos que *sete* sexos na Terra, cada um dos quais, indispensáveis à reprodução. Mais uma vez Billy não conseguiu imaginar o que cinco desses sete sexos tinham a ver com a produção de uma criança, já que eram sexualmente ativos apenas na quarta dimensão.

Os tralfamadorianos procuraram dar deixas a Billy que lhe ajudassem a imaginar o sexo na dimensão invisível. Disseram-lhe que não podia haver bebês terráqueos sem homossexuais masculinos. *Podia* haver bebês sem homossexuais femininas. Não podia haver bebês sem mulheres acima de 65 anos de idade. *Podia* haver bebês sem homens acima de 65 anos de idade. Não podia haver bebês sem outros bebês que tivessem vivido uma hora ou menos depois do nascimento. E assim por diante.

Tudo isso era baboseira para Billy.

• • •

Muita coisa do que Billy dizia também era baboseira para os tralfamadorianos. Não podiam imaginar como o *tempo* parecia. Billy tinha desistido de lhes explicar. O guia lá fora teve de explicar da melhor maneira possível.

O guia convidou a multidão a imaginar que estavam olhando para uma serra, através de um deserto, num dia luminoso e claro. Podiam olhar para um pico ou um pássaro ou uma nuvem, para uma pedra bem diante deles ou para dentro de uma garganta às suas costas. Mas entre eles se achava este pobre terráqueo, e a sua cabeça estava encerrada numa esfera de aço que ele jamais podia tirar. Podia olhar por apenas uma abertura para um só olho e soldado a esta abertura achava-se um tubo de dois metros de comprimento.

Este foi apenas o princípio das desgraças de Billy na metáfora. Ele também estava amarrado a uma grade de aço aparafusada a um vagão-plataforma sobre trilhos, e não tinha meio de mexer a cabeça ou tocar o tubo. O outro extremo do tubo estava apoiado num descanso de duas pernas, também aparafusado ao vagão-plataforma. Tudo quanto Billy podia ver era o pontinho na extremidade do tubo. Ele não sabia que estava num vagão-plataforma; nem mesmo sabia que havia algo de estranho em sua situação.

As vezes o vagão-plataforma se arrastava, outras vezes corria com muita rapidez; frequentemente parava, subia e descia ladeiras, fazia curvas ou seguia em linha reta. O que quer que Billy visse pelo tubo, não tinha outra solução senão dizer: — É a vida.

• • •

Billy pensou que os tralfamadorianos se mostrariam espantados e alarmados com as guerras e outras formas de matança. Pensou que receassem que a combinação terráquea de ferocidade e armas espetaculares acabasse por destruir parte ou talvez todo o Universo inocente. A ficção científica o tinha levado a esperar isto.

Mas o assunto da guerra não foi levantado até que o próprio Billy o trouxe à baila. Alguém na multidão no zoológico perguntou-lhe, através do guia, qual era a coisa mais valiosa que tinha aprendido até agora em Tralfamador e Billy respondeu: — É como os habitantes de um planeta inteiro podem viver em paz! Como sabem, venho de um planeta onde ocorrem matanças insensatas desde o início dos tempos. Eu mesmo vi os cadáveres de meninas de escola fervidas vivas numa torre d'água pelos meus próprios compatriotas, que na época tinham orgulho de estar lutando contra o mal. — Isto era verdade. Billy tinha visto os corpos cozidos em Dresden. — E iluminei o meu caminho numa prisão, à noite, com velas feitas da gordura de seres humanos que foram massacrados pelos irmãos e pais daquelas meninas de escola que foram cozidas. Os terráqueos devem ser o terror do Universo! Se os outros planetas não foram ainda ameaçados pela Terra, isto não demorará a acontecer. Portanto, contem-me o segredo para que eu possa levá-lo de volta à Terra e assim salvar todos: como é que um planeta pode viver em paz?

Billy sentiu que a sua fala tinha sido sublime. Ficou espantado quando viu os tralfamadorianos fechar as suas mãozinhas sobre os olhos. Sabia de experiência própria o que isto significava: ele estava sendo idiota.

• • •

— Podem... podem me dizer — perguntou ele muito desapontado ao guia — que é que isto tem de idiota?

— Nós sabemos como terminará o Universo — respondeu o guia — e a Terra nada tem a ver com isso, só que também *dela* não restará coisa nenhuma.

— Como... *como* é que terminará o Universo? — Billy quis saber.

— Nós a faremos voar pelos ares, experimentando novos combustíveis para os nossos discos voadores. Um piloto de provas tralfamadoriano apertará um botão de arranque e o Universo todo desaparecerá. — Coisas da vida.

• • •

— Se vocês sabem — disse Billy — não haverá um jeito de evitar tudo isso? Não podem impedir o piloto de *apertar* o botão?

— Ele *sempre* apertou o botão e sempre *vai* apertar. Nós *sempre* deixamos e sempre *deixaremos*. É que o momento foi *estruturado* assim.

• • •

— Então... — disse Billy meio incerto — acho que a ideia de impedir a guerra na Terra também é idiota.

— Claro.

— Mas o planeta de vocês *é* pacífico mesmo?

— Hoje, sim. Em outros dias temos guerras tão horríveis que nem

podem ser imaginadas. Como não há nada que possamos fazer a respeito, simplesmente não olhamos para elas. Não tomamos conhecimento. Passamos a eternidade olhando para momentos agradáveis, como no zoológico hoje. Este momento não é agradável?

— É, sim.

— Esta é uma das coisas que os terráqueos poderiam aprender de nós, se fizessem força: não tomar conhecimento dos tempos ruins e concentrar-se nos tempos bons.

— Hum — disse Billy Pilgrim.

Pouco depois de adormecer naquela noite, Billy viajou no tempo para outro momento bastante agradável, a sua noite de núpcias com Valencia ex-Merble. Tinha saído do hospital para veteranos havia seis meses. Estava perfeitamente bem. Tinha se formado pela Escola de Optometria de Ilium, em terceiro lugar de uma turma de 47.

Agora estava na cama com Valencia, num simpático apartamento construído na extremidade de um cais em Cape Ann, Massachussets. Do outro lado das águas piscavam as luzes de Gloucester. Billy estava em cima de Valencia, fazendo amor com ela. Um dos resultados deste ato seria o nascimento de Robert Pilgrim, que seria um problema na escola, mas depois tomaria jeito como membro dos famosos Boinas Verdes.

Valencia não viajava no espaço, mas tinha uma imaginação fértil. Enquanto Billy fazia amor, ela imaginava ser uma mulher famosa na História. Era a Rainha Elizabeth I da Inglaterra e Billy era Cristóvão Colombo.

• • •

Billy fez um ruído como uma pequena dobradiça enferrujada. Tinha acabado de esvaziar as suas vesículas seminais dentro de Valencia, contribuindo, assim, com a sua parte para o Boina Verde. Naturalmente, segundo os tralfamadorianos, o Boina Verde teria sete genitores ao todo.

Agora rolou de cima de sua imensa mulher, cuja expressão extasiada não mudou com a retirada dele. Billy ficou deitado com as vértebras ao longo da beira do colchão, as mãos entrelaçadas atrás da cabeça. Agora era rico. Tinha sido recompensado por ter casado com uma jovem que ninguém, em seu juízo perfeito, teria desposado. Seu sogro lhe havia dado um Buick Roadmaster novinho, uma casa com todo o equipamento eletrônico; tinha-o nomeado gerente do seu consultório mais próspero, o de Ilium, onde Billy podia ganhar pelo menos trinta mil dólares por ano. Era ótimo. O pai dele tinha sido um simples barbeiro.

Nas palavras de sua mãe, "Os Pilgrims estão subindo neste mundo."

• • •

A lua de mel se realizava nos mistérios agridoces de um verão tardio na Nova Inglaterra. O apartamento do casalzinho tinha uma parede romântica formada por portas de vidro que davam para uma varanda e o oleoso porto lá embaixo.

Uma draga verde e laranja, negra dentro da noite, passou pela sua varanda, resmungando e vibrando, a menos de dez metros de seu leito conjugal. Ia ao mar com apenas as luzes de tráfego acesas. Seus porões

vazios ressoavam, dando ao canto de suas máquinas um som melodioso e alto. O cais começou a entoar o mesmo canto e em seguida a cabeceira da cama dos recém-casados passou a cantar também, e continuou a cantar também, e continuou a cantar muito depois da draga ter sumido.

— Obrigada — disse Valencia, por fim. A cabeceira da cama estava cantando uma canção de mosquito.

— De nada.

— Foi ótimo.

— Gostei de saber.

Ela começou a chorar.

— Que foi?

— Estou tão feliz.

— Que bom.

— Nunca pensei que alguém fosse casar comigo.

— Hum — disse Billy Pilgrim.

— Vou perder peso por sua causa — disse ela.

— Como é?

• • •

— Vou fazer dieta. Vou ficar linda só para você.

— Gosto de você assim como é.

— Gosta *mesmo*?

— Gosto — disse Billy Pilgrim. Graças às viagens pelo tempo, ele já

tinha visto muita coisa de sua vida de casado e sabia que seria pelo menos suportável o tempo todo.

• • •

Uma grande lancha a motor, chamada *Scheherezade*, passou agora pelo seu leito nupcial. A canção cantada pelas suas máquinas era uma nota grave de órgão. Todas as suas luzes estavam acesas.

Dois grã-finos, um homem jovem e uma moça, ambos em trajes de noite, estavam junto à amurada da popa, amando um ao outro, amando seus sonhos e a esteira da lancha. Também estavam em lua de mel. Eram Lance Rumfoord, de Newport, Rhode Island, e sua noiva, Cynthia ex-Landry, que tinha sido namorada de infância de John F. Kennedy, em Hyannis Port, Massachussets.

Havia, ali, uma pequena coincidência. Mais tarde, Billy Pilgrim compartilharia de um quarto de hospital com o tio de Rumfood, Professor Bertram Copeland Rumfoord, de Harvard, Historiador Oficial da Força Aérea dos Estados Unidos.

• • •

Quando os grã-finos tinham passado, Valencia interrrogou o seu marido esquisito a respeito da guerra. Era típico de uma terráquea simplória, associar sexo e charme com a guerra.

— Você às vezes pensa a respeito da guerra? — perguntou ela, pondo a mão na coxa dele.

— De vez em quando — respondeu Billy Pilgrim.

• • •

— Às vezes olho para você — disse Valencia — e tenho a impressão de que está cheio de segredos.

— Não estou, não — disse Billy. Era mentira, naturalmente. Não tinha contado a ninguém sobre as suas viagens no tempo, sobre Tralfamador e assim por diante.

— Você deve ter segredos a respeito da guerra. Bem, segredos, talvez não, mas coisas sobre as quais você não quer falar.

— Não.

— Tenho *orgulho* de você ter sido soldado. Sabe disso?

— Que bom.

— Foi horrível?

— Às vezes. — Nesse momento, Billy teve uma ideia louca. A simplicidade da ideia deixou-o estupefato. Daria um bom epitáfio para Billy... e para mim também.



— Você falaria sobre a guerra agora, se eu *quisesse*? — perguntou Valencia. Numa cavidade minúscula do seu corpanzil ela estava reunindo os materiais para um Boina Verde.

— Pareceria como um sonho — disse Bill. — Os sonhos dos outros não são muito interessantes, geralmente.

— Uma vez escutei você contar a papai a respeito de um pelotão de fuzilamento alemão. — Ela estava se referindo à execução do coitado do velho Edgar Derby.

— Hum.

— Vocês tiveram que enterrá-lo?

— Sim.

— Ele viu vocês; com as pás antes de ser fuzilado?

— Sim.

— Ele *disse* alguma coisa?

— Não.

— Estava com *medo*?

— Estava todo dopado. Tinha o olhar vidrado.

— E colocaram um alvo nele?

— Um pedaço de papel — disse Billy. Saiu da cama dizendo: — Com licença — e entrou na escuridão do banheiro para fazer xixi. Tateou à procura do interruptor e, ao sentir a parede áspera, deu-se conta de que tinha voltado novamente a 1944, à prisão do hospital.

• • •

A vela no hospital estava apagada. O coitado do velho Edgar Derby tinha adormecido no catre pregado ao de Billy. Este tinha saído da cama, tateando ao longo da parede, procurando uma saída porque estava apertado para fazer xixi.

De repente encontrou uma porta que abria e o deixou cambalear noite adentro. Billy estava tonto de viagens pelo espaço e de morfina. Entregou-se a uma cerca de arame farpado que o agarrou numa dúzia de lugares. Billy procurou recuar mas as farpas não queriam soltá-lo. De modo que Billy iniciou uma pequena dança idiota com a cerca, dando um passo para lá, outro para cá e depois voltando à posição inicial.

Um russo, também ele em busca da noite para fazer xixi, viu Billy dançando — do outro lado da cerca. Aproximou-se do estranho espantalho, procurou falar-lhe mansamente e perguntou de que país era. O espantalho não lhe deu atenção e continuou a dançar. Então o

russo o libertou das farpas, uma a uma, e o espantalho saiu a dançar na noite, sem uma palavra de agradecimento.

O russo acenou atrás dele e gritou em russo: Adeus!

• • •

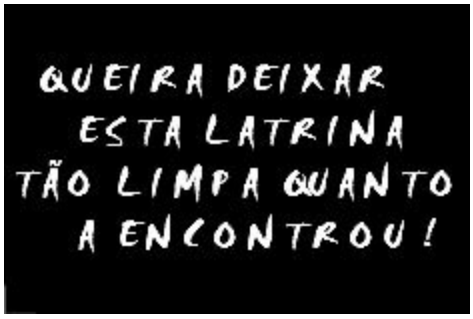
Billy tirou a piroca, dentro da noite escura, e mijou na terra sem parar. Guardou-a de novo, mais ou menos, e começou a examinar um novo problema: de onde tinha vindo e para onde devia ir agora?

Da noite vieram gritos de aflição. Não tendo nada melhor para fazer, Billy encaminhou-se na sua direção. Qual seria a tragédia que tantos estavam lamentando fora de casa?

Sem saber, Billy estava se aproximando dos fundos da latrina. Consistia de uma cerca com uma só barra e doze baldes embaixo dela. A cerca era protegida de três lados por um biombo de restos de madeira e latas de zinco achatadas. O lado aberto dava para a parede de papel alcatroado do galpão onde se tinha realizado o banquete.

Billy caminhou ao longo do biombo e atingiu um ponto onde pôde ver um aviso recém-pintado na parede de papel alcatroado. As palavras estavam escritas com a mesma linha cor-de-rosa que tanto tinha avivado o cenário para *Cinderela*. As percepções de Billy eram tão incertas que viu as palavras como que flutuando no ar, talvez pintadas em cortinas transparentes. A cortina tinha também lindos pontos prateados. Tratava-se realmente das cabeças dos pregos que prendiam o papel alcatroado ao galpão. Billy não pôde imaginar como é que a cortina se apoiava no nada e supôs que a cortina mágica e os lamentos teatrais fizessem parte de uma cerimônia da qual nada sabia.

O aviso dizia:



Billy olhou para dentro da latrina. Os queixumes vinham de lá. O lugar estava apinhado de americanos de calças abaixadas. A festa de boas-vindas tinha-os deixado passando mal como vulcões. Os baldes estavam cheios ou tinham sido derrubados.

Um americano perto de Billy queixou-se de que tinha excretado tudo, menos os miolos. Momentos depois disse: — Lá vão eles, lá vão eles. — Estava-se referindo aos miolos.

Esse era eu. Eu e mais ninguém. O autor deste livro.

Cambaleando, Billy deixou para trás a sua visão do Inferno. Passou por três ingleses que, à distância, observavam o festival de excrementos. Estavam catatônicos de nojo.

— Abotoe as calças! — exclamou um à passagem de Billy.

Billy abotoou as calças. Atingiu a porta do pequeno hospital por acidente. Atravessou a porta e viu-se novamente na lua de mel, voltando do banheiro para a cama e ao lado de sua mulher em Cap Ann.

— Senti saudade — disse Valencia.

— Eu também — disse Billy Pilgrim.

• • •

Billy e Valencia adormeceram aconchegados um contra o outro, e Billy viajou no tempo de volta à viagem de trem que tinha feito em 1944 — das manobras na Carolina do Sul para o enterro do pai em Ilium. Ainda não tinha visto a Europa nem participado da luta. Isto era ainda nos tempos da locomotiva a vapor.

Billy teve de baldear muitas vezes. Todos os trens eram vagarosos. Os vagões fediam a fumaça de carvão, fumo e bebida racionados e aos peidos das pessoas que comiam alimentos de tempo de guerra. O estofamento dos assentos era áspero e Billy quase não conseguiu dormir. Adormeceu profundamente quando faltavam apenas três horas até Ilium, com as pernas estendidas para a entrada do concorrido vagão-restaurante.

O guarda despertou-o quando o trem chegou a Ilium. Billy desceu cambaleando com o seu saco de lona, e ficou de pé na plataforma da estação, ao lado do guarda, tentando acordar.

— Deu uma boa cochilada, hein? — perguntou o guarda.

— Dei, sim — respondeu Billy.

— Puxa — disse o guarda — você estava mesmo de pau duro.

• • •

As três da manhã da noite de morfina de Billy na prisão, dois ingleses robustos entraram no hospital carregando um novo paciente. Era minúsculo. Tratava-se de Paul Lazzaro, o ladrão de automóveis de Cícero, Illinois, aquele de pele toda manchada. Tinha sido surpreendido surrupiando cigarros sob o travesseiro de um inglês,

este, meio adormecido, tinha fraturado o braço direito de Lazzaro, deixando-o inconsciente de pancada.

O inglês que havia feito isto estava agora ajudando a carregar Lazzaro. Seu cabelo era da cor de fogo e não tinha sobrancelhas. Tinha sido a Fada Madrinha Azul de *Cinderela* na peça. Agora segurava a sua metade de Lazzaro com uma das mãos enquanto fechava a porta atrás de si com a outra.

— Pesa menos do que um frango — disse ele.

O inglês que segurava os pés de Lazzaro era o coronel que tinha aplicado o anestésico em Billy.

A Fada Madrinha Azul sentia ao mesmo tempo embaraço e raiva.

— Se eu soubesse que estava brigando com um frango não teria batido com *tanta força* — disse.

— Hum.

A Fada Madrinha Azul falou francamente sobre o nojo que todos os americanos lhe inspiravam.

— Fracos, mal-cheirosos, lamurientos... um punhado de sacanas chorões, imundos e ladrões — disse ele. — São piores do que os desgraçados dos russos.

— Não parecem grande coisa, mesmo — concordou o coronel.

Um major alemão entrou no recinto. Considerava os ingleses como amigos chegados. Visitava-os quase todos os dias, jogava com eles, falava-lhes sobre história alemã, tocava o piano dos ingleses e lhes dava lições de alemão coloquial. Dizia-lhes, com frequência que, não fosse a companhia civilizada deles, ficaria louco. Seu inglês era magnífico.

Desculpou-se por terem os ingleses que aguentar os soldados americanos. Prometeu-lhes que não seriam incomodados mais de um ou dois dias, que os americanos brevemente seriam enviados para Dresden, a fim de cumprir contratos de trabalho. Tinha consigo uma monografia, publicada pela Associação Alemã de Funcionários de Prisões. Tratava-se de um relatório sobre o comportamento, na Alemanha, de soldados rasos americanos feitos prisioneiros de guerra. O autor era um ex-americano que tinha atingido alta posição no Ministério da Propaganda da Alemanha. Seu nome era Howard W. Campbell Jr. Mais tarde se enforcaria enquanto aguardava julgamento como criminoso de guerra.

Coisas da vida.

• • •

Enquanto o coronel inglês enfaixava o braço fraturado de Lazzaro e misturava o gesso, o major alemão traduzia em voz alta trechos da monografia de Howard W. Campbell Jr. Em certa época, Campbell tinha sido um autor teatral de algum renome. O parágrafo inicial dizia o seguinte:

> *A América é o pais mais rico do mundo, mas o seu povo é, na maioria, pobre e os americanos pobres são incitados a odiarem a si próprios. Nas palavras do humorista americano Kin Hubbard, "Não é vergonha nenhuma ser pobre, mas podia muito bem ser". Na realidade, para um americano é crime ser pobre, embora a América seja um país de pobres. Todas as outras nações têm tradições*

populares a respeito de homens que eram pobres mas extremamente sábios e virtuosos, e portanto mais dignos de estima do que qualquer pessoa possuidora de poder e ouro. Os americanos pobres não têm histórias dessa natureza. Escarnecem de si mesmos e glorificam os seus superiores. O mais humilde restaurante ou botequim, de propriedade de um homem, ele mesmo pobre, frequentemente tem um cartaz na parede fazendo a seguinte pergunta cruel: "Se você é tão esperto, por que que não é rico?" Ali também se encontrará uma bandeira americana, do tamanho da mão de uma criança, pregada num pirulito e esvoaçando da caixa registradora.

• • •

O autor da monografia, nascido em Schenectady, Nova Iorque, era tido como tendo o mais alto Q.I. de todos os criminosos de guerra, cujo fim seria a morte por enforcamento. Coisas da vida.

Os americanos, como os seres humanos de todo o mundo, acreditam em muitas coisas obviamente inverídicas, dizia, ainda, a monografia. *A sua inverdade mais destrutiva é que é muito fácil para um americano enriquecer. Negam-se a reconhecer o fato de como é difícil conseguir dinheiro e, portanto, aqueles que não têm dinheiro, insistem em se culpar a si mesmos. Esta culpa interior tem sido um tesouro para os ricos e*

poderosos que são obrigados a fazer menos para os seus pobres, pública e privadamente, do que qualquer outra classe dominante desde, digamos, os dias de Napoleão.

Muitas novidades tem surgido da América. A mais surpreendente de todas, algo sem precedente, é uma massa de pobres sem dignidades. Não se amam uns aos outros porque não amam a si próprios. Uma vez compreendido isto, o comportamento dos soldados rasos americanos em prisões alemães deixa de ser um mistério.

• • •

Em seguida, Howard W. Campbell Jr. passa a discutir o uniforme dos soldados americanos na Segunda Guerra Mundial:

Todos os outros exércitos da História, prósperos ou não, tentaram vestir mesmo os seus membros mais subalternos de uma forma a torná-los impressionantes para si próprios e para outros, como peritos elegantes em beber, copular, saquear e matar. O Exército Americano, contudo, envia seus soldados à batalha e à morte numa espécie de terno comercial, evidentemente costurado para outra pessoa, um presente esterilizado mas não passado a ferro, doado pelos membros enojados de uma organização de caridade que distribui roupas entre os bêbedos dos cortiços.

Quando um oficial de uniforme vistoso se dirige a um

desses vagabundos desmazelados, repreende-o, como deve fazer um oficial de qualquer exército. Mas o desdém do oficial, ao contrário do que ocorre nos outros exércitos, não é teatralidade avuncular. É uma expressão genuína de ódio aos pobres, que não têm a quem culpar pela sua miséria, senão a si próprios.

Um administrador de prisão que lide com soldados americanos capturados pela primeira vez precisa ser advertido: não espere amor fraternal, nem mesmo entre irmãos. Não haverá coesão entre os indivíduos. Cada um será uma criança amuada que deseja estar morta.

Campbell contou o que tinha sido a experiência alemã com soldados americanos capturados. Eram conhecidos por todos como sendo os prisioneiros de guerra mais chorões, menos fraternais e mais sujos, disse Campbell. Eram incapazes de agir em conjunto em favor de si próprios. Desprezavam qualquer líder saído de suas próprias fileiras, recusavam-se a lhe obedecer ou mesmo a ouvi-lo — alegavam que não era melhor do que eles e que devia deixar de dar ares de superior.

E assim por diante. Billy Pilgrim adormeceu e acordou como viúvo na sua casa vazia em Ilium. Sua filha Barbara o repreendia por escrever cartas ridículas aos jornais.

• • •

— Ouviu o que eu disse? — perguntou Barbara. Era novamente 1968.

— Claro. — Tinha estado cochilando.

— Se você vai se comportar feito criança, talvez tenhamos de *tratá-lo* feito criança.

— Não é o que acontece em seguida — disse Billy.

— *Veremos* o que é que acontece em seguida. — Barbara abraçou a si mesma.

— Está fazendo muito frio aqui. O calor está ligado?

— O *calor*?

— A caldeira... aquele negócio lá no porão, o negócio que faz o ar quente sair desses registros. Acho que não está funcionando.

— Talvez não.

— Você não está com frio?

— Não cheguei a notar.

— Meu Deus, você *é* mesmo uma criança. Se o deixarmos sozinho, você vai morrer de frio ou de fome. — E assim por diante. Era muito excitante para ela privá-lo da dignidade em nome do amor.

• • •

Barbara chamou o homem das caldeiras e obrigou Billy a ir para a cama e a lhe prometer que ficaria debaixo, do cobertor elétrico até que o calor voltasse. Ligou o controle do cobertor ao máximo e não demorou para que a cama de Billy se transformasse num forno.

Quando Barbara saiu, batendo a porta atrás de si, Billy viajou no tempo de volta ao zoológico de Tralfamador. Uma companheira tinha sido trazida para ele da Terra. Era Montana Wildhack, uma estrela de

cinema.

• • •

Montana estava sob a ação de sedativos. Tralfamadorianos, usando máscaras de gases, a trouxeram e a colocaram na poltrona amarela de Billy e saíram pela escotilha. A imensa multidão do lado de fora estava encantada. Todos os recordes de público no zoológico foram quebrados. Todos os habitantes do planeta queriam ver os terráqueos copulando.

Montana estava nua e é claro que Billy também. A propósito tinha um pau gigantesco. Nunca se sabe quem vai ter um desses.

• • •

As pálpebras de Montana tremularam. Tinha cílios do tamanho de chicotes.

— Onde *estou*? — Perguntou ela.

— Vai tudo bem — disse Billy suavemente — Por favor, não tenha medo.

Durante a sua viagem da Terra, Montana tinha estado inconsciente. Os tralfamadorianos não tinham falado com ela nem se mostrado. A última coisa de que se lembrava era que estava tomando banho de sol à beira de uma piscina em Palm Springs, Califórnia. Montana tinha apenas vinte anos. Em volta do pescoço usava uma corrente de prata com um medalhão em forma de coração que lhe pendia entre os seios.

Agora virou a cabeça para ver os milhares de tralfamadorianos do lado de fora da cúpula. Aplaudiam Montana abrindo e fechando rapidamente as suas mãozinhas verdes.

Montana não parou de berrar.

• • •

Todas as mãozinhas verdes se apertaram bem fechadas, porque o terror de Montana era tão desagradável de ver. O guarda-chefe do zoológico deu ordem a um operador de guindastes, que estava por perto, de deixar cair um toldo azul sobre a cúpula, para simular noite terráquea do lado de dentro. A noite verdadeira no zoológico era apenas de uma hora terráquea para cada 62 horas.

Billy ligou uma lâmpada de pé. A luz de uma única fonte deu relevo acentuado aos detalhes barrocos do corpo de Montana, lembrando a Billy a arquitetura fantástica de Dresden, antes do bombardeio.

• • •

Com o tempo, Montana passou a amar Billy e a confiar nele. Billy não a tocou até que ela deixasse patente que queria. Depois de ter estado em Tralfamador o correspondente a uma semana terráquea, Montana convidou-o timidamente a dormir com ela. Billy não hesitou. Foi fabuloso.

E Billy viajou no tempo daquela cama deliciosa para uma cama em 1968. Era a sua própria cama em Ilium, e o cobertor elétrico estava ligado ao máximo. Ele estava empapado de suor, e lembrou-se, meio

zonzo, que sua filha o tinha posto na cama, dizendo-lhe que ficasse lá até que a caldeira fosse consertada.

Alguém estava batendo na porta de seu quarto.

— Sim? — disse Billy.

— É o homem das caldeiras.

— Sim?

— Está funcionando bem agora. O calor já vem aí.

— Ótimo.

— Um camundongo comeu o fio do termostato.

— Veja só.

Billy fungou. A cama quente cheirava feito um porão onde são guardados cogumelos. Tinha tido um sonho erótico com Montana Wildhack.

• • •

Na manhã depois do sonho erótico, Billy decidiu voltar ao trabalho no seu escritório no centro comercial. Como sempre, os negócios iam às mil maravilhas. Seus assistentes; estavam tomando conta de tudo. Ficaram espantados de vê-lo. Tinham sabido pela sua filha que talvez nunca voltasse a clinicar.

Mas Billy entrou no seu consultório a passos animados e pediu para mandar entrar o primeiro paciente. Era um menino de doze anos acompanhado da mãe viúva. Eram de fora e tinham chegado à cidade recentemente. Billy lhes fez algumas perguntas a respeito da família e soube que o pai do garoto tinha sido morto no Vietnã... na famosa

batalha de cinco dias pela Colina 875, perto de Dakto. Coisas da vida.

• • •

Enquanto examinava os olhos do menino, Billy contou-lhe as suas aventuras em Tralfamador e garantiu ao órfão de pai que este estava perfeitamente vivo e que o garoto ia vê-lo com frequência em certos momentos.

— Não é um consolo? — perguntou Billy.

A mãe do menino saiu e disse à recepcionista que Billy estava evidentemente ficando louco. Billy foi levado para casa. Sua filha tornou a lhe perguntar:

— Papai, papai, papai, que é que vamos *fazer* com você?

6

ESCUTEM:

Billy Pilgrim diz que foi para Dresden, Alemanha, no dia seguinte à sua noite de morfina na área inglesa, no centro do campo de extermínio para prisioneiros russos. Billy acordou de madrugada naquele dia de janeiro. Não havia janelas no pequeno hospital e as velas fantasmagóricas tinham se apagado. A única luz vinha de pequenos furos nas paredes e de um retângulo irregular que delineava a porta mal ajustada. O pequeno Paul Lazzaro, com o braço quebrado, roncava numa das camas. Edgar Derby, o professor de escola que acabaria por ser fuzilado, roncava em outra.

Billy sentou-se na cama. Não tinha ideia do ano nem do planeta em que estava. Qualquer que fosse o planeta, estava fazendo frio. Mas não era o frio que havia acordado Billy. Era magnetismo animal que o fazia tiritar e sentir coceira. Dava-lhe fortes dores musculares, como se tivesse feito exercícios puxados.

O magnetismo animal vinha de trás dele. Se Billy tivesse tido de adivinhar a sua fonte, teria dito que havia um morcego pendurado de cabeça para baixo na parede às suas costas.

Billy chegou-se para o pé do seu catre antes de olhar para o que quer que fosse. Não queria que o animal lhe caísse na cara e talvez lhe arrancasse os olhos ou lhe tirasse um pedaço do seu nariz grande.

Virou-se. A fonte do magnetismo realmente parecia um morcego. Era o sobretudo de empresário de Billy com a gola de peles. Pendia de um prego.

Billy voltou a se aproximar de costas do sobretudo, olhando por cima do ombro, sentindo o magnetismo aumentar. Depois olhou-o de frente, ajoelhado no catre, e ousou tocá-lo aqui e acolá. Procurava a fonte exata das radiações.

Encontrou duas pequenas fontes, duas protuberâncias, distantes dois centímetros uma da outra e escondidas no forro. Uma tinha a forma de uma ervilha. A outra tinha a forma de uma ferradura minúscula. Billy recebeu uma mensagem transmitida pelas radiações. Tratava-se de instruções para não descobrir o que eram essas protuberâncias e para se contentar em saber que fariam milagres para ele, contanto que não insistisse em descobrir a sua natureza. Billy não tinha objeção. Sentia-se grato. Sentia-se satisfeito.

• • •

Billy cochilou e tornou a acordar no hospital da prisão. O sol ia alto. De fora ouviam-se sons golgotianos de homens fortes cavando buracos em solo duro, duro, duro, para estacas verticais. Os ingleses estavam construindo uma nova latrina. Tinham deixado a sua latrina velha para os americanos... e também o seu teatro, onde se tinha realizado a festa.

Cambaleando, seis ingleses atravessaram o hospital — com uma mesa de bilhar, em cima da qual estavam empilhados vários colchões. Atrás deles vinha um inglês arrastando o seu colchão e carregando um alvo para o jogo de dardos.

O homem com o alvo era a Fada Madrinha Azul que tinha machucado o pequeno Paul Lazzaro. Parou junto à cama de Lazzaro e perguntou-lhe como estava.

Lazzaro lhe disse que ia mandar matá-lo depois da guerra.

— Sim?

— Você cometeu um grande erro — disse Lazzaro. — Quem quer que me toque é melhor que me *mate*, senão mando matar *ele*.

A Fada Madrinha Azul sabia algumas coisas a respeito de matança. Sorriu cuidadosamente para Lazzaro.

— Ainda há tempo para *eu* matar *você* — disse ele — se você realmente me convencer de que esta é a atitude certa.

— Por que não vai se foder?

— Não pense que não tentei — respondeu a Fada Madrinha Azul.

• • •

A Fada Madrinha Azul saiu andando deliciado e condescendente. Quando se foi, Lazzaro prometeu a Billy e ao coitado do velho Edgar Derby que ele se vingaria e que a vingança era gostosa.

— É a coisa mais gostosa que existe — disse Lazzaro. — Alguém me fode e não demora que ele mesmo esteja fodido. — Riu à beça. — Tanto faz ser homem ou mulher. Se o Presidente dos Estados Unidos me fodesse, eu dava um jeito nele. Vocês deviam ver o que fiz com um cachorro certa vez.

— Um cachorro? — perguntou Billy.

— O filho da puta me mordeu. De modo que fui arranjar um bife e

tirei a mola de um relógio. Cortei a mola em pedacinhos pequenos, e fiz pontas nas extremidades dos pedaços. Eram afiadas que nem lâminas de barbear. Enfiei os pedacinhos na carne, bem lá dentro. E fui para onde o cachorro estava amarrado. Quis me morder de novo. Eu disse para ele: "Vamos lá, cachorrinho, sejamos amigos. Não vamos continuar inimigos. Eu não estou zangado". Ele acreditou.

— *Acreditou*?

— Joguei-lhe o bife. Engoliu tudo de uma só vez. Esperei uns dez minutos. — Os olhos de Lazzaro faiscavam. — O sangue começou a lhe jorrar da boca. Começou a uivar e rolou no chão, como se as facas estivessem do lado de fora e não dentro dele. Depois, com os dentes, procurou arrancar os próprios intestinos. Eu ri e disse a ele: "É isso mesmo. Arranque as tripas, meu velho. Sou *eu* quem está aí dentro, com todas essas facas". — Coisas da vida.

— Se alguém lhe perguntar qual é a coisa mais gostosa de vida — disse Lazzaro — pode dizer que é vingança.

• • •

A propósito, quando Dresden foi destruída mais tarde, Lazzaro não se rejubilou. Disse que não tinha nada contra os alemães. Disse também que gostava de pegar seus inimigos um a um. Tinha orgulho de jamais ter feito mal a um espectador inocente.

— Lazzaro nunca fez, mal a alguém — disse ele — que não merecesse.

• • •

O coitado do velho Edgar Derby, o professor de escola, entrou na conversa agora. Perguntou a Lazzaro se ele planejava alimentar a Fada Madrinha Azul com molas e bife.

— Merda — disse Lazzaro.

— É um homem bem grande — disse Derby que, naturalmente, era ele mesmo bem grande.

— Tamanho não quer dizer nada.

— Você vai *matá-lo*?

— Vou *mandar* matá-lo — disse Lazzaro. — Depois da guerra ele vai voltar para casa. Vai ser um grande herói. O mulherio não vai deixá-lo em paz. Depois vai se fixar. Vão passar uns dois ou três anos. E um dia alguém baterá à porta dele. Irá ver quem é e lá fora vai estar um desconhecido. Vai perguntar a ele se é fulano. Quando disser que sim, o desconhecido vai dizer, "Quem me mandou foi Paul Lazzaro". Aí vai puxar um revólver e acertar no pau do outro. O desconhecido vai lhe dar alguns segundos para se lembrar quem é Paul Lazzaro e imaginar como será a vida sem pau. Depois vai lhe dar um tiro nas tripas e irá embora. — Coisas da vida.

• • •

Lazzaro disse que podia mandar matar qualquer pessoa no mundo por mil dólares e despesas de viagem. Disse que tinha uma lista na cabeça.

Derby perguntou-lhe quem estava na lista e Lazzaro respondeu: — Tome cuidado para que *seu* nome não apareça, senão você se fode. Não se meta comigo, só isso. — Houve um silêncio e depois ele acrescentou: — E não se meta com meus amigos.

— Você tem *amigos*? — quis saber Derby.

— Na *guerra*? — respondeu Lazzaro. — Sim, tive um amigo na guerra. Morreu. — Coisas da vida.

— Azar.

Os olhos de Lazzaro voltaram a faiscar.

— É. Foi meu camarada no vagão de carga. Seu nome era Roland Weary. Morreu nos meus braços. — Apontou para Billy com a mão boa.

— Morreu por causa desse puto de merda aí. Então lhe prometi que mandaria matar esse puto de merda depois da guerra.

Com a mão, Lazzaro apagou tudo quanto Billy Pilgrim pudesse querer dizer.

— Esqueça tudo isto, rapaz — disse ele. — Aproveite a vida enquanto puder. Não vai acontecer nada durante cinco, dez, quinze, talvez vinte anos. Mas aceite um conselho meu: sempre que tocar a campainha da porta, mande outra pessoa abrir.

• • •

Billy Pilgrim diz agora que esta é realmente a maneira como ele vai morrer. Como viajante no espaço, viu a sua própria morte muitas vezes e a descreveu numa fita gravada. A fita está trancada com o seu testamento e outros valores num cofre de aluguel no Merchants National Bank and Trust de Ilium, diz ele.

A fita começa assim: *Eu, Billy Pilgrim, morrerei, morri e sempre morrerei no dia 13 de fevereiro de 1976.*

Diz ele que na época de sua morte está em Chicago para falar a uma grande multidão a respeito de discos voadores e a verdadeira natureza do tempo. Seu lar continua sendo Ilium. Teve de atravessar três fronteiras internacionais a fim de chegar a Chicago. Os Estados Unidos da América foram balcanizados, divididos em vinte países pequenos, para que nunca mais volte a ameaçar a paz mundial. Chicago foi destruída por bombas de hidrogênio lançadas por chineses enfurecidos. Coisas da vida. A cidade toda está nova em folha.

Billy está falando para um público recorde num campo de beisebol coberto por uma cúpula geodésica. A bandeira nacional está atrás dele. É um touro Hereford sobre fundo verde. Billy prediz a sua própria morte dentro de uma hora. Ri a respeito e incentiva a multidão a rir com ele.

— Já é tempo de eu estar morto — diz ele. — Há muitos anos — prossegue Billy — uma certa pessoa prometeu que mandaria me matar. É um homem velho agora, que mora perto daqui. Leu toda a publicidade ligada à minha presença nesta linda cidade. Ele está louco. Esta noite cumprirá a sua promessa.

Ouvem-se protestos da multidão.

Billy repreende os manifestantes: — Se vocês protestarem, se acharem que a morte é algo de terrível, então não compreenderam uma só palavra do que eu disse. — E agora encerra o seu discurso da forma que encerra todos os seus discursos: — Adeus, olá, adeus, olá.

Quando desce do palco vem cercado de policiais. Estão ali para protegê-lo da pressão da popularidade. Sua vida não tem sido ameaçada desde 1945. Os policiais se prontificam a permanecer a seu lado. Estão dispostos a ficar cercando-o a noite toda, com as pistolas

nas mãos.

— Não, não — diz Billy serenamente. — É hora de vocês irem para casa, para junto de suas mulheres e crianças, e é hora de eu morrer por algum tempo... para depois voltar a viver. — Naquele momento a testa alta de Billy está na alça de mira de uma espingarda laser. É apontada contra ele do camarote da imprensa, que está às escuras. No momento seguinte, Billy Pilgrim está morto. Coisas da vida.

E assim Billy experimenta a sensação da morte durante algum tempo. É uma simples luz violeta e um zumbido. Não há mais ninguém lá. Nem mesmo Billy Pilgrim está lá.

• • •

Logo depois, retorna à vida, para o momento que transcorre uma hora após a ameaça que Lazzaro lhe fez... em 1945. Deram-lhe ordens de deixar o leito do hospital e de se vestir, pois está passando bem. Ele, Lazzaro e o coitado do velho Edgar Derby devem-se juntar aos seus colegas no teatro. Lá, por voto secreto e numa eleição livre, escolherão um chefe para si próprios.

• • •

Billy, Lazzaro e o coitado do velho Edgar Derby atravessaram o pátio da prisão em direção ao teatro. Billy vinha carregando o seu pequeno sobretudo como se fosse um agasalho para as mãos. Ele era o palhaço central numa paródia inconsciente daquele famoso quadro a óleo, "*O Espírito de 76*"[14].

Mentalmente, Edgar Derby estava escrevendo cartas à sua mulher,

dizendo que estava vivo e passando bem, que ela não se preocupasse, que a guerra estava quase terminada e que ele não demoraria a voltar para casa.

Lazzaro estava falando consigo próprio a respeito de gente que mandaria matar depois da guerra, as negociatas em que se meteria e as mulheres que obrigaria a foder com ele, quisessem ou não. Se ele tivesse sido um cachorro numa cidade, um policial o teria matado e mandado a sua cabeça a um laboratório, para ver se tinha raiva. Coisas da vida.

Quando estavam próximos do teatro, deram com um inglês que estava abrindo um sulco na terra com o salto de sua bota. Estava marcando a fronteira entre os setores americano e inglês da área. Billy, Lazzaro e Derby não tiveram de perguntar pelo significado da linha. Era um símbolo familiar de infância.

• • •

O chão do teatro estava coberto de corpos americanos aconchegados um junto do outro. A maioria dos americanos estava dormindo ou num estado de letargia. Suas entranhas secas vibravam.

— Feche a porra da porta — alguém disse a Billy. — Ou será que você nasceu num celeiro?

• • •

Billy fechou a porta, tirou a mão do abrigo e tocou um fogão. Estava frio como gelo. O palco ainda estava, preparado para *Cinderela*. Cortinas cor de anil ainda pendiam de arcos que eram rosa choque.

Havia tronos dourados e um relógio falso, cujos ponteiros marcavam meia-noite. Os sapatinhos de Cinderela, que eram botas de aviador pintadas de prata, estavam caídas lado a lado, debaixo de um dos tronos dourados.

Billy, o coitado do velho Edgar Derby e Lazzaro, estavam no hospital quando os ingleses distribuíram cobertores e colchões, de modo que ficaram sem nada. Tiveram que improvisar. O único lugar disponível que encontraram era no palco; subiram lá, puxaram as cortinas cor de anil e construíram ninhos.

Billy, enrolado no seu ninho cor de anil, ficou a olhar as botas prateadas de Cinderela debaixo de um trono. E depois lembrou-se que os seus sapatos estavam arruinados, que *precisava* de botas. Não queria sair do seu ninho, mas forçou-se a fazê-lo. Arrastou-se de quatro, sentou e experimentou as botas.

Serviam-lhe à perfeição. Billy Pilgrim era Cinderela, e Cinderela era Billy Pilgrim.

• • •

Lá dentro o chefe dos ingleses, estava falando sobre higiene pessoal e em seguida houve uma eleição livre.

Pelo menos a metade dos americanos continuou cochilando o tempo todo. O inglês subiu ao palco, bateu no braço de um dos tronos com o seu bastão e exclamou: — Rapazes, rapazes, rapazes, sua atenção, por favor! — E assim por diante.

• • •

O que o inglês disse a respeito de sobrevivência foi o seguinte: — Se vocês deixarem de caprichar a sua aparência, não demorará para que morram. — Disse que tinha visto vários homens morrerem da seguinte maneira: — Deixaram de se manter eretos, depois deixaram de fazer barba ou de se lavar, depois deixaram de sair da cama, depois deixaram de falar e depois morreram. Tudo isto tem uma grande vantagem: é, evidentemente, uma morte fácil e indolor. — Coisas da vida.

• • •

O inglês disse que, ao ser capturado, tinha feito e cumprido as seguintes promessas: escovar os dentes duas vezes por dia, fazer a barba uma vez por dia, lavar o rosto e as mãos antes das refeições e depois de ir à latrina, engraxar os sapatos uma vez por dia, exercitar-se no mínimo durante meia hora por dia e depois evacuar, e olhar-se num espelho com frequência, avaliando a sua aparência com franqueza, especialmente no que dizia respeito à postura.

Billy Pilgrim ouviu tudo isto deitado no seu ninho. Não olhou para o rosto do inglês e sim para os seus tornozelos.

— Invejo vocês, rapazes — disse o inglês.

Alguém riu. Billy não entendeu a graça.

— Vocês estão partindo esta tarde para Dresden... ao que me contaram, uma cidade linda. Vocês não estarão engaiolados como nós. Vocês estarão levando uma vida divertida e a comida certamente deve ser melhor do que a nossa. Se me permitirem um comentário pessoal: fazem agora cinco anos desde que vi uma árvore ou uma flor ou uma

mulher ou uma criança... ou um cachorro, um gato, um lugar de diversão, ou um ser humano realizando qualquer trabalho útil. A propósito, não precisam se preocupar com bombas. Dresden é uma cidade aberta. Não possui defesa e não contém indústrias ou concentrações militares de importância.

• • •

Lá dentro, o velho Edgar Derby foi eleito chefe dos americanos. O inglês pediu a indicação de nomes, mas nenhuma foi feita. De modo que indicou Derby, elogiando-o pela sua maturidade e longa experiência no trato com gente. Não houve outras indicações, e assim, as indicações foram encerradas.

— Quem é a favor?

Duas ou três pessoas disseram: — Eu.

Em seguida, o coitado do velho Derby fez um discurso. Agradeceu ao inglês os bons conselhos e disse que pretendia segui-los. Disse que tinha certeza de que todos os americanos fariam o mesmo. Disse que a sua responsabilidade principal era fazer todo o possível para que todos voltassem sãos e salvos a suas casas.

— Ora, vai foder outro — murmurou Paul Lazzaro, no seu ninho cor de anil. — Vai foder o cu da mãe.

• • •

A temperatura elevou-se naquele dia de forma surpreendente. Os alemães trouxeram sopa e pão em carrocinhas de duas rodas puxadas

por russos. Os ingleses mandaram café de verdade, açúcar, geleia, cigarros e charutos, e deixaram abertas as portas do teatro, para que o calor pudesse entrar.

Os americanos começaram a se sentir muito melhor. Conseguiram manter a comida no estômago. E depois soou a hora de viajar para Dresden. Os americanos saíram marchando da área inglesa de maneira bastante garbosa. Novamente Billy encabeçou o desfile. Usava agora botas prateadas, um abrigo para as mãos e um pedaço de cortina cor de anil, que ele vestia como uma toga. Billy ainda estava de barba, como, também, o coitado do velho Edgar Derby, que marchava a seu lado. Derby imaginava cartas que mandaria para sua casa, os lábios movendo-se trêmulos.

Querida Margaret: Partimos para Dresden hoje. Não se preocupe. Jamais será bombardeada. É uma cidade aberta. Ao meio-dia tivemos eleições e sabe de uma coisa? E assim por diante.

Chegaram novamente ao pátio ferroviário da prisão. Tinham vindo em apenas dois vagões. Partiriam, de maneira muito mais confortável, em quatro. Voltaram a ver o vagabundo morto. Estava em posição fetal, procurando, mesmo na morte, aconchegar-se aos outros. Agora não havia outros. Aconchegava-se ao ar rarefeito e a cinzas. Alguém tinha levado suas botas. Seus pés nus eram azuis e cor de marfim. De certa forma, a sua morte era apropriada. Coisas da vida.

• • •

A viagem até Dresden foi uma farra. Levou apenas duas horas. Barriguinhas murchas estavam cheias. A luz do sol e um ar balsâmico penetravam pelos exaustores. Os ingleses tinham fornecido muitos

cigarros.

Os americanos chegaram em Dresden às cinco da tarde. As portas dos vagões de carga foram abertas e as ombreiras emolduraram a cidade mais linda que a maioria dos americanos já tinham visto. Os contornos eram intrincados, voluptuosos, arrebatadores e absurdos. A Billy Pilgrim tudo isto pareceu um desenho infantil do Paraíso.

Alguém atrás dele disse: "Oz". Esse era eu. Eu e mais ninguém. A única outra cidade que eu tinha visto era Indianápolis, Indiana.

• • •

Todas as outras grandes cidades alemãs haviam sido bombardeadas e incendiadas impiedosamente. Dresden não tinha sequer uma vidraça rachada. As sirenes soavam todos os dias, uivavam feito almas penadas, e o pessoal descia aos porões onde ficava ouvindo rádio. Os aviões sempre tinham outro destino — Leipzig, Chemnitz, Plauen lugares assim. Coisas da vida.

Os aquecedores a vapor ainda apitavam alegremente em Dresden. Os bondes ressoavam. Os telefones tocavam e eram atendidos. As luzes se acendiam e apagavam quando os interruptores eram acionados. Havia teatros e restaurantes. Havia um jardim zoológico. As principais atividades da cidade eram remédios, comida industrializada e a manufatura de cigarros.

Agora as pessoas estavam voltando do trabalho, no fim da tarde. Estavam cansadas.

• • •

Oito dresdenianos atravessaram o espaguete de aço do pátio ferroviário. Usavam uniformes, novos. Haviam jurado bandeira na véspera. Eram meninos e homens de mais de meia idade, e dois veteranos que foram reduzidos a pedaços na Rússia. Sua tarefa era guardar cem prisioneiros de guerra americanos, que iriam trabalhar como operários contratados. No esquadrão havia um avô e seu neto. O avô era arquiteto.

Os oito estavam de cara amarrada ao se aproximarem dos vagões de carga que continham os homens a quem deviam vigiar. Bem sabiam que a aparência deles próprios era doentia e ridícula. Um deles tinha mesmo uma perna de pau e portava não apenas um fuzil carregado, como também uma bengala. Fosse como fosse, tinham de obter a obediência e o respeito desses soldados de infantaria americanos, altos, insolentes e assassinos, que acabavam de vir da matança na frente de batalha..

E então viram Billy Pilgrim, barbudo, de toga azul e sapatos prateados, com as mãos num abrigo. Parecia ter no mínimo 60 anos. Ao lado de Billy estava o pequeno Paul Lazzaro de braço quebrado, espumando com raiva. Ao lado de Lazzaro estava o coitado do velho professor de escola, Edgar Derby, melancolicamente cheio de patriotismo, meia idade e sapiência imaginária. E assim por diante.

Os oito ridículos dresdenianos certificaram-se de que aquelas cem ridículas criaturas eram realmente soldados americanos recém-chegados do *front*. Sorriram e depois caíram numa gargalhada. Seu terror evaporou-se. Não havia o que temer. Ali estavam outros seres humanos aleijados, outros tolos como eles próprios. Ali havia opereta.

• • •

E assim a opereta saiu marchando do pátio ferroviário para as ruas de Dresden. Billy Pilgrim era a vedete. Ele encabeçava o desfile. Nas calçadas havia milhares de pessoas voltando do trabalho. Estavam balofas e cinzentas, pois há dois anos vinham comendo quase só batatas. Não esperavam outra graça senão a amenidade do dia. E de repente... alegria.

Billy viu poucos dos olhares que o achavam tão divertido. Estava encantado com a arquitetura da cidade. Alegres cupidos teciam grinaldas acima das janelas. Faunos travessos e ninfas nuas espreitavam Billy de cornijas ornadas. Macacos de pedra dançavam entre pergaminhos, conchas e bambus.

Billy, com suas memórias do futuro, sabia que a cidade seria reduzida a cacos e depois queimada... em mais ou menos 30 dias. Sabia, também, que a maioria das pessoas que o observava não demoraria em estar morta. Coisas da vida.

As mãos de Billy se remexiam dentro do abrigo enquanto marchava. As pontas dos dedos, agitando-se dentro da escuridão quente do abrigo, procuravam saber o que eram as duas protuberâncias no forro do pequeno sobretudo de empresário. As pontas dos dedos penetraram no forro. Apalparam as protuberâncias, a coisa em forma de ervilha e a coisa em forma de ferradura. A parada teve de parar numa esquina movimentada. O sinal de tráfego estava vermelho.

• • •

Na esquina, na primeira fila dos pedestres, estava um cirurgião que

tinha estado operando o dia todo. Era um civil mas a sua postura era militar. Tinha servido em duas guerras mundiais. A visão de Billy era-lhe repugnante, especialmente quando soube dos guardas que Billy era americano. Pareceu-lhe que o que Billy estava fazendo era de péssimo gosto e que Billy se tinha esforçado por conseguir a roupa que estava usando.

O cirurgião falava inglês e disse a Billy: — Suponho que você acha a guerra um negócio muito engraçado.

Billy encarou-o com incerteza. Por um momento tinha perdido a noção de onde estava e de como tinha chegado lá. Não tinha a menor ideia de que pensavam que estivesse fazendo palhaçada. Claro que era o Destino que o tinha vestido... o Destino e uma fraca vontade de sobreviver.

— Você esperava que fôssemos *rir*? — perguntou o cirurgião.

Estava exigindo alguma espécie de satisfação. Billy ficou embaraçado. Queria ser simpático, ajudar, se fosse possível, mas os seus recursos eram parcos. Seus dedos agora seguravam os dois objetos do forro do sobretudo. Billy decidiu mostrar ao cirurgião o que eram.

— Você pensou que teríamos prazer em sermos *ridicularizados*? — indagou o cirurgião. — E você se sente *orgulhoso* de representar a América dessa maneira?

Billy retirou a mão do abrigo e enfiou-a sob o nariz do cirurgião. Na palma repousavam um diamante de dois quilates e uma dentadura parcial. A dentadura era um pequeno artefato obsceno — prata, pérola e tangerina. Billy sorriu.

• • •

O desfile saltitou, cambaleou e oscilou até o portão do matadouro de Dresden e entrou. O matadouro não era mais um lugar movimentado. Quase todos os animais de casco da Alemanha tinham sido mortos, comidos e excretados por seres humanos, na maioria soldados. Coisas da vida.

Os americanos foram conduzidos ao quinto edifício. Era um bloco de cimento de um andar, com portas corrediças na frente e nos fundos. Tinha sido construído para abrigar porcos destinados ao abate. Agora serviria de segundo lar a cem prisioneiros de guerra americanos. Tinha beliches e dois fogões barrigudos e uma bica d'água. Atrás do edifício havia uma latrina consistindo de uma cerca com uma só barra e baldes embaixo dela.

Em cima da porta do edifício havia um grande número. O número era *cinco*. Antes que os americanos pudessem entrar, o único dos guardas que sabia falar inglês disse-lhes para decorarem o seu endereço simples, caso se perdessem na grande cidade. O endereço era: "*Schlachthof-fünf*". *Schlachthof* queria dizer *matadouro*. *Fünf* era *cinco* mesmo.

7

VINTE E CINCO ANOS MAIS TARDE, Billy Pilgrim, em Ilium, entrou num avião fretado. Sabia que ia cair, mas não queria fazer papel de bobo revelando a história. A função do avião era levar Billy e mais 28 optometristas a uma convenção em Montreal.

Sua mulher, Valencia, estava do lado de fora, e seu sogro, Lionel Merble, estava em um assento ao lado dele.

Lionel Merble era uma máquina. Os tralfamadorianos, naturalmente, afirmam que todas as criaturas e plantas do Universo são máquinas. Acham muito engraçado que tantos terráqueos fiquem ofendidos com a ideia de serem máquinas.

Do lado de fora do avião a máquina chamada Valencia Merble Pilgrim estava comendo uma barra de chocolate Peter Paul e dando tchau.

• • •

O avião decolou sem incidente. O momento estava estruturado para isso. Havia um quarteto de cantores a bordo. Também eram optometristas. Apresentavam-se como "*Os Sacos*", que era uma sigla para "*Sacanas Caixa-d'Óculos*".

Quando o avião estava no alto, são e salvo, a máquina que era o

sogro de Billy pediu ao quarteto que cantasse a sua canção favorita. Todos sabiam a que canção ele estava se referindo e se puseram a cantá-la. A letra era o seguinte:

Descansando numa cela de prisão,
Com as calças cheias de caca
E meus culhões varrendo o chão,
Olho para o lugar ferido
Onde no saco fui mordido
E juro nunca mais foder uma polaca.

O sogro de Billy riu sem parar e depois pediu ao quarteto que cantasse uma outra canção polonesa de que ele gostava muito. De modo que cantaram uma canção das minas de carvão da Pensilvânia, que começava assim:

Eu e Mike, nós dois é mineiro,
Puta merda, que grande folia,
Toda semana nós recebe dinheiro,
Puta merda, acaba noutro dia.

Falando de gente da Polônia: por acaso, Billy Pilgrim viu um polonês ser enforcado em público, cerca de três dias depois de chegar a Dresden. Seguia para o trabalho, pouco depois do sol nascer, junto

com alguns companheiros, quando deram com um cadafalso e uma pequena multidão defronte de um estádio de futebol. O polonês era um trabalhador rural que estava sendo enforcado por ter relações sexuais com uma alemã. Coisas da vida.

• • •

Billy sabia que o avião não demoraria a cair; fechou os olhos e viajou no tempo de volta a 1944. Estava novamente na floresta de Luxemburgo, com os Três Mosqueteiros. Estava sendo sacudido por Roland Weary, que lhe batia a cabeça contra uma árvore.

— Vão andando e me deixem — dizia Billy Pilgrim.

• • •

O quarteto a bordo do avião cantava "*Espere o Sol Brilhar, Nelly*", quando a aeronave foi de encontro ao pico do Monte Sugarbush, em Vermont. Todos morreram, com exceção de Billy e do copiloto. Coisas da vida.

Os primeiros a chegarem ao local do acidente foram alguns jovens instrutores de esqui da famosa estação de esquis no sopé da montanha. Falavam entre si em alemão enquanto iam de cadáver em cadáver. Usavam máscaras negras contra o vento com dois buracos para os olhos e um lenço vermelho. Pareciam bonecas de pano pretas, como gente branca se fingindo de negra para divertir os outros.

Billy estava com o crânio fraturado, mas continuava consciente. Não sabia onde se achava. Seus lábios se mexiam e uma das bonecas de pano encostou o ouvido na sua boca para ouvir o que poderiam ser

as suas últimas palavras.

Billy pensou que a boneca de pano tinha algo a ver com a Segunda Guerra Mundial e, sussurando, deu-lhe o seu endereço: "*Schlachthof-fünf*".

• • •

Billy foi levado montanha abaixo num trenó. As bonecas de pano dirigiam o trenó por meio de cordas e cantavam melodiosamente pedindo passagem. Perto do sopé, a pista contornava as colunas que sustentavam um elevador de cadeirinhas. Billy olhou para todos aqueles jovens vestindo coloridas roupas elásticas, botas e óculos enormes, totalmente salpicados de neve, viajando pelo céu em cadeiras amarelas. Pensou que faziam parte de uma nova e surpreendente fase da Segunda Guerra Mundial. Achou muito bom. Billy achava tudo muito bom.

• • •

Foi levado a um pequeno hospital. Um famoso cirurgião especialista veio de Boston e o operou durante três horas. Billy ficou inconsciente dois dias depois disso e sonhou com milhões de coisas, algumas delas verdadeiras. As coisas verdadeiras eram a viagem no tempo.

• • •

Uma das coisas verdadeiras era a sua primeira noite no matadouro. Ele e o coitado do velho Edgar Derby estavam empurrando uma

carroça de duas rodas por um caminho de terra entre chiqueiros vazios. Iam a uma cozinha comunal para pegar o jantar de todo o mundo. Estavam sendo guardados por um alemão de 16 anos chamado Werner Gluck. Os eixos da carroça tinham sido lubrificados com a gordura de animais mortos. Coisas da vida.

O sol tinha acabado de se pôr e o arrebol iluminava a cidade pelas costas, formando penhascos baixos no vazio bucólico que se estendia até os currais desocupados. A cidade estava às escuras, devido à possibilidade de bombardeios, de modo que Billy não viu Dresden fazer uma das coisas mais alegres que uma cidade pode fazer quando o sol se põe, que é piscar suas luzes, uma a uma.

Havia um rio largo para refletir essas luzes, que teria dado muita beleza às suas piscadelas noturnas. Era o Elba.

• • •

Werner Gluck, o jovem guarda, era natural de Dresden. Nunca tinha estado no matadouro antes, de modo que não tinha certeza do local da cozinha. Era alto e frágil, como Billy, de quem poderia ter sido irmão mais jovem. Na verdade, eram primos distantes, mas nunca descobriram o fato. Gluck estava armado com um mosquete incrivelmente pesado, uma peça de museu de um só tiro, de cano octogonal e abertura lisa. Estava de baioneta fixada. Parecia uma longa agulha de crochê. Não tinha calhas para o escoamento de sangue.

Gluck conduziu-os a um edifício com ele pensou pudesse conter a cozinha e abriu a porta de correr que ficava num dos lados. Contudo, não havia cozinha lá. Havia um vestiário junto de um chuveiro comum e muito vapor. Dentro do vapor havia cerca de trinta meninas

completamente nuas. Eram refugiadas alemãs de Breslau, que tinha sofrido um bombardeio tremendo. Também tinha acabado de chegar a Dresden. A cidade estava apinhada de refugiadas.

Lá estavam todas essas meninas com as partes pudendas à mostra, para quem quisesse ver. E lá, no vão da porta, estavam Gluck, Derby e Pilgrim: o soldado adolescente, o coitado do velho professor de escola e o palhaço de toga e sapatos prateados, todos de olhos arregalados. As meninas começaram a gritar. Cobriam-se com as mãos e viravam as costas e assim por diante e ficaram lindas.

Werner Gluck, que nunca tinha visto uma mulher nua, fechou a porta. Billy também nunca tinha visto uma. Para Derby não era nada de novo.

• • •

Quando os três idiotas encontraram a cozinha comunal, cuja função principal era fornecer o almoço para os trabalhadores no matadouro, todo o mundo já tinha ido para casa, com exceção de uma mulher, que os esperava com impaciência. Era uma viúva de guerra. Coisas da vida. Já estava de chapéu e sobretudo. Também queria ir para casa, embora não houvesse ninguém lá. Suas luvas brancas estavam colocadas, lado a lado, em cima do balcão de zinco.

Ela tinha dois caldeirões de sopa para os americanos. A sopa fervia em fogo brando no fogão a gás. Tinha também pilhas de pães pretos.

Ela perguntou a Gluck se não era muito jovem para estar no exército. Ele admitiu que sim.

Ela perguntou a Edgar Derby se não era muito velho para estar no

exército. Ele disse que sim.

Ela perguntou a Billy Pilgrim o que é que ele pensava que era. Billy disse que não sabia. Estava apenas procurando manter-se aquecido.

— Todos os soldados de verdade estão mortos — disse ela. Estavam mesmo. Coisas da vida.

• • •

Outra coisa verdadeira que Billy viu, enquanto estava inconsciente em Vermont, era o trabalho que ele e os outros tinham de fazer em Dresden durante o mês antes da cidade ser destruída. Lavavam vidraças, varriam assoalhos, limpavam sanitários, colocavam vasos em caixas e fechavam caixas de papelão numa fábrica que fazia xarope de malte. O xarope era enriquecido com vitaminas e sais minerais. Era para mulheres grávidas.

O xarope tinha gosto de mel diluído misturado com fumaça de nogueira, e todos os que trabalhavam na fábrica tomavam xarope às escondidas o dia todo. Não estavam grávidos, mas também precisavam de vitaminas e sais minerais. No primeiro dia Billy não tomou xarope, ao contrário de muitos dos americanos.

Billy tomou xarope no segundo dia. Havia colheres escondidas em toda a fábrica, sobre vigas, em gavetas, atrás de aquecedores, e assim por diante. Tinham sido escondidas às pressas por pessoas que tomavam xarope e que haviam escutado alguém se aproximando. Tomar xarope era um crime.

No seu segundo dia, Billy estava varrendo atrás de um aquecedor e ali encontrou uma colher. Atrás dele, achava-se uma tina de xarope

esfriando. A única pessoa que podia ver Billy e sua colher era o coitado do velho Edgard Derby, que estava lavando uma vidraça do lado de fora. A colher era de sopa. Billy enfiou-a na tina, e girou-a muitas vezes, até formar um pirulito pegajoso. Começou a chupá-lo.

Um instante depois, todas as células do corpo de Billy vibraram de gratidão esfomeada e aplauso.

• • •

Ouviram-se batidas tímidas na janela da fábrica. Lá fora estava Derby, que tinha visto tudo. Também queria um pouco de xarope.

Portanto, Billy preparou um pirulito para ele. Abriu a janela e enfiou o pirulito na boca escancarada do coitado do velho Derby. Um momento depois, Derby irrompeu em lágrimas. Billy fechou a janela e escondeu a colher melada. Alguém estava chegando.

8

DOIS DIAS ANTES DA DESTRUIÇÃO DE DRESDEN os americanos do matadouro receberam uma visita muito interessante. Tratava-se de Howard W. Campbell Jr., um americano que se tinha tornado nazista. Era Campbell quem tinha escrito a monografia sobre o comportamento indigno dos prisioneiros de guerra americanos. Não estava mais fazendo pesquisa a respeito de prisioneiros. Tinha vindo ao matadouro com o fim de recrutar homens para uma unidade militar alemã chamada "Exército Americano livre". Campbell era o inventor e comandante dessa unidade, que iria lutar apenas na frente russa.

• • •

Campbell era um homem de aparência comum, mas estava extravagantemente vestido num uniforme desenhado por ele próprio. Usava um chapéu branco de copa alta e abas largas e botas pretas de vaqueiro enfeitadas de suásticas e estrelas. Estava enfiado numa roupa de malha azul, com listras amarelas que iam das axilas aos tornozelos. Suas dragonas eram uma silhueta do perfil de Abraham Lincoln sobre um fundo verde claro. Tinha uma braçadeira larga vermelha, com uma suástica azul num círculo branco.

Estava explicando essa braçadeira no edifício de cimento onde antigamente moravam porcos.

Billy estava atacado de azia violentíssima, pois tinha tomado xarope o dia todo. A azia lhe trouxe lágrimas aos olhos e a sua visão de Campbell foi deformada por lentes flutuantes de água salgada.

— O azul representa o céu americano — dizia Campbell. — O branco é para a raça que conquistou o continente, drenou os pântanos, derrubou as florestas e construiu estradas e pontes. O vermelho é para o sangue de patriotas americanos, que o derramaram tão generosamente em anos passados.

• • •

O público de Campbell estava sonolento. Todos tinham dado duro na fábrica de xarope e depois tinham coberto uma boa distância no frio, a caminho de casa. Estavam magros e de olhos encovados. Suas peles estavam começando a desabrochar em pequenas feridas. E também suas bocas, gargantas e intestinos. O xarope de malte que tomavam na fábrica continha apenas algumas poucas das vitaminas e sais minerais de que todos os terráqueos necessitam.

Campbell passou a oferecer aos americanos bifes, purê de batatas com molho e empadão de carne picada, se quisessem se alistar no Exército Americano livre.

— Uma vez que os russos tenham sido derrotados — continuou ele — vocês serão repatriados através da Suíça.

Não houve resposta.

— Mais cedo ou mais tarde, vocês terão que lutar contra os comunistas — disse Campbell. — Por que não logo de uma vez?

• • •

E logo em seguida ficou claro que, afinal, Campbell não deixaria de levar uma resposta para casa. O coitado do velho Derby, o professor de escola condenado, pôs-se de pé para o que provavelmente era o momento mais belo de sua vida. Praticamente não existem personagens nesta história e quase não há confrontos dramáticos, porque seus personagens, na maior parte, estão muito doentes e não passam de joguetes passivos de forças tremendas. Afinal, um dos efeitos principais da guerra é que as pessoas ficam desencorajadas de serem personagens. Mas o velho Derby era um personagem agora.

Sua postura era a de um pugilista surrado. Estava de cabeça baixa. Seus punhos estavam estendidos para a frente, à espera de informações e um plano de luta. Derby ergueu a cabeça e chamou Campbell de víbora. Mas, corrigiu-se logo. Disse que as víboras não podiam deixar de ser víboras, e que Campbell, que *podia* deixar de ser o que era, era muito mais baixo do que uma víbora ou um rato... ou mesmo um carrapato inchado de sangue.

Campbell sorriu.

Derby falou de maneira comovente da forma de governo da América, com liberdade, justiça, oportunidades e jogo limpo para todos. Disse que não havia um só homem ali que não estivesse disposto a morrer por todos esses ideais.

Falou da fraternidade entre os povos da América e da Rússia e como essas duas nações esmagariam a peste do nazismo, que queria infeccionar o mundo todo.

As sirenes antiaéreas de Dresden soaram lamentosamente.

Os americanos, seus guardas e Campbell se abrigaram num depósito de carne cheio de ecos, escavado na rocha viva debaixo do matadouro. Havia uma escada de ferro com portas de ferro no alto e no fundo.

Lá no depósito havia alguns bois, carneiros, porcos e cavalos pendurados em ganchos de ferro. Coisas da vida. Havia ganchos para milhares mais. O frio era natural. Não havia refrigeração. Havia luz de vela. O depósito era caiado e cheirava a ácido carbólico. Havia bancos ao longo de uma parede, onde os americanos se sentaram, removendo, antes, alguns flocos de cal.

Howard W. Campbell Jr. permaneceu de pé, assim como os guardas. Conversou com eles em alemão impecável. Tinha escrito muitas peças e poemas alemães que se tornaram populares e tinha sido casado com uma famosa atriz alemã chamada Resi North, que estava morta. Tinha morrido enquanto apresentava espetáculos às tropas na Crimeia. Coisas da vida.

• • •

Nada aconteceu naquela noite. Era na noite seguinte que 130.000 pessoas morreriam em Dresden. Coisas da vida. Billy cochilou no depósito de carne. Estava repetindo, palavra por palavra, gesto por gesto, a discussão com sua filha que deu início a esta história.

— Papai — disse ela — que é que nós vamos *fazer* com você? — E assim por diante. — Sabe quem é que eu gostaria de matar? — perguntou ela.

— Quem? — respondeu Billy.

— O tal Kilgore Trout.

Kilgore Trout era e é um escritor de ficção científica, naturalmente. Billy não apenas leu dúzias de livros de Trout, como também se tornou amigo dele, até o quanto é possível ser amigo de um homem amargurado como Trout.

• • •

Trout mora num porão alugado em Ilium, a cerca de três quilômetros da simpática casa branca de Billy. Ele próprio não sabe quantos livros escreveu... talvez uns setenta e cinco. Nenhum deles deu lucro. Portanto, Trout procura sobreviver como chefe de circulação da *Gazeta de Ilium*, dando ordens a meninos entregadores, intimidando, bajulando e enganando garotinhos.

Billy encontrou-o pela primeira vez em 1964. Estava dirigindo o seu novo Cadillac por uma ruela em Ilium, quando se viu bloqueado por uma dúzia de meninos com bicicletas. Uma reunião estava em andamento. Um homem de barbas dirigia-se aos garotos. Era covarde e perigoso e evidentemente tinha competência para a sua função. Trout tinha então 62 anos. Estava dizendo aos rapazes para não ficarem sentados nos seus rabos e procurarem convencer os seus fregueses a assinar também a porra da edição de domingo. Disse que quem vendesse o maior número de assinaturas da edição de domingo nos próximos dois meses ganharia uma viagem de graça para si mesmo e seus pais, por uma semana, para a porra de Martha's Vineyard, com todas as despesas pagas.

E assim por diante.

Um dos meninos entregadores era, na realidade, uma menina entregadora. Ficou eletrizada.

O rosto paranoico de Trout era tremendamente familiar a Billy, que o tinha visto na sobrecapa de tantos livros. Mas, dando com essa cara, subitamente, numa ruela de sua cidade natal, Billy não conseguiu se lembrar porque lhe era tão familiar. Pensou que talvez tivesse conhecido esse messias de meia-tijela em algum lugar em Dresden. Trout tinha mesmo o ar de um prisioneiro de guerra.

E aí a menina levantou a mão. — Sr. Trout — perguntou ela — se eu ganhar, será que posso levar minha irmã também?

— Claro que não — disse Kilgore Trout. — Você acha que dinheiro nasce em *árvore*?

• • •

A propósito, Trout tinha escrito um livro sobre uma árvore de dinheiro. Suas folhas eram notas de vinte dólares. Suas flores eram obrigações do governo. Seus frutos eram diamantes. Atraía seres humanos que se matavam uns aos outros em volta das raízes dando um excelente adubo.

Coisas da vida.

• • •

Billy Pilgrim estacionou o seu Cadillac na ruela e esperou que a reunião terminasse. Quanto isto aconteceu, ainda ficou um menino com quem Trout teve de lidar. O rapaz queria se demitir porque o

trabalho era muito duro, o horário era muito puxado e o salário muito pequeno. Trout estava preocupado, porque se o menino fosse embora, ele mesmo teria de fazer a entrega, até conseguir outro otário.

— Que é que você é? — perguntou Trout com desdém. — Alguma maravilha sem entranhas?

Também este era o título de um livro de Trout, *A Maravilha Sem Entranhas*. Era a respeito de um robô com mau hálito, que ficou popular depois de curado. Mas o que tornava a história notável, pois foi escrita em 1932, era que previa o uso generalizado de geleia de gasolina em seres humanos.

Era lançada sobre eles de aviões. Quem a lançava eram robôs. Não tinham consciência, nem circuitos que lhes permitissem imaginar o que estava acontecendo às pessoas na terra.

O principal robô de Trout tinha a aparência de um ser humano; sabia falar, dançar e assim por diante, e saía com mulheres. Ninguém o censurava porque jogava geleia de gasolina sobre gente. Mas achavam o seu mau hálito imperdoável. Quando ele se livrou disto, foi recebido de braços abertos pela raça humana.

• • •

Trout saiu derrotado no debate com o menino que queria se demitir. Contou-lhe a respeito de todos os milionários que tinham começado a vida entregando jornais e o garoto respondeu: — Sim, mas garanto que foram embora depois de uma semana, porque essa vida é *foda*.

E o menino deixou o saco cheio de jornais aos pés de Trout, com o cadastro dos fregueses em cima. Cabia a Trout fazer a entrega. Ele não

tinha automóvel. Não tinha nem mesmo uma bicicleta e morria de pavor de cachorros.

Em algum lugar, um cachorro latiu.

Lugubremente, Trout pendurou o saco no ombro e nesse momento Billy se aproximou.

— Trout... ?

— Sim?

— O senhor é *Kilgore* Trout?

— Sim. — Trout supôs que Billy tinha alguma reclamação a fazer sobre a entrega dos jornais. Não pensou em si mesmo como escritor, pela simples razão de que o mundo nunca lhe tinha permitido fazê-lo.

— O... o escritor? — perguntou Billy.

— O quê?

Billy estava certo de que se tinha enganado.

— Existe um escritor chamado Kilgore Trout.

— Existe? — O ar de Trout era atoleimado e pasmado.

— Nunca ouviu falar dele?

Trout sacudiu a cabeça: — Ninguém... ninguém jamais ouviu.

• • •

Billy ajudou Trout a entregar os jornais, levando-o de casa em casa no Cadillac. Billy estava tomando conta de tudo, procurando as casas e fazendo as marcações no livro. Os miolos de Trout tinham estourado. Nunca antes tinha encontrado um fã e Billy era um fã tão *ávido*.

Trout lhe contou que jamais tinha visto um livro seu anunciado, criticado ou exposto para venda.

— Durante todos esses anos — disse ele — tenho estado de janela aberta, namorando o mundo.

— Mas o senhor deve ter recebido cartas — disse Billy. — Eu mesmo tive vontade de lhe escrever várias vezes.

Trout levantou um único dedo: — Uma.

— Era *entusiástica*?

— Era *louca*. O homem disse que eu devia ser Presidente do Mundo.

Ficaram sabendo que a carta tinha sido escrita por Eliot Rosewater, o amigo de Billy no hospital de veteranos perto de Lake Placid. Billy falou a Trout a respeito de Rosewater.

— Meu Deus, eu pensei que ele tivesse quatorze anos — disse Trout.

— É um homem adulto; foi capitão durante a guerra.

— Ele *escreve* como se tivesse quatorze anos — disse Kilgore Trout.

• • •

Billy convidou Trout para o seu 18° aniversário de casamento, que seria dali a dois dias. Agora a festa estava em pleno andamento.

Trout estava na sala de jantar de Billy devorando canapés. A boca cheia de requeijão e ova de salmão, falava com a mulher de um optometrista. Todo o mundo na festa estava ligado, de uma forma ou

outra, à optometria, com exceção de Trout. E ele era o único que não usava óculos. Estava fazendo um sucesso estrondoso. Todos ficaram empolgados com a presença de um escritor, embora ninguém jamais tivesse lido seus livros.

Trout estava falando com Maggie White, que tinha desistido de ser enfermeira de dentista para cuidar do lar de um optometrista. Era muito bonita. O último livro que ela tinha lido era *Ivanhoé*.

Billy Pilgrim estava perto, escutando, apalpando algo no bolso. Era um presente que estava prestes a dar à sua mulher, um estojo de cetim branco contendo um anel com uma safira branca. O anel valia oitocentos dólares.

• • •

A bajulação de que Trout era alvo, por insana e iletrada que fosse, afetou-o como maconha. Sentia-se feliz, falava alto e com descaramento.

— Receio que não tenho lido tanto quanto *devia* — disse Maggie.

— Todos nós receamos alguma coisa — replicou Trout. — Eu tenho receio de câncer, ratos e outras coisas.

— Eu devia saber, mas não sei, de modo que tenho de perguntar — disse Maggie — mas qual é a sua obra mais famosa?

— É a respeito do enterro de um grande cozinheiro francês.

— Parece interessante.

— Todos os grandes cozinheiros do mundo estão lá. É uma cerimônia linda. — Trout ia inventando tudo à medida que falava. —

Antes de ser fechado o caixão, os acompanhantes salpicam o defunto com salsa e pimenta.

Coisas da vida.

• • •

— Isto *aconteceu* mesmo? — perguntou Maggie White. Era uma pessoa sem graça, mas um convite sensacional para fazer filhos. Os homens olhavam para ela e queriam enchê-la de bebês imediatamente. Ela não tinha tido nenhum bebê até agora. Era adepta do controle da natalidade.

— Claro que aconteceu — disse Trout. — Se eu fosse escrever alguma coisa que não aconteceu realmente e procurasse vendê-la podia acabar na cadeia. Isto é *fraude*.

Maggie acreditou: — Nunca tinha pensado nisto.

— Pense agora.

— É como publicidade. A gente tem de dizer a verdade na propaganda ou acaba em dificuldades.

— Exatamente. São as mesmas leis.

— O senhor acha que vai escrever sobre *a gente* algum dia?

— Eu escrevo sobre tudo o que me acontece.

— Acho melhor eu tomar cuidado com o que estou falando.

— Precisamente. E eu não sou a única pessoa que está ouvindo. Deus também está ouvindo. E no Dia do Juízo Final ele lhe dirá tudo que você falou e fez. Se as coisas forem ruins e não boas, azar o seu, porque você ficará queimando por toda a eternidade. E as

queimaduras nunca param de doer.

A coitada da Maggie ficou pálida. Acreditou *nisso* também e ficou petrificada.

Kilgore Trout riu estrondosamente. Uma ova de salmão saiu voando de sua boca e foi parar no decote de Maggie.

• • •

Agora um optometrista pediu a atenção de todos. Ia levantar um brinde a Billy e Valencia, cujo aniversário de casamento estava sendo comemorado. De acordo com o plano, o quarteto de optometristas, "*Os Sacos*", cantou enquanto todos bebiam e Billy e Valencia se abraçavam radiantes. Os olhos de todo mundo brilhavam. A canção era "*A Minha Velha Turma*".

Puxa, dizia a canção, *eu daria tudo para ver a minha velha turma*. E assim por diante. E depois dizia, *Adeus para sempre, velhos camaradas e garotas, adeus para sempre, velhos amores e amigos... Deus os abençoe...* E assim por diante.

Inesperadamente, Billy Pilgrim se sentiu perturbado pela canção e pela ocasião. Nunca tinha tido uma velha turma, velhos amores e amigos, mas sentia falta de tudo isso, enquanto o quarteto experimentava acordes... acordes propositadamente acres, mais acres ainda, insuportavelmente acres, e depois um acorde sufocantemente doce e depois novamente alguns acres. Billy tinha fortes reações psicossomáticas aos acordes cambiantes. Sua boca se encheu de gosto de limonada e seu rosto ficou grotesco, como se estivesse realmente estendido no instrumento de tortura chamado a *roda*.

• • •

Seu aspecto era tão estranho, que várias pessoas fizeram comentários preocupados ao fim da canção. Pensaram que estava tendo um enfarte e pareceu que Billy confirmou-o quando procurou uma cadeira e se sentou, todo abatido.

Houve um silêncio.

— Meu Deus — disse Valencia, debruçando-se sobre ele. — Billy, você está bem?

— Estou.

— Você está com um jeito tão ruim.

— Estou bem, juro. — E estava mesmo, só que não conseguia encontrar uma explicação para o motivo porque tinha sido afetado de modo tão grotesco pela canção. Durante anos vinha supondo que não tinha segredos diante de si próprio. E ali estava a prova de que tinha um grande segredo dentro dele e Billy não tinha a menor ideia do que era.

• • •

Vendo as cores voltando ao rosto de Billy e que ele estava sorrindo, as pessoas se afastaram. Valencia ficou a seu lado e Kilgore Trout, que tinha estado à margem da multidão, aproximou-se, interessado e astucioso.

— Você parece que viu um *fantasma* — disse Valencia.

— Não — respondeu Billy. Não tinha visto nada que realmente não

estivesse diante dele: os rostos dos quatro cantores, esses quatro homens comuns, de olhos de vaca, estúpidos e angustiados que iam da doçura ao azedume e novamente à doçura.

— Posso dar um palpite? — perguntou Kilgore Trout. — Você olhou por uma *janela do tempo*.

— Uma o quê? — fez Valencia.

— De repente ele viu o passado ou o futuro. Estou certo?

— Não — disse Billy Pilgrim. Levantou-se, enfiou a mão no bolso e encontrou o estojo com o anel. Tirou-o e, distraidamente, entregou-o a Valencia. Tinha planejado dá-lo no fim da canção, quando todos estivessem olhando. Agora só quem estava vendo era Kilgore Trout.

— Para mim? — perguntou Valencia.

— É.

— Deus do céu — disse ela. Depois repetiu as palavras em voz mais alta para que todos ouvissem. O pessoal se aproximou e ela abriu o estojo, quase gritando quando viu a safira. — Deus do céu — disse ela e sapecou um beijo em Billy. — Obrigada, obrigada, obrigada — repetiu Valencia.

• • •

Falou-se muito das joias formidáveis que Billy tinha dado a Valencia no correr dos anos.

— Meu Deus — disse Maggie White — ela já tem o maior diamante que vi fora do cinema. — Estava se referindo ao diamante que Billy tinha trazido da guerra.

A propósito, a dentadura parcial que tinha encontrado dentro do seu pequeno sobretudo de empresário estava no seu estojo de abotoaduras, na gaveta da cômoda. Billy tinha uma coleção fabulosa de abotoaduras. Era hábito da família dar-lhe um par todo o Dia dos Pais. As abotoaduras que usava agora eram do Dia dos Pais. Tinham custado mais de cem dólares. Eram feitas de velhas moedas romanas. Lá em cima Billy tinha um par de abotoaduras feitas de pequenas roletas que realmente funcionavam. Tinha um outro par, com um termômetro de verdade numa e uma bússola de verdade na outra.

• • •

Billy começou a circular pela festa... externamente com ar normal. Kilgore Trout estava seguindo-o, ansioso para saber o que Billy tinha suspeitado ou visto. Afinal, a maioria dos livros de Trout tratava de distorções no tempo e percepção extrassensorial e outras coisas inesperadas. Trout acreditava nessas coisas e estava ávido para ver provada a sua existência.

— Você alguma vez já botou um espelho de corpo inteiro no chão e pôs um cachorro em cima? — Trout perguntou a Billy.

— Nunca.

— O cachorro olha para baixo e de repente se dá conta que não há nada embaixo dele. Acha que está parado no ar. Aí dá um salto apavorado.

— *Dá*?

— É como *você* parecia agora... como se de repente estivesse se dando conta de estar parado no ar.

• • •

O quarteto voltou a cantar. Novamente Billy sentiu torturas emocionais. A experiência estava *certamente* associada com aqueles quatro homens e não com o que cantavam.

Eis o que eles cantavam, enquanto Billy era estraçalhado por dentro:

Um pouco de algodão e um chouriço,

Como é que alguém pode viver disso?

Reze por sol, que chove daqui a pouco,

As coisas pioram deixando todo o mundo louco.

Construí um bar, de marrom pintado,

Relâmpago veio, tá todo queimado.

Não adianta, cai tudo no chão

Com um só chouriço, um pouco de algodão.

Um pouco de algodão o imposto come,

Corri a carga nas costas a gente some...

E assim por diante.

Billy fugiu escada acima na sua simpática casa branca.

• • •

Trout teria subido se Billy não lhe tivesse pedido para ficar embaixo. Em seguida Billy foi ao banheiro de cima, que estava às escuras. Fechou e trancou a porta. Não acendeu a luz e aos poucos sentiu que não estava só. Seu filho estava lá dentro.

— Papai... ? — disse seu filho no escuro. Robert, o futuro Boina Verde, tinha então dezessete anos. Billy gostava dele mas não o conhecia muito bem. Tinha uma vaga suspeita de que não havia multa coisa a conhecer a respeito de Robert.

Billy acendeu a luz. Robert estava sentado no vaso, com as calças do pijama descidas até os tornozelos. Em torno do pescoço, preso por uma correia, tinha uma guitarra elétrica. Tinha comprado a guitarra naquele dia. Ainda não sabia tocá-la e, na realidade, nunca aprendeu a tocá-la. Era cor-de-rosa nacarado.

— Olá, meu filho — disse Billy Pilgrim.

• • •

Billy foi ao seu quarto, embora houvesse visitas lá embaixo para cuidar. Deitou-se na cama e ligou os Dedos Mágicos. O colchão vibrou e expulsou um cachorro que estava debaixo da cama. O cachorro era Spot, que ainda vivia naqueles dias. Spot voltou a se deitar num canto.

• • •

Billy pensou longamente no efeito que o quarteto tinha exercido sobre ele e depois encontrou uma associação com uma experiência que teve há muito. Não viajou no tempo atrás aquela experiência. Lembrou-se dela de forma bruxoleante, assim:

Estava no depósito de carne na noite em que Dresden foi destruída. Em cima ouviam-se sons como passadas de gigantes. Eram as bombas de altos explosivos. Os gigantes não paravam de andar. O depósito de carne era um abrigo muito seguro. Só o que havia lá embaixo era uma chuvarada ocasional de calcimina. Lá embaixo achavam-se apenas os americanos, quatro guardas, algumas carcaças limpas e mais ninguém. Os guardas restantes tinham ido para o conforto de seus próprios lares em Dresden, antes do início do ataque. Estavam sendo mortos juntamente com suas famílias.

Coisas da vida.

As meninas que Billy tinha visto nuas estavam sendo mortas também, num abrigo muito mais raso, em outra parte do matadouro.

Coisas da vida.

De vez em quando, um guarda ia até o alto da escada para ver como iam as coisas lá fora, depois voltava e sussurrava para os outros guardas. Havia uma tempestade de fogo no exterior. Dresden era uma única labareda. Esta única labareda devorava tudo quanto era orgânico, tudo quanto queimasse.

Não era seguro sair do abrigo antes do meio-dia seguinte. Quando os americanos e seus guardas afinal saíram, o céu estava negro de fumaça. O sol era um ponto incandescente. Dresden, agora, parecia a lua; só tinha minerais. As pedras estavam quentes. Todo o mundo nas vizinhanças estava morto.

Coisas da vida.

• • •

Os guardas aconchegaram-se instintivamente, revirando os olhos. Ensaiavam uma expressão, depois outra; não falavam, embora suas bocas estivessem abertas muitas vezes. Pareciam um quarteto num filme mudo.

Poderiam estar cantando "*Adeus para sempre, velhos camaradas e garotas; Adeus para sempre, velhos amores e amigos... Deus os abençoe"*.

• • •

— Conte-me uma história — Montana Wildhack pediu a Billy Pilgrim, certa vez no zoológico tralfamadoriano. Estavam deitados na cama, um ao lado do outro. Gozavam de solidão. O toldo cobria a cúpula. Montana estava agora grávida de seis meses, grande e rosada, pedindo pequenos favores a Billy, de quando em quando. Não podia mandar Billy comprar sorvete ou morangos, pois a atmosfera fora da cúpula era de cianureto, e os morangos e sorvetes mais próximos estavam a milhões de anos-luz de distância.

Mas podia mandá-lo à geladeira, enfeitada com o casal sem cara montado numa bicicleta dupla, ou, como agora, podia bajulá-lo: — Conte-me uma história, Billy.

— Dresden foi destruída na noite de 13 de fevereiro de 1945 — começou Billy Pilgrim. — Saímos do abrigo no dia seguinte. — Contou a Montana sobre os quatro guardas que, no seu assombro e tristeza, pareciam um quarteto de cantores. Falou dos currais com cercados, sem telhados e sem vidraças... falou do que pareciam pequenas toras espalhadas. Era gente surpreendida pela tempestade de fogo. Coisas da vida.

Billy contou-lhe do que aconteceu aos edifícios que formavam penhascos em torno dos currais. Tinham desmoronado. Sua madeira tinha sido consumida e suas pedras tinham ruído, colidindo umas com as outras, até se engastarem, por fim, em curvas baixas e graciosas.

— Parecia a lua — disse Billy Pilgrim.

• • •

Os guardas mandaram que os americanos formassem filas de quatro; foi o que fizeram. Depois lhes deram ordem para marchar de volta ao chiqueiro que tinha sido o seu lar. As paredes ainda estavam de pé, mas as vidraças e o telhado tinham sumido, e não havia nada dentro senão cinzas e bolotas de vidro fundido. Deram-se conta, então, de que não havia comida nem água e que os sobreviventes, se quisessem continuar sobrevivendo, teriam que escalar curva após curva da superfície lunar.

Foi o que fizeram.

• • •

As curvas eram lisas só quando vistas à distância. As pessoas que as escalavam aprenderam que eram coisas traiçoeiras, recortadas... quentes ao tato, muitas vezes instáveis... ansiosas, caso certas rochas fossem perturbadas, de caírem um pouco mais, de formarem curvas mais baixas, mais sólidas.

Ninguém falou muito enquanto a expedição atravessava a lua. Não havia nada de apropriado para dizer. Uma coisa era clara: todos, sem exceção, deviam estar mortos, não importa o que tivessem sido em

vida, e que, quem quer que se mexesse, representava uma falha no padrão. A lua não teria habitantes.

• • •

Aviões de combate americanos furaram a nuvem de fumaça para se certificar de que nada se mexia. Viram Billy e os outros movendo-se lá embaixo. Os aviões lançaram uma rajada de balas de metralhadoras contra eles mas erraram o alvo. Depois viram outras pessoas movendo-se na margem do rio e atiraram contra elas. Acertaram algumas. Coisas da vida.

A ideia era apressar o fim da guerra.

• • •

A história de Billy, curiosamente, terminou num subúrbio não atingido pelo fogo e pelas explosões. Ao cair da noite, os guardas e os americanos chegaram a uma estalagem que estava em pleno funcionamento. Havia luz de velas. Embaixo havia três lareiras acesas. Havia mesas e cadeiras vazias, à espera de quem chegasse, e no andar de cima, camas feitas vazias.

O estalajadeiro era cego e sua mulher, que enxergava, era cozinheira; tinham duas filhas moças, que trabalhavam como garçonetes e criadas. A família sabia que Dresden estava destruída. Os dotados de visão tinham visto a cidade queimar. Não obstante, tinham aberto a casa, polido os copos, dado corda aos relógios e avivado os fogos, e ficaram esperando para ver quem apareceria.

O movimento de refugiados de Dresden não era grande. Os

relógios faziam *tique-taque*, os fogos crepitavam, as velas translúcidas pingavam. E subitamente houve uma batida à porta e lá estavam quatro guardas e cem prisioneiros de guerra americanos.

O estalajadeiro perguntou aos guardas se estavam chegando da cidade.

— Sim.

— Vem mais gente?

E os guardas disseram que, no caminho difícil que tinham escolhido, não tinham visto vivalma.

• • •

O estalajadeiro cego disse que os americanos podiam dormir na estrebaria naquela noite e deu-lhes sopa, café, ersatz e um pouco de cerveja. Depois saiu para ouvi-los deitando-se na palha.

— Boa noite, americanos — disse em alemão. — Durmam bem.

9

FOI ASSIM QUE Billy Pilgrim perdeu sua mulher, Valencia.

Ele estava inconsciente no hospital em Vermont, depois da queda do avião no Monte Sugarbush e Valencia, tendo ouvido falar do desastre, estava viajando de Ilium para o hospital, no carro da família, o Cadillac El Dorado Coupé de Ville. Valencia estava histérica, porque lhe haviam dito francamente que Billy podia morrer e que, se sobrevivesse, poderia levar uma vida vegetativa.

Valencia adorava Billy. Chorava e se lamentava tanto enquanto dirigia, que perdeu a saída certa da estrada pisou no freio e uma Mercedes colidiu com o Cadillac por trás. Graças a Deus, ninguém se feriu, porque os dois motoristas usavam cintos de segurança. Graças a Deus, graças a Deus. A Mercedes perdeu apenas um farol. Mas a traseira do Cadillac transformou-se no sonho erótico de um lanterneiro. A mala e os para-lamas estavam arrebentados. A mala escancarada parecia a boca de um idiota explicando que não sabia nada a respeito de nada. Os para-lamas pareciam estar encolhendo os ombros. O para-choque estava em posição de sentido. "*Reagan para Presidente!*" dizia um adesivo no para-choque. A janela de trás estava cortada por fendas. O sistema de exaustão descansava na calçada.

O motorista da Mercedes saltou e chegou junto de Valencia para ver se ela estava bem. Ela falou histericamente a respeito de Billy e do

desastre de avião, em seguida engrenou o carro e atravessou a faixa divisória do meio da estrada, deixando o sistema de exaustão para trás.

Quando ela chegou ao hospital, o pessoal veio correndo às janelas para saber que barulho era aquele. O Cadillac, tendo perdido os dois silenciadores, parecia um bombardeiro pesado avariado procurando aterrissar. Valencia desligou o motor, mas em seguida caiu sobre o volante e a buzina soou ininterruptamente. Um médico e uma enfermeira saíram correndo para ver o que é que havia. A pobre Valencia estava inconsciente, dominada pelo monóxido de carbono. Sua cor era azul-celeste.

Uma hora mais tarde, estava morta. Coisas da vida.

• • •

Billy não soube de nada. Continuou a sonhar, a viajar no tempo e assim por diante. O hospital estava tão abarrotado que Billy não pôde ter um quarto só para si. Dividia um quarto com um professor de história de Harvard, chamado Bertram Copeland Rumfoord. Ele não tinha de olhar para Billy, porque Billy estava cercado por biombos de linho branco sobre rodas de borracha. Mas Rumfoord podia ouvir Billy falando consigo mesmo, de ,vez em quando.

A perna esquerda de Rumfoord estava em tração. Tinha-a fraturado esquiando. Tinha setenta anos de idade, mas o seu corpo e o seu espírito eram os de um homem de trinta e cinco. Estava em lua de mel com sua quinta mulher quando quebrou a perna. O nome dela era Lily. Tinha vinte e três anos.

• • •

Quase no mesmo instante em que a pobre Valencia era declarada morta, Lily entrou no quarto de Billy e Rumfoord com uma braçada de livros. Tinha sido mandada para Boston por Rumfoord para apanhá-los. Ele estava escrevendo a história, em um volume, do Corpo Aéreo do Exército Americano na Segunda Guerra Mundial. Os livros eram sobre bombardeios e batalhas aéreas que tinham ocorrido antes do *nascimento* de Lily.

• • •

— Vão andando e me deixem — disse Billy Pilgrim, no seu delírio, quando entrou Lily toda bonitinha. Tinha sido uma *go-go-girl* quando Rumfoord a viu e decidiu fazê-la sua. Ela tinha abandonado a escola. Seu Q.I. era de 103.

— Ele me dá *medo* — sussurrou ela ao marido, referindo-se a Billy Pilgrim.

— Ele me *enche o saco*! — respondeu Rumfoord em voz tonitroante. — Tudo quanto faz no sono é desistir e se render e se desculpar e pedir para que o deixem só. — Rumfoord era um general de brigada reformado da Reserva Aérea, o historiador oficial da Força Aérea, professor titular, autor de 26 livros, um multimilionário desde o seu nascimento e um dos maiores azes do iatismo de todos os tempos. Seu livro mais popular era a respeito de sexo e atletismo pesado para homens acima de 65 anos. Agora citou Theodore Roosevelt, com quem se parecia muito:

— "Eu poderia esculpir um homem melhor de uma banana."

Uma das coisas que Rumfoord mandou Lily trazer de Boston era um exemplar da proclamação do Presidente Harry S. Truman, em que anunciava ao mundo o lançamento de uma bomba atômica sobre Hiroshima. Ela havia trazido uma cópia xerox e Rumfoord lhe perguntou se a tinha lido.

— Não. — Ela não sabia ler bem, o que foi um dos motivos de pra abandonar a escola.

Rumfoord mandou que se sentasse e lesse a declaração de Truman agora. Não sabia que ela lia mal. Sabia muito pouco a respeito dela, exceto que era mais uma demonstração pública de que ele era um super-homem.

De modo que Lily sentou e fingiu ler a coisa do Truman, que dizia assim:

Dezesseis horas atrás um avião americano lançou uma bomba sobre Hiroshima, uma importante base militar japonesa. Essa bomba era mais poderosa do que 20.000 toneladas de T.N.T. Tinha mais de duas mil vezes o poder explosivo do "Grand Slam" inglês, que é a maior bomba já utilizada na história da guerra.

Os japoneses iniciaram a guerra aérea em Pearl Harbor. A retribuição que receberam foi muitas vezes maior. E o fim ainda não chegou. Com esta bomba obtivemos um aumento novo e revolucionário de poder destrutivo, para complementar o crescente potencial de nossas forças armadas. Na sua forma presente, essas bombas estão agora em produção, e formas ainda mais

poderosas estão sendo criadas.

Trata-se de uma bomba atômica. É o aproveitamento da força básica do universo. A força do qual o sol extrai a sua energia foi solta contra aqueles que trouxeram a guerra ao Extremo Oriente.

Antes de 1939, os cientistas acreditavam que era teoricamente possível libertar energia atômica. No entanto, não se conhecia nenhum método prático para fazê— lo. Em 1942, contudo, soubemos que os alemães estavam trabalhando febrilmente para encontrar um meio de acrescentar a energia atômica a todos os outros engenhos de guerra com os quais esperavam escravizar o mundo. Os alemães, porém, falharam. Podemos agradecer à Divina Providência o tato de que os alemães só descobriram os mísseis V-1 e V-2 bastante tarde e em quantidades limitadas e devemos ser mais gratos ainda por terem falhado na construção da bomba atômica.

A batalha dos laboratórios representava para nós riscos fatídicos, assim como as batalhas do ar, da terra o do mar. Agora vencemos a batalha dos laboratórios, assim como vencemos as outras batalhas.

Agora estamos preparados para obliterar mais rapidamente e de forma completa todos os empreendimentos produtivos que os Japoneses possuem acima do solo em qualquer cidade, disse Harry Truman. *Destruiremos seus portos, suas fábricas e suas comunicações. Que ninguém se engane: destruiremos*

completamente o potencial de guerra do Japão. Foi para poupar...

E assim por diante.

• • •

Um dos livros que Lily tinha trazido para Rumfoord era *A Destruição de Dresden*, de um inglês chamado David Irving. Tratava-se de uma edição americana, publicada por Holt, Rinehart and Winston, em 1964. O que Rumfoord queria desse livro eram trechos dos prefácios escritos pelos seus amigos, Ira C. Eaker, Tenente-General, U.S.A.F., reformado, e o Marechal do Ar inglês *Sir* Robert Saundby, K.C.B., K.B.E., M.C., D.F.C., A.F.C.

Tenho dificuldade de compreender aqueles ingleses ou americanos que lamentam a morte de civis inimigos, mas que não derramaram uma única lágrima pelas bravas tripulações que tombaram em combate com um inimigo cruel, escrevia, em parte, o seu amigo General Eaker. *Acho que o Sr. Irving devia se ter lembrado, ao pintar o quadro horrível dos civis mortos em Dresden, que os V-1 e V-2 estavam, naquela mesma época, caindo sobre a Inglaterra, matando civis, homens, mulheres e crianças, indiscriminadamente, tarefa para a qual aqueles mísseis haviam sido planejados e lançados. Também conviria lembrar Buchenwald e Coventry.*

O prefácio de Eaker terminava assim:

> *Lamento profundamente que bombardeiros ingleses e americanos tenham matado 135.000 pessoas no ataque a Dresden, mas lembro-me de quem começou a última guerra e lamento ainda mais a perda de 5.000.000 de vidas aliadas, no esforço necessário para derrotar e destruir completamente o nazismo.*

Coisas da vida.

O Marechal do Ar Saundby disse, entre outras coisas, o seguinte:

> *Ninguém poderá negar que o bombardeio de Dresden tenha sido uma grande tragédia. Que tenha sido uma necessidade militar, poucos acreditarão, após a leitura deste livro. Foi uma destas coisas terríveis que, às vezes, acontecem em tempo de guerra, causada por uma infeliz combinação de circunstâncias. Aqueles que a aprovaram não eram nem malignos nem cruéis, se bem se possa dizer que estavam por demais longe das duras realidades da guerra para compreenderem inteiramente o espantoso poder de destruição dos bombardeios aéreos na primavera de 1945.*
>
> *Os defensores do desarmamento nuclear parecem acreditar que, se conseguissem alcançar o seu objetivo, a*

guerra voltaria a ser tolerável e decente. Fariam bem de ler este livro e meditar sobre o destino de Dresden, onde 135.000 pessoas morreram em consequência de um ataque aéreo realizado com armas convencionais. Na noite de 9 de março de 1945, um ataque aéreo contra Tóquio, por bombardeiros pesados americanos, usando bombas incendiárias e de alto poder explosivo, causou a morte de 83.793 pessoas. A bomba atômica lançada sobre Hiroshima matou 71.379 pessoas.

Coisas da vida.

— Se um dia estiverem em Cody, Wyoming — disse Billy Pilgrim detrás de seus biombos de linho branco — basta perguntar por Bob Valentão.

Lily Rumfoord estremeceu e continuou a fingir que estava lendo o negócio de Harry Truman.

• • •

Barbara, a filha de Billy, chegou mais tarde naquele dia. Estava toda dopada e tinha o mesmo olhar vidrado do coitado do velho Edgar Derby, pouco antes de ser fuzilado em Dresden. Os médicos lhe tinham receitado pílulas para que pudesse continuar funcionando, embora seu pai estivesse inutilizado e sua mãe estivesse morta.

Coisas da vida.

Estava acompanhada de uma enfermeira. Seu irmão Robert estava voando para casa, de um campo de batalha no Vietnã.

— Papai... — disse ela hesitante. — Papai... ?

Billy, porém, estava a dez anos de distância, em 1958, examinando os olhos de um menino mongoloide para receitar-lhe lentes corretivas. A mãe do mongoloide estava lá, servindo de intérprete.

— Quantos pontos você está vendo? — perguntou-lhe Billy Pilgrim.

• • •

E depois Billy viajou no tempo para quando tinha 16 anos, na sala de espera de um médico. Billy tinha um polegar infeccionado. Só havia mais um paciente esperando... um homem muito velho. O velho estava em agonia por causa de gases. Soltou um peido tremendo e depois arrotou.

— Desculpe — disse a Billy. E aí fez de novo. — Meu Deus — disse ele — eu sabia que ficar velho era ruim. — Sacudiu a cabeça. — Não sabia que seria *tão* ruim assim.

• • •

Billy Pilgrim abriu os olhos no hospital em Vermont e não sabia onde estava. Seu filho Robert o estava observando. Robert vestia o uniforme dos famosos Boinas Verdes. Seu cabelo era curto, cerdas cor de trigo. Estava limpo e arrumado. As condecorações que usava eram o Coração de Púrpura, a Estrela de Prata e a Estrela de Bronze com dois ramos.

Era um menino que tinha levado pau na escola, que havia sido alcoólatra aos dezesseis anos, que tinha se associado com uma turma das piores, que tinha sido preso por derrubar centenas de lápides num

cemitério católico, certa vez. Agora estava todo certinho. Sua postura era maravilhosa, seus sapatos estavam engraxados, suas calças estavam vincadas e ele era um líder de homens.

— Papai... ?

Billy voltou a fechar os olhos.

• • •

Billy não pôde ir ao enterro de sua mulher porque continuava muito doente. No entanto, estava consciente quando Valencia foi sepultada em Ilium. Desde que havia recobrado a consciência não tinha falado muito, nem reagido perceptivelmente à notícia da morte de Valencia, ao regresso de Robert e assim por diante... de modo que todos pensavam que ele estava apenas vegetando. Falou-se em operá-lo mais tarde, uma operação que pudesse melhorar a circulação do sangue para o cérebro.

Na realidade, a aparente apatia de Billy era apenas uma proteção. A apatia escondia um cérebro que fervilhava e faiscava de forma emocionante. O cérebro estava preparando cartas e conferências a respeito dos discos voadores, a desprezibilidade da morte e a verdadeira natureza do tempo.

• • •

O Professor Rumfoord disse coisas horríveis a respeito de Billy, não se importando que ele escutasse, pois estava certo de que Billy não tinha mais inteligência.

— Por que é que não o deixam *morrer*? — perguntou a Lily.

— Não sei — ela respondeu.

— Aquilo não é mais gente. Os médicos são para gente. Deviam confiá-lo a um veterinário ou a um botânico. Eles *saberiam* o que fazer. Olhe só para ele! De acordo com os médicos, isto é vida. A vida não é formidável?

— Não sei — retrucou Lily.

Certa vez, Rumfoord falou a Lily a respeito do bombardeio, de Dresden e Billy ouviu tudo. Rumfoord tinha um problema a respeito de Dresden. Sua história em um volume da Força Aérea do Exército na Segunda Guerra Mundial devia ser uma condensação de fácil leitura da *História Oficial da Força Aérea do Exército na Segunda Guerra Mundial*, em 27 volumes. O problema, porém, era que não havia quase nada nos 27 volumes a respeito do ataque contra Dresden, apesar do seu sucesso retumbante. A extensão do sucesso vinha sendo mantida secreta durante muitos anos — secreta para o povo americano. Não era, naturalmente, segredo para os alemães ou para os russos, que ocuparam Dresden depois da guerra e que ainda estão lá.

• • •

— Os americanos finalmente souberam a respeito de Dresden — disse Rumfoord, 23 anos depois do ataque. — Muitos deles sabem que foi bem pior do que Hiroshima. De modo que tenho de botar alguma coisa no meu livro. Do ponto de vista oficial da Força Aérea, será tudo novidade.

— Por que guardaram segredo durante tanto tempo? — perguntou

Lily.

— Medo de que uma porção de inocentes úteis talvez não achassem a coisa tão formidável assim — respondeu Rumfoord.

Foi aí que Billy Pilgrim se manifestou de forma inteligente: — Eu estive lá — disse ele.

• • •

Foi difícil para Rumfoord levar Billy a sério, já que ele tinha o outro na conta de uma não-pessoa, que faria melhor se estivesse morta. Agora, com Billy falando claro e objetivamente, os ouvidos de Rumfoord queriam tratar as palavras como se fossem uma língua estrangeira que não valesse a pena aprender.

— Que é que ele disse? — perguntou Rumfoord.

Lily teve que servir de intérprete: — Ele esteve lá — explicou.

— Esteve onde?

— Não sei — respondeu Lily. — Esteve onde? — perguntou a Billy.

— Dresden — disse Billy.

— Dresden — disse Lily a Rumfoord.

— Ele está apenas ecoando as nossas palavras — disse Rumfoord.

— Ah — disse Lily.

— Agora está com ecolalia.

— Ah.

• • •

Ecolalia é uma doença mental que faz as pessoas repetirem imediatamente o que as pessoas normais em volta estão dizendo. Mas Billy não tinha essa doença. Para o seu próprio bem-estar, Rumfoord simplesmente insistia em que Billy a tinha. Rumfoord estava pensando de maneira militar: que uma pessoa inconveniente, cuja morte ele, por motivos práticos, desejava intensamente, sofria de uma doença repelente.

• • •

Por várias horas Rumfoord continuou insistindo em que Billy estava agora com ecolalia. Algumas experiências foram feitas com Billy. Médicos e enfermeiras tentaram levar Billy a ecoar alguma coisa, mas Billy recusou-se a emitir qualquer som.

— Ele não está ecoando agora — disse Rumfoord com irritação. — No momento em que vocês forem embora, vai começar de novo.

Ninguém levou a sério o diagnóstico de Rumfoord. Todo o pessoal do hospital achava Rumfoord um velho odioso, convencido e cruel. Frequentemente ele dizia, de uma forma ou de outra, que as pessoas fracas mereciam morrer. Ao passo que o quadro de funcionários, naturalmente, era devotado à ideia de que era necessário ajudar os fracos o mais possível e que ninguém devia morrer.

• • •

Lá no hospital, Billy estava vivendo uma aventura comum às pessoas sem poder em tempo de guerra: estava procurando provar a um inimigo deliberadamente surdo e cego que ele era interessante de

escutar e de ver. Conservou-se mudo até o apagar das luzes à noite e então, quando tinha passado um longo período sem coisa alguma para ecoar, disse a Rumfoord: — Eu estive em Dresden durante o bombardeio. Eu era prisioneiro de guerra.

Rumfoord suspirou com impaciência.

— Palavra de honra — disse Billy Pilgrim. — Não acredita em mim?

— Precisamos falar disso agora? — respondeu Rumfoord. Tinha escutado, mas não acreditava.

— Nunca precisamos falar disso — falou Billy. — Só quero que saiba que estive lá.

• • •

Não se falou mais de Dresden naquela noite e Billy fechou os olhos, viajando no tempo até uma tarde de maio, dois dias depois do fim da Segunda Guerra Mundial na Europa. Billy e mais cinco prisioneiros americanos estavam viajando em uma carroça verde, em forma de caixão, que tinham encontrado abandonada, com cavalos e tudo, num subúrbio de Dresden. Agora estavam sendo puxados pelos cavalos por passagens estreitas abertas entre as ruínas lunares. Voltavam para o matadouro, em busca de recordações de guerra. Billy se lembrou do ruído dos cavalos dos leiteiros cedo de manhã em Ilium, quando era menino.

Billy estava sentado nos fundos do caixão sacolejante. Sua cabeça estava jogada para trás e suas narinas estavam entreabertas. Estava feliz. Estava aquecido. Havia comida na carroça e vinho, além de uma

câmara, uma coleção de selos, uma coruja empalhada e um relógio de estante que funcionava com as mudanças de pressão barométrica. Os americanos tinham entrado em casas vazias no subúrbio onde haviam estado aprisionados e tinham levado aqueles e muitos outros objetos.

Os proprietários, ouvindo falar que os russos estavam chegando, matando, roubando, violentando e queimando, haviam fugido.

Mas os russos ainda não tinham chegado, mesmo dois dias depois do fim da guerra. Nas ruínas reinava a paz. Billy viu apenas uma pessoa a caminho do matadouro. Era um velho que empurrava um carrinho de bebê. No carrinho havia panelas, xícaras, uma armação de guarda-chuva e outras coisas que ele, tinha encontrado.

• • •

Quando chegaram ao matadouro, Billy permaneceu na carroça tomando banho de sol. Os outros saíram à procura de recordações. Tempos mais tarde, os tralfamadorianos diriam a Billy para se concentrar nos momentos felizes de sua vida e não tomar conhecimento dos infelizes... para olhar apenas para as coisas bonitas enquanto esperasse a eternidade passar. Se esta espécie de seletividade tivesse sido possível para Billy, talvez escolhesse como seu momento mais feliz o cochilo ensolarado no fundo da carroça.

• • •

Cochilando ali, Billy estava armado. Era a primeira vez que andava armado desde o seu treinamento básico. Seus companheiros insistiram para que se armasse, pois só Deus sabia que espécie de

perigos podiam estar soltos nas covas da superfície da lua... cães selvagens, bandos de ratos cevados com cadáveres, maníacos e assassinos fugidos, soldados que não deixariam de matar até eles próprios serem mortos.

No cinto Billy carregava uma tremenda pistola de cavalaria. Na coronha tinha uma argola. Estava carregada de balas do tamanho de ovos de codorna. Billy a tinha achado na mesinha de cabeceira de uma casa. Esse era um dos aspectos do fim da guerra: quem quer que quisesse uma arma poderia consegui-la. Estavam espalhadas em todos os lugares. Billy tinha também um sabre. Era um sabre cerimonial da *Luftwaffe*. Tinha no cabo uma águia de bico aberto. A águia segurava uma suástica e olhava para baixo.

Billy encontrou-o espetado num poste telefônico. Tinha arrancado o sabre enquanto a carroça passava.

• • •

Agora o seu cochilo se tornou menos profundo ao ouvir um homem e uma mulher falando alemão em tom de piedade. As vozes estavam expressando comiseração lírica com alguém. Antes de abrir os olhos, pareceu a Billy que o tom de voz poderia ter sido o dos amigos de Jesus quando tiraram o seu corpo estropiado da cruz. Coisas da vida.

Billy abriu os olhos. Um homem e uma mulher de meia-idade estavam murmurando docemente para os cavalos. Notaram o que os americanos não tinham percebido: que as bocas dos cavalos estavam sangrando, rasgadas pelos freios, que os cascos dos cavalos estavam quebrados, transformando cada passo em agonia, que os cavalos estavam loucos de sede. Os americanos tinham tratado o seu meio de

transporte como se fosse tão sensível quanto um Chevrolet de seis cilindros.

• • •

Os dois amigos de cavalos foram até a outra ponta da carroça, onde podiam encarar Billy com olhares de condescendente repreensão... esse Billy Pilgrim comprido e frágil, tão ridículo em sua toga cor de anil e os sapatos prateados. Não tinham medo dele. Não tinham medo de coisa alguma. Eram médicos, obstetras, ambos. Tinham estado fazendo partos até a destruição completa dos hospitais. Agora estavam fazendo um piquenique perto de onde antigamente ficava o seu apartamento.

A mulher era de uma beleza meiga, translúcida por estar comendo apenas batatas durante tanto tempo. O homem usava um terno social, com gravata e tudo. As batatas o tinham deixado esquelético. Era tão alto quanto Billy e usava óculos trifocais de armação de aço. Esse casal, tão ligado a bebês, jamais tinha reproduzido, embora tivesse sido capaz de fazê-lo. Era um comentário interessante ao conceito da reprodução.

Em conjunto, conheciam nove línguas. A primeira que experimentaram, dirigindo-se a Billy, foi o polonês, já que ele estava usando aquelas roupas ridículas e os infelizes poloneses eram os palhaços involuntários da Segunda Guerra Mundial.

Billy perguntou-lhes em inglês o que é que queriam e o casal imediatamente o repreendeu, em inglês, pelo estado dos cavalos. Fizeram Billy saltar da carroça e examinar os animais. Quando Billy viu o estado do seu meio de transporte, irrompeu em lágrimas. Foi a

única coisa que o fez chorar durante a guerra.

• • •

Mais tarde, como optometrista de meia idade, chorava de vez em quando às escondidas e baixinho, mas nunca fazia *buuuáá́á* alto.

É por isto que a epígrafe deste livro é o quarteto do famoso cântico de Natal. Billy chorava muito pouco, embora visse muitas coisas merecedoras de lágrimas e, neste particular, pelo menos, assemelhava-se ao Cristo do cântico:

O mugido do gado
Desperta Jesus agora
Mas o Divino Infante
Não lamenta nem chora

Viajando no tempo, Billy voltou ao hospital em Vermont. O desjejum já havia terminado e, relutantemente, o Professor Rumfoord estava começando a se interessar por Billy como um ser humano. Rumfoord interrogou Billy bruscamente e convenceu-se de que realmente tinha estado em Dresden. Perguntou a Billy como tinha sido e Billy lhe falou dos cavalos e do casal fazendo piquenique na lua.

A história terminou assim: Billy e os médicos desatrelaram os cavalos mas estes não se mexeram. Suas patas doíam demais. E depois chegaram os russos em motocicletas e prenderam todo o mundo, com exceção dos cavalos.

Dois dias mais tarde, Billy foi entregue, aos americanos que o mandaram para casa num cargueiro muito lento chamado *Lucretia A. Mott*. Lucretia A Mott foi uma famosa sufragista americana. Estava morta. Coisas da vida.

• • •

— Não havia outro jeito — disse Rumfoord a Billy, referindo-se à destruição de Dresden.

— Eu sei — respondeu Billy.

— É a guerra.

— Eu sei. Não estou me queixando.

— A cidade deve ter virado um inferno.

— É — disse Billy.

— Tenha pena dos homens que foram obrigados a fazer isso.

— Tenho.

— Você deve ter passado um mal bocado, lá na cidade.

— Foi tudo bem. *Tudo* vai sempre bem e todo o mundo tem de fazer exatamente o que faz. Aprendi isso em Tralfamador.

• • •

A filha de Billy Pilgrim levou-o para casa, mais tarde naquele dia. Botou-o na cama e ligou os Dedos Mágicos. Havia uma enfermeira na casa. Billy foi proibido de trabalhar ou mesmo de sair, pelo menos por algum tempo. Estava sob observação.

Mas Billy saiu às escondidas, quando a enfermeira não estava olhando e foi de automóvel até Nova Iorque, onde esperava aparecer na televisão. Ia transmitir ao mundo as lições aprendidas em Tralfamador.

• • •

Billy Pilgrim foi ao Royalton Hotel, na Rua Quarenta e Quatro, em Nova Iorque. Por acaso recebeu o quarto que tinha sido o lar de George Jean Nathan, o crítico e jornalista. Segundo o conceito terráqueo de tempo, Nathan tinha morrido em 1958. Naturalmente, segundo o conceito tralfamadoriano, Nathan estava vivo em algum lugar e sempre estaria.

O quarto era pequeno e simples, só que ficava no último andar e tinha portas de vidro que davam para um terraço do tamanho do quarto. E, além do parapeito, estava o espaço aéreo acima da Rua Quarenta e Quatro. Billy debruçou-se sobre o parapeito e olhou para baixo, para as pessoas que iam e vinham. Pareciam tesourinhas agitadas. Eram muito engraçadas.

Fazia uma noite fresca e, depois de algum tempo, Billy entrou e fechou as portas de vidro. O ato de fechar as portas fez que se lembrasse de sua lua de mel. Tinha havido portas de vidro no seu ninho de amor em Cape Anne; havia-as ainda e sempre haveria.

Billy ligou a televisão, girando sem cessar o seletor de canais. Estava à procura de programas nos quais o deixariam aparecer. Mas ainda era muito cedo para programas que permitissem pronunciamentos de pessoas com pontos de vista peculiares. Apenas passava um pouco das oito e, portanto, todos os programas eram a

respeito de bobagens ou assassinatos. Coisas da vida.

• • •

Billy saiu do quarto, desceu pelo vagaroso elevador, foi até Times Square e parou diante da vitrine de uma livraria espalhafatosa. Na vitrine havia centenas de livro sobre fodas, sodomia e assassinatos, um guia as ruas de Nova Iorque, e um modelo da Estátua da Liberdade com um termômetro. E lá também, salpicados de fuligem e cagadelas de moscas, estavam quatro livros, em edição de bolso, do seu amigo Kilgore Trout.

No meio tempo, as notícias do dia estavam sendo escritas em fitas de luz num edifício às costas de Billy. A vitrine refletia as notícias. Eram a respeito de força e esportes, de raiva e morte. Coisas da vida.

Billy entrou na livraria.

• • •

Lá dentro um aviso dizia que, nos fundos, só era permitido a presença de adultos. Lá nos fundos havia máquinas nas quais se viam filmes de homens e moças sem roupa. Por 25 centavos podia-se ficar olhando durante um minuto. Também havia fotografias de gente nua à venda. Essas a gente podia levar para casa. As fotografias eram muito mais tralfamadorianas do que os filmes, pois a gente podia olhar para elas quando quisesse e elas sempre permaneceriam as mesmas. Vinte anos no futuro, aquelas moças ainda seriam jovens, sorridentes ou ardorosas, ou simplesmente idiotas, com as pernas bem abertas. Algumas chupavam pirulitos ou comiam bananas. E assim ficariam. E

as pirocas dos rapazes ainda estariam semi-eretas e os seus músculos seriam protuberantes como balas de canhão.

Billy Pilgrim, porém, não ficou seduzido pelos fundos da loja. Ficou emocionado com os livros de Kilgore Trout na vitrine. Os títulos eram todos novos para ele ou pelo menos pareciam ser. Abriu um dos livros. Não parecia haver mal nisso. Todo o mundo estava manuseando uma coisa ou outra. O nome do livro era *O Grande Quadro*. Leu alguns parágrafos e depois se deu conta de que o *tinha* lido mesmo, há muitos anos, no hospital para veteranos. Era a respeito de um homem e de uma mulher da Terra que haviam sido sequestrados por seres extraterrestres. Foram exibidos no jardim zoológico de um planeta chamado Zircon-212.

• • •

O casal fictício do zoológico tinha, numa das paredes de seu habitat, um grande quadro que supostamente mostrava as cotações da bolsa de valores e os preços de produtos básicos, um telégrafo e um telefone, supostamente ligados com a Terra. As criaturas de Zircon-212 disseram aos seus cativos que tinham investido para eles um milhão de dólares na Terra e que cabia aos dois administrar o dinheiro de tal forma que estivessem fabulosamente ricos quando voltassem à Terra.

O telefone, o grande quadro e o telégrafo eram naturalmente simulacros. Eram apenas incentivos para que os terráqueos representassem com vivacidade diante das multidões que vinham ao zoológico; para fazê-los pular e se regozijar, para exultar ou estar de mau humor, ou para arrancar os cabelos, para ficar com cagaço ou para se sentirem tão felizes como bebês nos braços da mãe.

No papel, os terráqueos estavam indo muito bem. Claro que isto fazia parte da farsa. A religião também entrou no meio. O telégrafo lembrou-lhes que o Presidente dos Estados Unidos havia proclamado a Semana Nacional da Prece e que todos deviam rezar. Os terráqueos tinham tido uma semana ruim na bolsa. Tinham perdido uma pequena fortuna em futuros de azeite de oliva. De modo que deram uma chance às orações.

Deu resultado. O azeite de oliva subiu.

• • •

Outro livro de Kilgore Trout na vitrine era a respeito de um homem que construiu uma máquina de tempo para voltar e ver Jesus. Deu resultado e ele viu Jesus quando este tinha doze anos. Jesus estava aprendendo o ofício de carpinteiro com seu pai.

Dois soldados romanos entraram na oficina com um plano, desenhado em papiro, de um instrumento que queriam para a madrugada do dia seguinte. Era uma cruz para ser usada na execução de um agitador.

Jesus e seu pai construíram o instrumento. Ficaram contentes de ter conseguido o trabalho. E o agitador foi executado.

Coisas da vida.

• • •

Os homens que tomavam conta da loja pareciam quíntuplos: eram todos baixos, carecas e mastigavam charutos apagados e encharcados.

Jamais sorriam e cada um deles tinham um tamborete para se encarapitar. Estavam ganhando dinheiro com um bordel de papel e celuloide. Não estavam de pau duro. Nem Billy Pilgrim. Todos os outros estavam. Era uma loja ridícula que só tratava de amor e bebês.

Os balconistas de vez em quando mandavam alguém comprar ou sair andando e não apenas ficar olhando, olhando e manuseando, manuseando. Algumas das pessoas se entreolhavam em vez de examinarem a mercadoria.

Um balconista chegou perto de Billy e disse que coisas boas estavam nos fundos, que os livros que Billy estava lendo eram apenas enfeite de vitrine.

— Não é nada disto que você quer, pelo amor de Deus — disse ele. — O que você quer está lá nos *fundos*.

Portanto, Billy foi um pouco mais para dentro, mas não até onde era a parte só para adultos. Billy fez isso por cortesia distraída, levando consigo um livro de Trout aquele sobre Jesus e a máquina de tempo.

O viajante no tempo daquele livro voltou aos tempos bíblicos para descobrir especialmente uma coisa: se Jesus tinha mesmo morrido na cruz ou se tinha sido descido ainda com vida e se tinha mesmo continuado a viver. O mocinho levava consigo um estetoscópio.

Billy saltou as páginas até o fim do livro, onde o mocinho se misturou com as pessoas que estavam descendo Cristo da cruz. O viajante no tempo foi o primeiro a subir a escada, vestindo roupas da época, e chegou-se perto de Jesus para que não pudessem vê-lo usando o estetoscópio, e escutou.

Não havia som algum dentro daquela caixa torácica emanciada. O Filho de Deus estava mortinho.

Coisas da vida.

O viajante no tempo, cujo nome era Lance Corwin, também conseguiu medir a altura de Jesus, mas não pesá-lo. A altura de Jesus era de um metro e sessenta e um.

• • •

Outro balconista aproximou-se de Billy e perguntou-lhe se ia comprar o livro ou não, e Billy disse que queria comprá-lo, sim, por favor. Estava de costas para uma estante de livros de bolso a respeito de contatos genitais, desde o Egito antigo até hoje e assim por diante, e o balconista pensou que Billy estivesse lendo um daqueles. Assim, ficou surpreendido quando viu o livro de Billy, e disse: — Nossa Senhora, onde é que você encontrou isso aí? — e assim por diante e foi contar aos outros balconistas sobre o tarado que queria comprar um livro de enfeite de vitrine. Os outros balconistas já sabiam tudo a respeito, pois também estavam observando Billy há algum tempo.

A caixa registradora, onde Billy ficou esperando o seu troco, estava perto de uma pilha de velhas revistas de nus. Pelo canto do olho, Billy viu numa das capas a seguinte pergunta: *O que realmente houve com Montana Wildhack?*

• • •

De modo que Billy leu a história. Claro que sabia onde Montana Wildhack estava *realmente*. Estava em Tralfamador, cuidando do bebê, mas a revista, que se chamava *Gatinhas da Meia-Noite*, garantia que ela estava vestindo um pijama de cimento sob trinta braças de

água salgada, na baía de São Pedro.

Coisas da vida.

Billy sentiu vontade de rir. A revista, que era publicada para homens solitários tocarem punheta, divulgou a história como pretexto para publicar fotografias de filmes pornográficos que Montana tinha feito quando adolescente. Billy não examinou as fotos de perto. Eram granulosas, todas fuligem e giz. Poderiam ser de qualquer pessoa.

Novamente Billy foi dirigido aos fundos da loja e desta vez foi. Um marinheiro de ar vivido afastou-se de uma das máquinas enquanto o filme ainda estava passando. Billy deu uma espiada e viu Montana Wildhack deitada na cama sozinha, descascando uma banana. O quadro apagou-se. Billy não queria ver o que vinha depois e o balconista voltou a importuná-lo, para vir ver as coisas boas de verdade que guardava debaixo do balcão para os entendidos.

Billy sentiu um pouco de curiosidade de saber o que é que poderia estar escondido naquele lugar. O balconista lançou-lhe um olhar safado e mostrou. Era a fotografia de uma mulher e de um pônei, que estavam tentando ter relações sexuais entre duas colunas dóricas, diante de cortinas de veludo franjadas de bolinhas.

• • •

Billy não apareceu em nenhum programa de televisão em Nova Iorque naquela noite, mas conseguiu participar de um programa de rádio. Havia uma estação de rádio vizinha ao hotel de Billy. Viu as letras do seu prefixo acima da entrada de um edifício comercial e entrou. Subiu até o estúdio num elevador automático e lá em cima havia mais gente,

esperando para entrar. Eram críticos literários e pensaram que Billy também fosse. Iam debater se o romance estava morto ou não. Coisas da vida.

Billy tomou o seu lugar junto com os outros em torno de uma mesa de carvalho, com um microfone só para ele. O mediador perguntou-lhe seu nome e o do seu jornal. Billy disse que era da *Gazeta de Ilium*.

Sentia-se nervoso e feliz.

— Se um dia estiverem em Cody, Wyoming — disse consigo mesmo — basta perguntar por Bob Valentão.

• • •

Billy levantou a mão logo no início do programa, mas não o chamaram de imediato. Outros lhe passaram à frente. Um deles disse que era hora de enterrar o romance, agora que uma virginiana, cem anos depois de Appomattox[15], tinha escrito *A Cabana do Pai Tomás*. Outro disse que as pessoas não mais sabiam ler suficientemente bem para transformar as palavras impressas em situações emocionantes dentro de suas próprias cabeças, de modo que os autores eram obrigados a fazer o que Norman Mailer fazia, que era representar em público aquilo que tinha escrito. O mediador pediu aos presentes que expressassem o que achavam ser a função do romance na sociedade moderna, e um crítico disse, "Emprestar cor a salas pintadas de branco." Outro disse, "Descrever boquetes artisticamente." Outro disse, "Ensinar às esposas de jovens diretores de empresa o que comprar e como se comportar num restaurante francês."

E então chegou a vez de Billy falar. E lá se foi ele, com sua voz bem educada, contando a respeito dos discos voadores e Montana Wildhack e assim por diante.

Foi gentilmente levado para fora do estúdio durante um comercial. Voltou para o seu quarto de hotel, colocou uma moeda de 25 centavos na máquina de Dedos Mágicos ligada à sua cama e adormeceu. Viajou no tempo de volta a Tralfamador.

— Viajando no tempo de novo? — perguntou Montana. Na cúpula era noite artificial. Ela estava amamentando a criança.

— Hein? — fez Billy.

— Você andou viajando no tempo de novo. Eu sempre noto.

— Hum.

— Aonde foi desta vez? Não foi à guerra. Também sempre noto.

— Nova Iorque.

— A Grande Maçã.

— Hum?

— É como costumavam chamar Nova Iorque.

— Ah.

— Viu alguma peça ou filme?

— Não... passeei um pouco pelo Times Square e comprei um livro de Kilgore Trout.

— Sorte *sua*. — Ela não compartilhava do entusiasmo dele por Kilgore Trout.

Billy fez uma referência casual ao fato de que tinha visto um trecho de um filme pornográfico que ela tinha feito. A resposta dela

não foi menos casual. Foi tralfamadoriana e livre de culpa.

— Sim — disse ela — e eu ouvi falar de você na guerra, o palhaço que você era. E ouvi falar do professor de escola que foi fuzilado. Fez um filme pornográfico com um pelotão de fuzilamento. — Ela mudou o bebê de um seio para o outro, porque o momento era estruturado de tal forma que ela *teve* de fazê-lo.

Houve um silêncio.

— Estão brincando com os relógios de novo — disse Montana, levantando-se para colocar o bebê no berço. O que ela queria dizer é que os guardas estavam fazendo os relógios elétricos na cúpula andarem mais depressa, depois mais devagar e depois depressa mais uma vez, enquanto observavam a pequena família de terráqueos através de vigias.

Montana Wildhack usava uma corrente de prata no pescoço. Dependurado nesta corrente, entre os seus seios, havia um medalhão contendo uma fotografia de sua mãe alcoólatra — um negócio granuloso todo fuligem e giz. Poderia ser de qualquer pessoa. Gravadas do lado de fora do medalhão havia essas palavras:



Que Deus me dê serenidade para aceitar as coisas que não posso mudar, coragem para mudar as coisas que posso mudar, e juízo para sempre poder distingui-las.

10

ROBERT KENNEDY, cuja casa de veraneio fica a treze quilômetros da casa em que vivo o ano todo, foi alvejado anteontem. Morreu ontem. Coisas da vida.

Martin Luther King foi alvejado há um mês. Ele também morreu. Coisas da vida.

E todos os dias o meu governo me apresenta uma contagem dos cadáveres criados pela ciência militar no Vietnã. Coisas da vida.

Meu pai morreu há muitos anos... de morte natural. Coisas da vida. Era um homem bom. Era louco por armas. Deixou as armas para mim. Elas estão enferrujando.

• • •

Diz Billy Pilgrim que em Tralfamador não há muito interesse por Jesus Cristo. A figura terráquea mais simpática ao pensamento tralfamadoriano, diz ele, é Charles Darwin, cuja teoria é que aqueles que morrem estão destinados a morrer, que cadáveres representam uma melhoria. Coisas da vida.

• • •

O mesmo conceito aparece em "*O Grande Quadro*" de Kilgore Trout. As criaturas do disco voador que capturam o mocinho de Trout perguntaram-lhe a respeito de Darwin. Também lhe perguntam a respeito de golfe.

• • •

Se é verdade o que Billy Pilgrim aprendeu dos tralfamadorianos, que todos viveremos para sempre, por mais mortos que possamos às vezes parecer, eu não estou encantado. Contudo, se vou passar a eternidade visitando este ou aquele momento, fico grato porque muitos desses momentos são tão agradáveis.

Um dos mais agradáveis em épocas recentes ocorreu durante a minha viagem de volta a Dresden, com O'Hare, o meu velho camarada de armas.

Pegamos um avião das Linhas Aéreas Húngaras em Berlim Oriental. O piloto tinha um bigode de pontas retorcidas. Parecia-se com Adolphe Menjou. Fumava um charuto cubano enquanto o avião era abastecido. Quando levantamos voo ninguém falou em colocar cintos de segurança.

Uma vez lá no alto, um jovem comissário de bordo nos serviu pão de centeio, salame, manteiga, queijo e vinho branco. Não havia jeito de abrir a mesinha embutida à minha frente. O comissário foi até à cabine de comando e voltou com um abridor de latas de cerveja, que ele usou para forçar a mesinha a sair.

Havia apenas mais seis passageiros, que falavam muitas línguas. Pareciam também estar se divertindo bastante. Lá embaixo era a

Alemanha Oriental e as luzes estavam acesas. Imaginei lançar bombas sobre aquelas luzes, aqueles povoados, aldeias e cidades.

• • •

O'Hare e eu jamais havíamos imaginado ganhar dinheiro... e aí estávamos nós, muito bem de vida.

— Se um dia estiver em Cody, Wyoming — disse eu com displicência — basta perguntar por Bob Valentão.

• • •

O'Hare tinha um livrinho de notas, cujas últimas páginas traziam tarifas postais, distancias aéreas, a altitude de montanhas famosas e outros fatos importantes a respeito do mundo. Estava procurando a população de Dresden, que não constava do livrinho, quando topou com essa passagem, que me deu para ler:

> *Em média, no mundo todo, nascem 324.000 crianças por dia. Durante esse mesmo dia, em media 10.000 pessoas terão morrido de fome ou subnutrição.* Coisas da vida. *Além disso, 123.000 pessoas morrerão por outras causas.* Coisas da vida. *Isto deixa um saldo positivo de 191.000 por dia no mundo inteiro. O Departamento de Dados Populacionais prediz que a população total do mundo terá dobrado para 7.000.000.000 antes do ano 2000.*

— Na certa todos quererão ter dignidade — disse eu.

— Na certa — disse O'Hare.

• • •

Entrementes, Billy também estava voltando a Dresden, mas não no presente. Estava voltando para lá em 1945, dois dias depois da destruição da cidade. Agora Billy e os outros estavam sendo levados às ruínas pelos seus guardas. Eu estava lá. O'Hare estava lá. Tínhamos passado as duas últimas noites na estrebaria do estalajadeiro cego. As autoridades nos haviam encontrado lá e nos disseram o que fazer. Devíamos arranjar emprestados, de nossos vizinhos, picaretas e pás, pés de cabra e carrinhos de mão. Com esses utensílios deveríamos seguir para o lugar tal e tal nas ruínas, prontos para trabalhar.

• • •

Havia barricadas nas estradas principais que levavam às ruínas. Os alemães não podiam passar por ali. Não tinham permissão para explorar a lua.

• • •

Prisioneiros de guerra de muitos países se reuniram naquela manhã, no lugar tal e tal em Dresden. Tinha sido decretado que era ali que começariam as escavações de cadáveres. E as escavações começaram.

O companheiro de trabalho de Billy era um maori que tinha sido

capturado em Tobruk. Era da cor de chocolate. Tinha redemoinhos tatuados na testa e nas faces. Billy e o maori começaram a escavar o cascalho inerte e pouco promissor da Lua. Os materiais estavam soltos, de modo que houve constantes mini avalanches.

Muitos buracos foram abertos ao mesmo tempo. Ninguém sabia ainda o que havia para encontrar. A maioria dos buracos deu em nada: em calçadas ou pedregulhos tão grandes que não podiam ser removidos. Não havia máquinas. Nem mesmo cavalos ou mulas ou bois podiam atravessar a paisagem lunar.

Billy e o maori e outros que os ajudavam naquele buraco específico chegaram, por fim, a uma membrana de pedaços de madeira entrelaçados sobre rochas que se tinham fixado uma contra a outra para formar uma cúpula acidental. Abriram um buraco naquela membrana. Debaixo dela havia escuridão e espaço.

Um soldado alemão, munido de lanterna, desceu escuridão adentro e se demorou um longo tempo. Quando finalmente retornou, disse a um superior parado à beira do buraco que havia dezenas de cadáveres lá embaixo. Estavam sentados em bancos, incólumes.

Coisas da vida.

O superior mandou que a abertura na membrana fosse ampliada e que uma escada fosse colocada no buraco, para que os corpos pudessem ser retirados. Assim surgiu a primeira mina de cadáveres em Dresden.

• • •

Pouco demorou para que houvesse centenas de minas de cadáveres

funcionando. A princípio não cheiravam mal; eram como museus de cera. Mas depois os corpos apodreceram e se liquifizeram, e o fedor era como de rosas e gás mostarda.

Coisas da vida.

O maori com quem Billy tinha trabalhado morreu de vômitos, depois de ter recebido ordem para descer àquele fedor e trabalhar. Ele se fez em pedaços, vomitando e vomitando sem parar.

Coisas da vida.

Portanto, elaborou-se uma técnica nova. Os corpos não eram mais trazidos para cima. Eram cremados por soldados com lança-chamas, no lugar em que eram encontrados. Os soldados ficavam fora dos abrigos e simplesmente lançavam o fogo para dentro.

Em algum lugar o coitado do velho professor de escola, Edgar Derby, foi pego com uma chaleira que ele tinha tirado de uma das catacumbas. Foi preso por pilhagem. Foi julgado e fuzilado.

Coisas da vida.

Em algum lugar se fazia primavera. As minas de cadáveres foram fechadas. Os soldados todos partiram para lutar contra os russos. Nos subúrbios, mulheres e crianças abriam trincheiras. Billy e o resto do grupo foram trancados num estábulo dos subúrbios. E certa manhã acordaram para descobrir que a porta estava aberta. A Segunda Guerra Mundial na Europa tinha terminado.

Billy e o resto saíram à rua sombreada. As folhas das árvores nasciam. Nada se movia, não havia qualquer tráfego. Só se via um único veículo, uma carroça abandonada puxada por dois cavalos. A carroça era verde, em forma de caixão.

Os passarinhos conversavam.

Um passarinho disse a Billy Pilgrim:

Piu-piu-piu?

• • • • • •

Notas

[1] *O mugido do gado / Desperta Jesus agora / Mas o Divino Infante / Não lamenta nem chora.*

[2] Tradução literal: *Era uma vez um jovem de Istambul, / que falava assim com seu pau: / "Você pegou toda a minha riqueza, / acabou com a minha saúde / e agora nem mija, seu idiota".* (N. do T.)

[3] Personagens de quadrinhos criados pelo norte-americano Bud Fischer. (N. do T.)

[4] Agências noticiosas *Associated Press* e *United Press*. (N. do T.)

[5] A associação *United World Federalists*, chamada posteriormente de *World Federalist Association*, foi criada em 1947 como uma sociedade entre organizações que se uniram em busca de objetivos comuns, entre os quais estavam criar um mundo no qual as nações trabalhassem juntas para acabar com as guerras e proteger direitos e liberdades. (N. do T.)

[6] "Ai de nós! Os anos correm céleres!" Expressão amargurada do poeta Horácio sobre a brevidade da vida. (N. do E.)

[7] Doutor em Direito (N. do T.)

[8] "Da cúpula da Frauenkirche eu vi aqueles escombros infelizes semeados em meio à bela ordem da cidade; então o sacristão louvou a arte do mestre de obras que, já pensando em tal caso indesejável, construíra a igreja e a cúpula à prova de bombardeios. Em seguida o bom sacristão apontou para as ruínas espalhadas por todos os lados e disse, pensativamente lacônico: Foi o inimigo quem fez isso!" (Tradução de Marcelo Backes)

[9] Associação Cristã de Moços. (N. do T.)

[10] Um grupo de extrema direita nos EUA. (N. do T.)

[11] Famosa ópera cômica inglesa. (N. do T.)

[12] Apelido dados pelos ingleses aos soldados alemães. (N. do T.)

[13] Siglas de diferentes organizações militares femininas americanas (N. do T.)

[14] Pintura que mostra três soldados da guerra de independência dos Estados Unidos. (N. do T.)

[15] Local da batalha que, em 1865, pôs fim à Guerra Civil Americana. (N. do T.)